

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM  
DOUTORADO EM ENFERMAGEM  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: FILOSOFIA, SAÚDE E  
SOCIEDADE**

**CARLOS ALBERTO MEDRANO**

**ENTRE O CÉU E O INFERNO:  
A GOVERNAMENTALIZAÇÃO DO BRINCAR**

**FLORIANÓPOLIS  
2010**

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da  
Universidade Federal de Santa Catarina

M492e Medrano, Carlos Alberto

Entre o céu e o inferno [tese] : a governamentalização  
do brincar / Carlos Alberto Medrano ; orientadora,  
Maria Bettina Camargo Bub. - Florianópolis, SC, 2010.  
208 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Ciências da Saúde. Programa de Pós-  
Graduação em Enfermagem.

Inclui referências

1. Enfermagem. 2. Brincar. 3. Infância. 4. Genealogia.  
5. Governo. 6. cuidado-de-si. I. Bub, Maria Bettina  
Camargo. II. Universidade Federal de Santa Catarina.  
Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. III. Título.

CDU 616-083

**CARLOS ALBERTO MEDRANO**

**ENTRE O CÉU E O INFERNO:  
A GOVERNAMENTALIZAÇÃO DO BRINCAR**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para obtenção do título de Doutor em Enfermagem – Área de Concentração: Filosofia, Saúde e Sociedade.

Orientadora: Dra. Maria Bettina Camargo Bub  
Linha de Pesquisa: Filosofia e Ética em Saúde e Enfermagem

**FLORIANÓPOLIS  
2010**

**CARLOS ALBERTO MEDRANO**

**ENTRE O CÉU E O INFERNO: A GOVERNAMENTALIZAÇÃO DO  
BRINCAR**

Esta TESE foi submetida ao processo de avaliação pela Banca Examinadora para obtenção do Título de:

**DOCTOR EM ENFERMAGEM**

e aprovada em 26 de fevereiro de 2010, atendendo às normas da legislação vigente da Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em Enfermagem, Área de Concentração: **Filosofia, Saúde e Sociedade**.

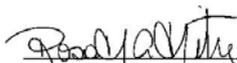


\_\_\_\_\_  
Dra. Flávia Regina Souza Ramos  
Coordenadora do Programa

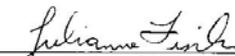
**Banca Examinadora:**



\_\_\_\_\_  
Dra. Maria Bettina Camargo Bub  
Presidente



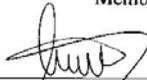
\_\_\_\_\_  
Dra. Rosa Maria de Araújo Mitre  
Membro



\_\_\_\_\_  
Dra. Julianne Fischer  
Membro



\_\_\_\_\_  
Dr. Selvino José Assmann  
Membro



\_\_\_\_\_  
Dra. Sandra Neemi C. Caponi  
Membro



\_\_\_\_\_  
Dra. Maria Itayra Padilha  
Membro

\_\_\_\_\_  
Dra. Helena H. Vaghetti  
Membro Suplente

\_\_\_\_\_  
Dra. Marisa Monticelli  
Membro Suplente

## Agradecimentos

À **Professora Dra. Maria Bettina Camargo Bub**, por ter me permitido brincar o suficiente para viver o doutorado de forma criativa, por todos os cuidados e pela competência com a que soube me orientar.

Ao **Programa de Pós-Graduação em Enfermagem - UFSC**, e os/as **professores/as** por abrir suas portas a quem vinha de longe, pela deferência e o respeito com que fui considerado e por tudo o que aprendi com eles/as.

À **CAPES**, por me conceder, através da Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, bolsa de estudos que possibilitou a realização desta pesquisa.

Ao **peçoal de apoio técnico** pela paciência durante todos estes anos e por terem facilitado tudo o que estava ao seu alcance.

Aos **colegas** com quem mutuamente nos acompanhamos e trocamos idéias e sonhos que alguma forma estão presentes neste trabalho.

À **Helena** que me ensinou e ajudou a entrar no trilho e por ser amiga e *compinche* todos estes anos.

Aos **membros da Banca de Qualificação** pelas contribuições e incentivo.

Aos **membros da Banca de Defesa** pela disponibilidade que demonstraram ao meu convite para análise do relatório final da pesquisa e pelas contribuições ao seu aprimoramento.

Aos **Professores Sandra Caponi e Selvino Assmann** pela disponibilidade, o apoio, por todo o que com eles

aprendi, por tudo o que eles me ensinaram e por ter deixado o “gostinho” de continuar pensando sobre pensamentos.

Aos **Amigos/as** que me acompanharam durante estes anos e aproximaram idéias, sugestões e companhia: Belma, Hugo, Jeisa, Maria Marcela, Mercedes.

À **Kakau** por ter-me “aturado” dois mestrados e um doutorado, por estar no meu lado em momentos difíceis e nem tanto.

Ao **Matias**, meu filho, porque com ele reaprendi o que é brincar e porque sim.

MEDRANO, Carlos Alberto. **Entre o céu e o inferno: a governamentalização do brincar**. 2010. 208 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

Orientador: Dra. Maria Bettina Camargo Bub  
Linha de Pesquisa: Filosofia e Ética em Saúde e Enfermagem

## RESUMO

“Entre o céu e o inferno: a governamentalização do brincar” problematiza genealogicamente os regimes de verdade construídos com a intenção de governamentalizar o brincar da criança a partir dos dispositivos presentes em manuais e livros de Higiene e de Puericultura publicados no Brasil entre 1868 e 2009. A tese a partir da qual se desenvolve este trabalho é que a partir de meados do século XIX emerge o brincar como sendo uma prática a ser governamentalizada por ter uma função tática e estratégica em relação ao desenvolvimento e constituição da subjetividade da criança. Esta governamentalização constrói regimes de verdade, estratégias biopolíticas e práticas de cuidado si. Porque conhecendo o brincar é que se conhece a criança, também ao adulto, em suma, uma forma de pensar a condição humana. Partindo da idéia de um sujeito que se constitui entre as técnicas de dominação e tecnologias de si, agonisticamente condenado a viver “entre” o caos e a ordem, em uma luta na qual nem se ganha nem se perde, simplesmente se combate. Depois de analisar os documentos, a partir da metodologia descrita por Foucault como genealogia, estamos em condições de reafirmar que o brincar é uma das operações com as quais um sujeito cria as condições de autogoverno conforme as práticas de cultura de si. Também que resulta difícil imaginar uma fórmula mais próxima a da *Parrhesia* que o próprio brincar. Porque não há fazer de conta que se brinca, ou se é verdadeiro, francamente verdadeiro no ato de brincar ou isso não é brincar. No intento de dominar e governar os corpos e as mentes das crianças, foram construídos modelos higiênicos que pela via eugênica, jurídica, educacional, se encarregaram de destituir de

diversas formas, a autonomia e o direito da família para escolher o tipo e a intensidade do vínculo pai – mãe – filho. Foi assim que descrevemos a existência de um dispositivo psicomédico-pedagógico para dar conta dos saberes necessários a serem construídos em relação à criança e os métodos de criação-educação como instrumento de governo.

**Palavras chave:** Brincar, governo, infância, genealogia, cuidado-de-si.

MEDRANO, Carlos Alberto. **Entre el cielo y el infierno: la gubernamentalización del jugar.** 2010. 208 f. Tesis (Doctorado en Enfermería) – Programa de postgraduación en Enfermería, Universidad Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

Orientador: Dra. Maria Bettina Camargo Bub

## RESUMEN

“Entre el cielo y el infierno: la gubernamentalización del jugar” problematiza genealógicamente los regímenes de verdad construidos con la intención de gubernamentalizar el jugar del niño / niña a partir de los dispositivos presentes en manuales y libros de higiene y puericultura publicados en Brasil entre 1868 y 2009. La Tesis a partir de la cual se desarrolla este trabajo es que a partir de mediados del siglo XX emerge el jugar para ser una práctica a ser gubernamentalizada por tener una función táctica y estratégica en relación al desarrollo y constitución de la subjetividad del niño / niña. Esta gubernamentalización construye regímenes de verdad, estrategias biopolíticas y prácticas de cuidado de sí. Porque conociendo el jugar es que se conoce al niño / niña y también al adulto, en suma una forma de pensar la condición humana. Partiendo de la idea de un sujeto que se constituye entre técnicas de dominación y tecnologías del yo, agonísticamente condenado a vivir “entre” o caos y el orden, en una lucha en la cual ni se gana ni se pierde, simplemente se combate. Después de analizar los documentos a partir de la metodología descrita por Foucault como genealogía, estamos en condiciones de reafirmar que el jugar es una de las operaciones con las cuales un sujeto crea las condiciones de autogobierno conforme las prácticas de cultura de sí. También que resulta difícil imaginar una fórmula más próxima a la de *Parrhesia* que el propio jugar. Porque no existe el hacer de cuenta que se juega, o es verdadero, francamente verdadero en el acto de jugar o eso no es jugar. En el intento de dominar y gobernar sobre los cuerpos y las mentes de los niños/ niñas fueron construidos modelos higiénicos que por las vías del eugenismo, jurídica, educacional, se encargaron de destituir, de diversas formas, la autonomía y el derecho de la familia para elegir el tipo y la intensidad del vínculo padre – madre – hijo. Fue

asi que describimos la existencia de un dispositivo psico-médico-pedagógico para establecer los conocimientos necesarios a ser construidos en relación a la infancia e los métodos de crianza – educación y como instrumentos de gobierno.

**Palabras llave:** jugar, genealogia, medicalización.

## ABSTRACT

"Between heaven and hell: the governmentality of playing discusses genealogically real schemes built with the intention to governmentalize child's playing through devices found in manuals and books of Health and Child Care, published in Brazil between 1868 and 2009. The thesis which this work is developed from is that from mid-nineteenth century, playing emerges as a practice to be governmentalized in order to have a tactical and strategic role in relation to the constitution and subjectivity of the child. This builds true governmentality regimes, biopolitical strategies and practices of care themselves. Because one can only know the child, and also the adult, by knowing the act of playing. In short, that is a way of thinking about the human condition. Starting from the idea of an individual self-compounded between the techniques of domination and technologies, condemned to live in agony "between" chaos and order in a fight in which one neither wins nor loses, just battles. After reviewing the documents, based on the methodology described by Foucault as genealogy, we are able to reiterate that the playing is one of the operations with which an individual creates the conditions for self-government according to the practices of culture itself. Also, it is difficult to imagine a closer formula to the Parrhesia than the playing itself. Because there is no make believing one plays: either it is true, frankly true, in the act of playing, or it is not playing. In the attempt to dominate and govern children's bodies and minds, hygienic models were built that through eugenist, legal, educational ways, that were in charge of dismissing the autonomy and right of families to choose the type and intensity of the relation father - mother - son. That is how we have described the existence of a psychomedical-pedagogical device to account for the knowledge needed to be built in relation to the child and the raising and educating methods as a government instrument.

**Keywords:** Playing - government - childhood - genealogy - caring for itself

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1: Quadro demonstrativo.....</b>	<b>70</b>
--	-----------

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE QUADROS.....</b>	<b>12</b>
<b>I MARCAS, TRAÇOS E RABISCOS .....</b>	<b>14</b>
<b>II PEÇAS SOLTAS OU NEM TANTO .....</b>	<b>29</b>
2.1 A LENTIDÃO .....	32
2.2 ESSES ANIMAIS.....	34
2.3 ACONTECIMENTALIZANDO – PROFANANDO .....	38
<b>2.3.1 Acontecimento.....</b>	<b>39</b>
<b>2.3.2 Profanação .....</b>	<b>40</b>
2.4 O GOVERNO E A GOVERNAMENTALIZAÇÃO .....	45
2.5 O BRINCAR COMO PHÁRMAKON .....	49
<b>III ENTRE PARTITURAS E IMPROVISAÇÕES.....</b>	<b>54</b>
3.1 A GENEALOGIA.....	55
3.2 AS FONTES, OS ARQUIVOS, OS DOCUMENTOS .....	67
<b>3.2.1 Diagnóstico da situação atual</b>	<b>67</b>
<b>IV SINFONIAS DAS INFÂNCIAS.....</b>	<b>72</b>
<b>V POLIFONIAS DO BRINCAR .....</b>	<b>96</b>
<b>VI NOVAS MÚSICAS, VELHOS INSTRUMENTOS: A MESMA CANÇÃO.....</b>	<b>130</b>
<b>VII A ORQUESTRA E DE COMO DIRIGI-LA OU DAS ANTIGAS CANÇÕES E MELODIAS .....</b>	<b>150</b>
7.1 AFINANDO OS INSTRUMENTOS .....	150
7.2 ABERTURAS.....	150
7.3 PRIMEIRO MOVIMENTO.....	163
7.4 SEGUNDO MOVIMENTO .....	172
7.5 TERCEIRO MOVIMENTO .....	178
<b>VIII POSLÚDIO EM SI.....</b>	<b>187</b>
<b>REFERENCIAS.....</b>	<b>197</b>

## I MARCAS, TRAÇOS E RABISCOS

Cada obra escrita puede ser considerada como el prólogo (o mas bien la tablilla perdida) de una obra jamás escrita y que permanece necesariamente así, puesto que, con respecto a ésta, las obras sucesivas (a su vez preludios o moldes de otras obras ausentes) no representan más que estacas o máscaras mortuorias. (AGAMBEN, 2003, p. 213)

Pensar este texto é ter de pensar as trilhas percorridas desde os anos da graduação, tempo mítico e ficcional<sup>1</sup>, a partir do qual podemos pensar histórias e também escrevê-las.

E é por isto que, outra história, outra minha história é a que está presente aqui nestas marcas que começo rabiscar. Também estão presentes outras marcas, as daqueles outros que têm deixado em mim, aquelas outras escritas que estão aqui e fazem parte deste texto. Mas, ao final das contas, quem pode constituir-se livre destas e outras marcas, destes e outros riscos<sup>2</sup> e rabiscos para e com eles produzir novos desenhos?

Marcas que acusam o passar do tempo, marcas que criam o tempo, que acusa a passagem e a presença de (O) outros na vida de cada um. Marcas que são restos de presenças. Presenças que não são mais do que condições a partir das quais um sujeito pode se constituir enquanto tal. E não se trata aqui das disponibilidades ou indisponibilidades de pessoas reais, senão das presenças através das quais (O)outros nos tornam humanos e, a partir das quais, construímos humanidade marcando, riscando e significando.

Temos então a idéia de um sujeito surgindo nos interstícios entre o si - mesmo e o (O)outro. Ou no dizer do Gross (2004) um processo de subjetivação que se dá no entrecruzamento entre técnicas de si e técnicas de dominação.

---

<sup>1</sup> Muito simplesmente, não sou um historiador. E não sou romancista. Pratico uma espécie de ficção histórica. [...] procuro provocar uma interferência entre nossa realidade e o que sabemos de nossa história passada. Se eu tenho sucesso, essa interferência produzirá reais efeitos em nossa história presente. Minha esperança é que meus livros tomem a sua verdade uma vez escritos, e não antes. (FOUCAULT, 2003a, p. 321).

<sup>2</sup> Risco como marca e risco como perigo ou possibilidade de perigo.

Cabe a nós perguntarmos, até que ponto um sujeito pode se constituir desde si? Ou seja, uma pergunta que trata de introduzir a discussão sobre as margens de liberdade e das práticas e cultura de si (FOUCAULT, 2004a) a partir das quais o sujeito dispõe de elementos para poder resistir, transgredir ou, no dizer de Agambem (2005), profanar o instituído elevado oportunamente e politicamente à dimensão de sagrado.

Pretendo conseguir manter ao longo desta narrativa este espírito profano. Causa e sentido das motivações que me levaram a mergulhar numa temática à qual tenho dedicado boa parte da minha vida profissional.

E, neste trabalho, vejo-me ensaiando. O ensaio<sup>3</sup> surge quando,

Primeiro o passado perdeu toda autoridade e, portanto, volta ser lido a partir do presente, mas sem nenhuma reverência, sem nenhuma submissão. Segundo, quando o futuro aparece como algo tão incerto, tão desconhecido, que é impossível se projetar nele. Terceiro, quando o próprio presente aparece como um tempo arbitrário, como um tempo que não foi escolhido, como um tempo que só pode ser tomado como uma morada contingente e provisória, na qual sempre nos sentiremos estranhos; como um tempo que escorre constantemente das nossas mãos, resistindo a qualquer uma das nossas tentativas de fixá-lo, de solidificá-lo de traçar a sua forma e seu perfil (LARROSA, 2004, p. 33).

Foucault entende o ensaio como um exercício filosófico por meio do qual é possível pensar a própria história pra, desse

---

<sup>3</sup> O ensaio é um "estudo bem desenvolvido, formal, discursivo e concludente, consistindo em exposição lógica e reflexiva e em argumentação rigorosa com alto nível de interpretação e julgamento pessoal. No ensaio há maior liberdade por parte do autor, no sentido de defender determinada posição sem que tenha que se apoiar no rigoroso e objetivo aparato de documentação empírica e bibliográfica. De fato, o ensaio não dispensa o rigor lógico e a coerência de argumentação e por isso mesmo exige grande informação cultural e muita maturidade intelectual" (SEVERINO, 1976, p.153). "É uma exposição metodológica dos assuntos realizados e das conclusões originais a que se chegou após apurado o exame de um assunto. O ensaio é problematizador, antidogmático e nele deve se sobressair o espírito crítico do autor e a originalidade" (MEDEIROS, 2000, p. 112).

modo, liberar o pensamento:

El “ensayo” – que hay que entender como prueba modificadora de si mismo en el juego de la verdad y no como apropiación simplificador del otro con fines de comunicación – es el cuerpo vivo de la filosofía, si por lo menos podemos ésta es todavía hoy lo que fue, es decir una “ascesis”, un ejercicio de si en el pensamiento (FOUCAULT, 2006, p. 12).

O ensaio como brincar, o brincar como ensaio, tal como pode-se brincar na “Rayuela” (amarelinha)<sup>4</sup>. O brincar como trabalho, como trabalho intelectual. Sendo assim: “Devia ser proibido debochar de quem se aventura em língua estrangeira” (Buarque, p.1). E, a partir disto, proceder à operação de dessacralizar: “*le jeu n’est donc au fond qu’une opération désacralisante*” (BENVENISTE, 1947, p.165)<sup>5</sup>.

Quais as conseqüências desta sentença?

Anseio pensar alguns acontecimentos, ou melhor, “**acontecimentalizar**”, que no dizer de Foucault é uma forma de produzir singularidade onde usualmente se estaria tentado traçar uma constante histórica, ou reconhecer marcas antropocêntricas, ou leituras que tentam abranger, a partir de certas evidências, o todo. Acontecimentalizar, fundamentalmente, é produzir rupturas

<sup>4</sup> “Foneticamente, Rayuela é uma palavra que rola pelo interior da boca, como um doce que se desfaz, mas é também verdade que O Jogo do Mundo é um bom compromisso para um título que não é fácil de traduzir em todas as suas tonalidades. De um modo literal, “rayuela” significa, jogo da macaca., esse jogo no qual se atira um seixo e se salta ao pé coxinho. Presumo que a rejeição deste título literal tenha a ver com o facto de a macaca, El apropiaria, não ter nenhuma ligação com a obra em questão. Já a idéia e a imagem desse jogo estão ligadas a um aspecto que talvez seja o mais referido quando se fala deste livro: a sua forma.

No seu início, o leitor encontra uma , tábua de orientação. Que sinaliza dois modos de ler este texto de Cortazar. Hoje, 45 anos depois, já é possível acrescentar que, para além das possibilidades, indicadas pelo autor, têm sido sugeridas várias outras. Este é um livro que, em seu momento, minimiza o seu leitor, facilitando-lhe o que quer que seja. Este é um livro que convoca cada leitor para dentro de si, que o solta num labirinto sem indicar a real saída, nem sequer se existe mesmo uma saída. O facto de não haver uma ordem única de leitura é um convite ao leitor intrépido para que arrisque encontrar os seus próprios caminhos nesta obra. Assim como terá de fazer nesse jogo que, como indica o título português, é o mundo, é a vida. Isto porque é a própria vida que nos é apresentada de um lado e de outro. A vida, para a qual não existe qualquer <tábua de orientação>. (PEIXOTO, 2008, p. 5-6).

<sup>5</sup> Então, o jogo não é mais do que uma operação iconoclasta (Tradução livre do autor)

(FOUCAULT, 2003b).

Viso pensar sobre pensamentos. Um pensar “que se interroga sobre o que permite ao sujeito ter acesso à verdade, forma de pensamento que tenta determinar as condições e os limites do acesso do sujeito à verdade” (FOUCAULT, 2004a, p.19).

Faço minha a pergunta de Foucault (1984), sobre até que ponto e de que maneira é possível introduzir a dimensão da diferença e qual o limite entre o que é factível de ser pensado criticamente no lugar de legitimar os saberes constituídos.

Perguntas que remetem a uma particular atividade que Foucault chama de atividade filosófica (2004a). Uma filosofia que entrelaçada à dimensão temporal se confunde e no mesmo ato se diferencia, que se constitui e se deixa constituir por esse tempo (*kairós*) que cria a história (AGAMBEN, 2003).

História e filosofia, filosofia e história. Narrativas onde o entrelaçamento de uma com a outra possibilita a criação de um rizoma e, a partir dele, o surgimento de outros espaços onde cartografar esses pensamentos<sup>6</sup>.

Resulta da operação cartográfica um mapa que está em aberto, que deixo em aberto<sup>7</sup>.

Para isto, me convoco à “oferta de jogo” feita por Foucault para participar da proposta de construir canteiros, conforme a como ele definiu seu trabalho: “Meus livros não são tratados de filosofia nem estudos históricos; no máximo fragmentos filosóficos no canteiro da história” (FOUCAULT, 2003b, p. 336).

Mas, sobre quais marcas, sobre quais escritas é que proponho fazer este pensar? Dentre quais, de todos os fragmentos de história e de filosofia, pretendo produzir algum tipo de acontecimento? Em quais desses canteiros, procurar, e, se possível, achar marcas, restos para com eles introduzir a problemática de uma infância governamentalizada? Mas, como veremos no decorrer da pesquisa, não se esgota na infância, senão que a perpassa, comprometendo a dimensão humana

<sup>6</sup> O rizoma tem como característica a de que qualquer ponto pode ser conectado a qualquer outro, desenhando uma rede de relações (DELEUZE e GUATARRI, 1995).

<sup>7</sup> É aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação (DELEUZE e GUATARRI, 1995, p. 22).

segundo objetivos populacionais que agonisticamente se debate no reconhecimento de uma subjetividade construída também a partir de si.

Preocupações que estão relacionadas com uma temática na qual vêm sendo necessário produzir acontecimentos, para que a tendência à cristalização de certos dispositivos acabe concretizando a anunciada morte da infância. São em definitiva as que Kafka descreve no texto “Preocupações de um padre de família” (KAFKA, 2010).

Este conto de Kafka, que foi escrito entre 1914 e 1917, narra sobre as reflexões e a relação de alguém, qualquer um de nós, com *Odradeck*. Controvertidos significados e interpretações foram dados a este personagem. De difícil definição, tal é o meu tema, tal meu canteiro. Retomarei as relações e diálogos com *Odradeck*, explícita ou implicitamente no decorrer deste trabalho. Ao final das contas, como veremos mais adiante, todos temos preocupações de pais de família. Em particular os trabalhadores do território da saúde quando convocados a higienizar e medicalizar à população.

O canteiro no que venho trabalhando, seja em escritos anteriores, seja nas minhas escolhas desiderativas, continua tendo o sabor daquilo que, parafraseando Kafka, parece não fazer mal a ninguém embora cause certa dor, saber que, afortunadamente me sobreviverá.

E isto, apesar de em alguns momentos ter achado que o tema estava esgotado e até me parecer impossível de ser mais uma vez desdobrado, é que o resgato aqui como elemento que, segundo o caso, alternadamente irá ocupando o centro ou a periferia neste trabalho<sup>8</sup>.

A estrutura deste projeto começa se construir a partir do posicionamento de elementos que ocupam e se organizam delimitando o campo desta pesquisa<sup>9</sup>.

---

<sup>8</sup> Um centro que se faz necessário indicar porque “uma estrutura privada de centro representa o próprio impensável” (DERRIDA, 2002, p.230).

<sup>9</sup> O centro não é o centro. O conceito de estrutura centrada – embora represente a própria coerência, a condição de *episteme* como filosofia ou como ciência – é contraditoriamente coerente. E como sempre, a coerência na contradição exprime a força de um desejo. O conceito de estrutura é, com efeito, o conceito de um jogo, *fundado*, constituído a partir de uma imobilidade fundadora e de uma certeza tranquilizadora, ela própria subtraída ao jogo. A partir desta certeza, a angustia pode ser dominada, a qual nasce sempre de uma certa maneira de estar implicado no jogo, de ser apanhado no jogo, de ser como ser logo de início no jogo. A partir do que

Retomando o problema de designar um centro, ou melhor, um nodo (de outros tantos possíveis) sobre o qual convergem feixes de relações, é sobre o brincar que recai inicialmente esta designação. Provisoriamente nome-a-lo-ei genericamente de **brincar**, e isto com todos os perigos que, por enquanto, assumo em virtude da polissemia deste vocábulo utilizado para descrever as mais diversas e contraditórias atividades e funções vinculadas a ações de um sujeito. Ações sobre a subjetividade e produção de subjetividade através do brincar e sua governamenta-lização que são analisadas e problematizadas nesta esta Tese.

Achado um centro, tive oportunidade de realizar operações tendentes ao descentramento. Descentrando puderam aparecer outros elementos – outros centros, outros nodos - com os quais foi possível reconstruir relações entre o sujeito e os dispositivos vinculados ao brincar, e às condições e vicissitudes históricas nas quais foram construídos.

Qual o modo produzir este descentramento? Este trabalho não é produto de um acontecimento possível de ser referido, de uma doutrina nem de um autor em particular. Cada descentramento é o produto da totalidade de uma época e por não ter um lugar natural senão uma função na qual se fazem indefinidas substituições de signos, Derrida (2002) conclui que na ausência de centro ou origem tudo se torna discurso enquanto entendamos por discurso um “sistema onde o significado central, originário ou transcendental, nunca está absolutamente fora de um sistema de diferenças” (DERRIDA,2002, p. 232).

O brincar é uma ação, uma de tantas outras, com a que produzimos elementos marcantes e com a qual deixamos marcas nos outros e em nós mesmos. Pelo menos, esta é uma idéia que durante o século XX foi construída consensualmente no âmbito acadêmico, no campo político, nas práticas e nas discursividades ligadas à infância.

Neste sentido, podemos começar a rabiscar e desenhar uma relação particular de contigüidade e reversibilidade que é a que foi estabelecida entre o jogar/brincar e a criança, entre a criança e o jogar/brincar. A Fita de Moebius<sup>10</sup> produz essa

---

chamamos portanto o centro e que, podendo igualmente estar fora e dentro, recebe indiferentemente os nomes de origem ou de fim [...] (DERRIDA, 2002, p. 230-231).

<sup>10</sup> A fita ou banda de Moebius é uma figura topológica que se refere a uma superfície retorcida sobre si mesma, na qual se passa por continuidade de uma face interior à outra exterior, sem ter a impressão de ter saído ou entrado.

particular topologia, que de alguma forma, ilustra as dobraduras entre as quais transito nesta pesquisa.

Mais adiante serão explicitados os elementos com os quais trabalhei durante a pesquisa. Mesmo assim quero adiantar neste momento do texto, que parte dela se sustenta na “necessidade de ir buscar os seus conceitos ao texto de uma herança mais ou menos coerente ou arruinada” (DERRIDA, 2002 p.239), entendendo como o próprio Derrida (2002), que se todo discurso é *bricoleur*, o trabalho a ser realizado é uma bricolagem, na qual se utilizam meios que se tem

[...] à disposição em torno de si, que já estão ali, que não foram especialmente concebidos para a operação na qual vão servir e à qual procuramos, por tentativas várias, adaptá-la, não hesitando em trocá-los, cada vez que isso parece necessário, em experimentar vários ao mesmo tempo, mesmo se a sua origem e a sua forma são heterogêneas, etc. (DERRIDA, 2002 p. 239).

Decidir falar do brincar mais uma vez, de novo, supôs o desafio de reconhecer, para poder começar, ao menos alguns dos pontos cegos presentes nas pesquisas anteriores nas quais trabalhei. Foi a partir da superação desses pontos escuros que surgiu a possibilidade de deixar emergir de novo, o novo, o diferente.

Uma das primeiras associações que surgiram, quando tentava repensar o brincar das crianças e construir um outro dizer sobre os saberes instituídos, foi desejo de vagabundear, de novo, como quando moleque. Moleque e molecagem parecem ser neste momento particular duas faces de uma mesma moeda. Jogo-a no ar. Moleque eu ganho, molecagem não perco.

Chega à lembrança, o eco de duas músicas. Uma delas, daqueles outros tempos, vinda além da minha formação em Psicologia, na longínqua Buenos Aires: “*Harto ya de estar harto, ya me canse...*” (SERRAT, 1971)<sup>11</sup>, a outra, mais próxima, mas

<sup>11</sup> *Vagabundear. Harto ya de estar harto, ya me cansé de preguntar al mundo Por qué y por qué. La rosa de los vientos me ha de ayudar. Y desde ahora vais a verme vagabundear, entre el cielo y el mar vagabundear. Como un cometa de caña y de papel, me iré tras una nube pa serle fiel a los montes, los ríos, el sol y el mar [...]* (SERRAT, 1971)

nem por isso menos antiga, mas as duas atuais e presentes: “Ai, que saudades que eu tenho dos meus doze anos, que saudade ingrata ...” (BUARQUE, 1977)<sup>12</sup>.

Farto de escutar, ler e escrever repetidamente quase as mesmas coisas em relação ao brincar da criança, de ouvir o lamento melancólico pelo brincar perdido ou roubado pela ação da modernidade, percebia a necessidade de alguma ruptura com essa continuidade, que era importante produzir em termos de acontecimento<sup>13</sup>.

Durante os últimos anos pesquisei a relação do brincar com os dispositivos biomédicos, psicanalíticos e da enfermagem no território hospitalar. E, isto, a partir da criação de “espaços para o brincar” nas instituições hospitalares que foram tomando diferentes denominações conforme a tradição que ia se impondo ou conforme os referenciais teóricos e ideológicos que lhes deram origem. Aqui vale lembrar que existe no Brasil uma Lei Federal, a Lei 11104/2005, que obriga a toda instituição que conte com enfermaria pediátrica, a criar um espaço para brincar denominado pela própria lei de brinquedoteca. Esta lei surge como consequência do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) de 1990 que reconhece como sendo o brincar um dos direitos a serem garantidos pelo Estado e a sociedade brasileira.

O pressuposto que permeava estes trabalhos e os de muitos outros, era de que o brincar aportava benefícios para a saúde das crianças hospitalizadas. Uma forma de fazer emergir uma espécie de fada madrinha ou anjo da guarda que protegeria as crianças da experiência traumática da hospitalização. Até aqui o consenso tomou conta do espírito e das políticas tendentes a humanizar o atendimento hospitalar até o ponto de serem criadas normativas para garantir o efetivo cuidado - pelo menos no papel - das crianças nas enfermarias pediátricas<sup>14</sup>.

Paralelamente são escutadas outras “realidades” que

---

<sup>12</sup> Doze anos. Ai, que saudades que eu tenho dos meus doze anos, Que saudade ingrata, Dar banda por aí fazendo grandes planos e chutando lata. Trocando figurinha, matando passarinho, colecionando minhoca. Jogando muito botão, rodopiando pião, fazendo troca-troca. Ai, que saudades que eu tenho duma travessura. O futebol de rua, sair pulando muro, olhando fechadura e vendo mulher nua. Comendo fruta no pé, chupando picolé, pé-de-moleque, paçoca. E, disputando troféu, guerra de pipa no céu, concurso de piroca. (CHICO BUARQUE, 1977)

<sup>13</sup> O conceito de Acontecimento será abordado num capítulo posterior.

<sup>14</sup> Por exemplo, a Lei Federal 11104/2005, anteriormente mencionada e a Resolução da COFEN N 295/2004.

referem relações perigosas entre a criança e o brincar (outros brincades? Outros jogares?). Aparecem aparelhos, brinquedos, jogos que apavoram o mundo adulto. Será que é a primeira vez? Ou será que, a relação do adulto biopoliticamente sujeitado com o brincar foi reproduzindo fantasmas apocalípticos durante todo o século XX? Isto não quer dizer que devemos desconhecer a existência em outros séculos - em outros tempos - de outros fantasmas que fizeram parte das mitopolíticas ligadas ou relacionadas com a infância e o brincar.

Acredito que esta relação conflituosa e sintomática de um mal-estar cultural<sup>15</sup> com o brincar acabou ocupando o espaço público e privado, produzido e difundido a partir de saberes acadêmica, profissional e popularmente construídos - especificamente durante o século XX - de diferentes técnicas e meios que poderíamos chamar de exagerados em relação a esta temática.

Lembrando o pensamento de Agamben mencionado no início deste capítulo, os prólogos a esta Tese de Doutorado, que trago como antecedentes são alguns dos textos construídos nos últimos anos. Em primeiro lugar, a Dissertação de Mestrado defendida no Curso de Pós-Graduação em Saúde Pública na Universidade Federal de Santa Catarina, (UFSC) orientada pela Professora Doutora Sandra Caponi intitulada “Saúde Pública, Psicanálise e Infância: do silêncio ao brincar. História do presente dos espaços para o brincar no campo da saúde” (MEDRANO, 2003). Também, a Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFSC, orientada pela Professora Doutora Maria Itayra Souza Padilha com o título: “Do brincar pestilento ao brinquedo esterilizado. Uma análise foucaultiana” (MEDRANO, 2005) e, por último, um texto que deu origem ao presente projeto que é uma reflexão apresentada no Seminário Foucault Perspectivas no ano de 2004, intitulado “Para uma genealogia do brincar” (MEDRANO, 2004).

Na pesquisa realizada durante o curso de Mestrado em Saúde Pública analisei os determinantes histórico-ideológicos que possibilitaram o encontro entre a Saúde Pública e a Psicanálise nos espaços para o brincar como condição para que

---

<sup>15</sup> Ver “O mal-estar na civilização” (FREUD 1930).

estes não sejam sugados pelos dispositivos disciplinares, numa tentativa de higienizar as mentes e os corpos das crianças. A desconstrução dos saberes ligados à saúde pública e à psicanálise parece ser o caminho para manter vivo o desafio de permitir outras formas de ser criança e de transformar as lógicas institucionais ligadas à infância.

Levando em conta que o sentimento<sup>16</sup> da infância e o reconhecimento do brincar como inerente à condição de criança são relativamente recentes, podemos afirmar que o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (BRASIL, 1990) institui um antes e um depois na condição jurídica dos menores no Brasil. A passagem de objeto ao de sujeito pleno de direito, significou que o brincar começasse a ser reconhecido como um direito a ser efetivamente garantido e defendido pela sociedade. O brincar é a fala da criança; através dele a criança vai construindo sua subjetividade. É por meio do brincar que a criança expressa seu sofrimento, suas esperanças...

Mostramos como a psicanálise pode ser um auxílio para que as práticas da saúde pública possam ser repensadas e, a partir daí, retificar seus dispositivos disciplinares. A psicanálise também possibilita a produção de um espaço no qual podem ser acolhidos os que demandam um refúgio para resistir o ser subjugado pela “ordem disciplinar”. O brincar pode manter vivo o desafio que a psicanálise propôs: ser uma chance. A chance de restituir a palavra dos sem voz, pois, a condenação ao silêncio não é privativa das crianças. Daí seu poder transformador de práticas e discursos ligados à saúde pública, à psicanálise e à infância (MEDRANO, 2003).

Por outro lado, na pesquisa desenvolvida durante o Mestrado em Enfermagem, o eixo da dissertação foi construído em relação ao conceito de brinquedo terapêutico. Este trabalho problematizou, historicizando a partir do referencial foucaultiano, um dos dispositivos presentes no cotidiano hospitalar no que se refere ao brincar da criança hospitalizada. Retrata a torção produzida pelas forças do biopoder e as tecnologias disciplinares de um dispositivo que surge recentemente no campo da enfermagem brasileira, que é chamado de Brinquedo Terapêutico. O brincar, tal como resulta da análise e

---

<sup>16</sup> Termo utilizado por P. Áries (1981) para designar a forma de representar a infância como construção social, histórica e cultural.

interpretação dos dados que surgiram das fontes consultadas, aparece sendo aprisionado, primeiro pelo saber acadêmico, para, depois, ser construído ao seu redor uma série de medidas administrativas e legislativas para disciplinarizar e medicalizar, quase como condição de entrada, senão de permanência no hospital. Ainda hoje, a preocupação principal é a de continuar justificando o valor de uma prática, de uma técnica.

Isso não parece ser suficiente para determinar, por exemplo, até que ponto os profissionais envolvidos com o brincar da criança hospitalizada contam com subsídios teóricos suficientes para organizar, gerenciar, conduzir atividades ligadas ao brincar da criança. Por outro lado, também não parece suficiente este tipo de produção para conseguir introduzir outra lógica que não continue sendo a dos dispositivos medicalizadores. Ou a partir do brincar o sujeito se produz, ou através do brinquedo (terapêutico e esterilizado) o produzimos, medicalizado, disciplinari-zado, dócil e obediente (MEDRANO, 2005).

Em relação à apresentação no Seminário Internacional “Foucault. Perspectivas” intitulada “Para uma genealogia do brincar” (MEDRANO, 2004) a idéia central foi introduzir a necessidade de fazer uma problematização que possibilitasse manter o instituinte vivo frente à força e às políticas de sujeições que o instituído, operando de forma alienante sobre os sujeitos, estagna toda possibilidade de saída e subversão subjetiva. A tese que sustento nesse trabalho é que o brincar pode ser relacionado com o poder instituinte em contraposição a toda uma série de operações presentes em múltiplos dispositivos de poder – saber vinculado às forças do instituído.

O brincar é um tema que em função da importância que tem em relação ao desenvolvimento e constituição da subjetividade da criança parece ser uma das chaves que abriria o segredo que encerra o mistério desta constituição. A compreensão da atividade do brincar permitiria a construção de dispositivos de controle e vigilância sobre os corpos e as mentes das crianças, mas também a transformação do brincar mesmo num (sub) produto (ferramenta) da biopolítica.

Um brincar apropriado pelo discurso educativo, que tenta amarrá-lo para poder vigiá-lo; apropriado pelo discurso médico, para tentar disciplinarizar as crianças ao dispositivo biomédico hospitalar; e, regulamentado pelo dispositivo jurídico (BRASIL,

1990; BRASIL, 2005). Esta tríade: dispositivo educacional – dispositivo de saúde – dispositivo jurídico, estudados amplamente e minuciosamente por Foucault (FOUCAULT, 1990a; 2002a), são reconhecíveis e merecem ser estudados geneologicamente em relação ao brincar, tal como aparece nos dizeres que envolvem a criança e a sua saúde.

Se pensarmos a genealogia como uma ontologia histórica em relação à verdade, de nós mesmos e em relação à ética a partir da qual nos constituímos como agentes morais (FOUCAULT, 1995a); é possível e necessário fazer passar pelo próprio crivo ontológico os dizeres em torno do brincar construídos na contemporaneidade. Isto leva a pensar uma ética (enquanto ação política) que consegue reconhecer nesta atividade, ou melhor, nos dispositivos ligados ao brincar, um território onde se entrecruzam: poder, corpo e verdade. Fazer um estudo que permita ir além de uma “ilusão” presente nas discursividades ligadas à infância e sua inocência é uma tarefa com a qual é necessário confrontarmos.

A seqüência: silêncio, dizer e brincar atravessa a história da infância. Esta seqüência histórica poderia supor o logro de um grau maior de liberdade para a expressividade da criança, a não ser porque os elementos constituintes desta aparente liberdade acabaram sendo parcialmente sugados pelos diferentes dispositivos disciplinares e de controle. Mesmo assim, esta seqüência tem um grau intrínseco de potencial subversivo da ordem estabelecida em resposta aos intentos de silenciar o que a infância tem a dizer ao mundo adulto.

A infância, entendida como construção histórica, ideológica e cultural conseguiu se fazer um lugar. Um lugar, espaço, território, no qual vêm se disputando inúmeras falas e dizeres em torno dela. São as falas a partir das quais cada sociedade, cada cultura, de cada tempo, cria, cuida e assassina a infância conforme as necessidades e interesses sociais, culturais e políticos determinados. A criança é mais do que a fala do social manda ser. É o Outro do discurso que estabelecerá as formas, limites e condições, de e para ser. Mas, vejamos, também, quais são as formas de resistência e construções necessárias, a partir das quais a própria criança consegue doar para si mesma um corpo, uma subjetividade.

Não se trata somente da questão da infância, senão da infantilidade. Esta aparece como o produto de um dispositivo que

por meio de procedimentos de poder disciplinares acabou sendo um campo propício para a construção de saberes e intervenções. As anátomo-políticas do corpo infantil e os dispositivos de controle de uma biopolítica que divide a população em infantil e adulta, fizeram da infância um elemento interior e exterior, familiar e estranho, que funciona segundo o modelo da Fita de Moebius, ao mesmo tempo da ordem do humano e do não-humano (CORAZZA, 2000; AGAMBEN, 2003).

Até aqui apresento alguns dos antecedentes, algumas das minhas marcas, com as quais assinalo a causa/origem desta Tese.

Uma das falas que continua fazendo questão de me acompanhar e me nortear em relação à forma de eu lidar com a construção do conhecimento, é um pensamento de Gaston Bachelard no qual afirma que “[...] o ato de conhecer dá-se *contra* um conhecimento anterior, destruindo conhecimentos mal estabelecidos, superando o que, no próprio espírito, é obstáculo à espiritualização” (BACHELARD, 2003, p.17).

São estas marcas, estes antecedentes, com os quais fui construindo, fiel a esta aventura, de conseguir, dentro do possível, estilhaçar esses obstáculos.

Eis aqui que coloquei como desafio, atravessar e transitar pela temática do brincar, não como um conjunto de trabalhos psíquicos necessários para o desenvolvimento/subjetivação da criança, ou uma atividade natural importante para o desenvolvimento, como o faria desde uma perspectiva psicanalítica ou psicológica, conforme minha formação profissional. Coloco este desafio como uma condição para a superação de alguns dos dizeres construídos durante o século XX a partir das conseqüências do biopoder. Obstáculos que obnubilam e que acabam produzindo, a partir das práticas e discursos em relação ao brincar, formas de subjetivação ou de des-subjetivação segundo a leitura que pretendamos fazer do nosso presente.

Não seria pela via da sujeição e da obediência que estes obstáculos podem ser superados. Será a partir de uma problematização dos saberes instituídos, do questionamento à “naturalização” do brincar, da percepção e do reconhecimento dos espaços/territórios de saber construídos em torno desta atividade.

Anjo e demônio, o brincar vem ocupando espaços nas

discursividades de acadêmicos, pesquisadores, educadores, profissionais da saúde, religiosos. Mas, é fundamentalmente no mundo adulto que, em nome da missão de se sentirem chamados e obrigados a cuidar da infância e das crianças, tencionam garantir e assegurar a sobrevivência e perpetuação de uma cultura, de um estilo de viver, de um modelo a preservar que podemos resumir no conceito de “razão de Estado” ou “política da população” (FOUCAULT, 1990b).

Exercer um domínio sobre os saberes e práticas do brincar é imaginar um domínio sobre aqueles que brincam. Embora em toda a história da humanidade, nunca a problemática da infância ocupou e preocupou tanto quanto durante o século XX, mobilizando juristas, educadores, políticos, clérigos, psicólogos e toda uma longa lista de profissionais ligados à problemática da criança, continua sendo necessário fazer e re-fazer trabalhos de revisão e reflexão dos elementos que ainda interditam o reconhecimento dessa reivindicação, enquanto direito à própria subjetividade.

Parafraseando o título do livro de Volnovich<sup>17</sup> podemos dizer, numa linha convergente com a idéia da existência de interdições em relação ao brincar, que reconhecemos a necessidade de reproblematicar este outro fenômeno que propomos chamar de **“o brincar do ‘século do brincar”**.

Com a intenção de problematicar o brincar, iniciei esta pesquisa a partir das seguintes perguntas:

- Como surge a necessidade de governamentalizar o brincar a partir do reconhecimento da importância para a constituição subjetiva da criança?
- Quais as consequências da governamentalização do brincar para a constituição da subjetividade da criança?
- Que regimes de verdade e estratégias de poder configuram atualmente o brincar como produtor de condutas indesejadas e/ou saudáveis na infância?

Desta forma foi se configurando a Tese que sustento ao longo deste trabalho e que consiste em que a partir de meados do século XIX emerge o brincar como sendo uma prática a ser governamentalizada por ter uma função tática e estratégica em

---

<sup>17</sup> Juan Carlos Volnovich no seu livro “El niño del ‘siglo del niño” (1999) descreve e analisa a situação criada em torno da criança, desde inícios do século XX, a partir do que ele chama de movimento de reivindicação da infância.

relação ao desenvolvimento e constituição da subjetividade da criança. Esta governamentalização constrói regimes de verdade, estratégias biopolíticas e práticas de cuidado si.

Para isto elaborei uma série de objetivos que orientaram esta pesquisa na que me propus: problematizar genealogicamente (emergência [ENTSTEHUNG]) e procedência [HERKUNFT]) a governamentalização do brincar a partir dos dispositivos presentes em manuais e livros de Higiene e de Puericultura publicados no Brasil entre 1868 e 2009, no que se refere à construção de regimes de verdade, estratégias biopolíticas e de cuidado-de-si, que vinculam esta prática como produtora de condutas na infância.

Em primeiro lugar necessitei identificar e analisar alguns dos domínios que configuram a governamentalidade do brincar e, posteriormente, caracterizar os regimes de verdade mais significativos para a ordem pública, tal como aparecem em manuais e livros de Higiene e de Puericultura publicados no Brasil entre 1868 e 2009.

Até aqui meus riscos, meus rabiscos e as marcas que durante o curso do Doutorado fui desenhando com o acompanhamento, de quem, em muitos sentidos me cuidou: minha orientadora, Dra. Maria Bettina Camargo Bub. Passo a provocar a metamorfose necessária para desvendar alguns dos segredos condensados em tais rabiscos, para com eles poder pensar outras marcas com as quais provocar outras realidades possíveis.

## II PEÇAS SOLTAS OU NEM TANTO

Sonho com uma nova era da curiosidade.  
(FOUCAULT, 1980).

O uso comum de uma língua ou de um idioma não implica necessariamente a compreensão mútua entre autor e leitor. Mesmo assim, é uma ilusão que esta compreensão tenha um caráter total. Com o objetivo de construir pontes entre alguns conceitos jogados até aqui e explicitar o sentido com que pretendo articulá-los, apresento uma série de considerações destinadas, não a fechar uma definição acabada de cada um deles, senão a abrir, quando possível, diferentes sentidos que cada um dos elementos pode nos oferecer lembrando o caráter de bricolagem que permeia a construção deste texto. Textos onde poder passear por conceitos, idéias, e algumas reflexões que permitirão uma aproximação pelos tópicos que sustentam teoricamente esta Tese.

Esta pesquisa nasce e se desenvolve a partir daquilo que chamei, no primeiro capítulo, de marcas, de restos, de rabiscos. Da necessidade de fazer com essas marcas, traços e rabiscos alguma coisa que leve a uma transmutação do instituído. Esta transmutação não seria outra coisa mais do que, conforme a arte do *bricoleur*, poder com os mesmos elementos, com os elementos que temos a mão diria Lévi-Strauss, construir uma outra configuração.

Embora o centro (provisório por certo) deste trabalho seja o brincar, o que merece e deve ser denunciado é o exercício de um poder difuso e sutil sobre a infância, a criança, o sujeito. Denunciar o poder aí onde ele se manifesta é, sinteticamente, uma das fórmulas nas quais é possível pensar o trabalho do intelectual conforme Foucault o explicita no texto “Los intelectuales y el poder” (1992).

Dentre os setores e os grupos sobre os que se exerce um poder abusivo a infância tem uma condição muito particular. É, talvez, a mais vulnerável e uma das que com maior passividade é vítima e alvo das políticas que, no nome do Estado, determinam modelos de conduta e ideais de comportamento a serem prescritos em torno dela. Seja, por excesso ou por

defeito, com ou sem (o) direito, nas práticas, sejam discursivas ou não discursivas, o poder se exerce através de ações com capacidade de alterar ou mudar a opressão, para mais ou para menos, nas suas mais diversas e diferentes formas.

Se tomarmos como exemplo os grupos aos que Foucault, no texto citado, menciona como grupos vulneráveis - os das mulheres, prisioneiros, soldados, doentes nos hospitais ou homossexuais - todos eles têm reagido com diferentes estratégias e estabelecido algum tipo de luta para contra-reatar os efeitos do poder exercido sobre eles a partir de imposições e de controle. Todos eles não somente reagiram, senão que fundamentalmente tiveram a capacidade de estabelecer algum tipo de resistência frente a esse poder abusivo. Sobre os resultados ou mudanças ou vicissitudes nas relações de poder decorrentes dessas lutas não entrarei em considerações particulares porque excedem o âmbito e o foco deste trabalho.

Foucault e Deleuze coincidem com a hipótese (pelo menos essa é a análise que fizeram) de que existe uma fragilidade radical no atual sistema de poder, porque é um sistema que não pode, que é incapaz de suportar tanto as perguntas quanto os protestos. Nós não seríamos demasiado inconvenientes para compartilhar esta visão. Mas tratando-se das crianças o problema não é tão simples.

Deleuze reconhece Foucault (1992) como tendo sido o primeiro a ensinar sobre a indignidade de falar pelos outros. Aqui radica uma das maiores dificuldades com a qual teremos de tentar - negociar (?) talvez - manter uma distância que nos permita cuidar da dignidade. Dignidade que não é outra coisa mais do que uma particular forma de nos relacionarmos com a verdade, uma particular forma de nos relacionarmos com a infância tal como nos é possível pensá-la na contemporaneidade.

Aquele modelo de intelectual que se coloca à margem ou como agente da consciência deve dar lugar a um outro que tenha como objetivo o trabalho de sacudir, bater e lutar contra as formas. Temos como desafio, como trabalho, construir um intelectual "allí donde este es a la vez el objeto y el instrumento en el orden del 'saber', de la 'verdad', de la 'consciencia', del 'discurso'" (FOUCAULT, 1992, p. 79).

É nessa direção que se orienta esta escrita e com a que tenciono deixar essas marcas capazes de produzir acontecimentos. "Qual seria, portanto, esse acontecimento?"

Teria a forma de uma ruptura e de um redobramento” (DERRIDA, 2002, p 229).

Esta orientação, este ato de inscrever estas marcas bem poderiam ser trabalhadas em outros espaços acadêmicos aparentemente mais afins a este tipo de propostas. A escolha deste âmbito em particular, o da saúde, não é inocente. Responde estrategicamente na pretensão de sacudir com perguntas, de bater com questionamentos ali onde se concentram historicamente – presente e passado - o modelo de uma saúde, o modelo de formas de subjetivação medicalizadas e higiênicas. Vale lembrar neste ponto, que um trabalho genealógico para Foucault deve partir necessariamente de uma questão presente: “Parto de um problema nos termos em que ele se coloca atualmente e tento fazer sua genealogia. Genealogia significa que encaminho a análise a partir de uma questão atual” (FOUCAULT, 2004b, p. 247). Podemos deixar por alguns momentos esta problemática que retomaremos mais adiante, para voltar sobre um dos pontos que devemos atravessar para dar seqüência à temática deste estudo.

Se nos impõe um dilema muito particular: como não falar pelos que não tem fala para que nós não sejamos indignos? Onde e como reconhecer a fala dos *in-fans*, dos sem voz? Quais os meios que cada criança dispõe para poder produzir sua própria revolução? Quais as formas de escutar o aparentemente indizível? Todo cuidado é pouco para evitar a indignidade.

Deveremos ao longo deste estudo evitar falar pela, falar de, para poder falar com ou junto à infância. Mas, onde bater? Quem ou que sacudir? Como lutar? Sem fugir de cada uma destas perguntas e, de muitas outras que poderíamos derivar delas, uma transitória e provisória resposta poderia ser: Onde o poder abusivo é mais invisível, onde é mais insidioso, até conseguir fazê-lo aparecer.

Reconhecemos no brincar, no produzido em torno do brincar essa qualidade de invisibilidade, insidiosa e mascarada discursividade. Bater, sacudir, despir um brincar sobre o qual todos nós temos uma representação intimamente construída e que contra toda racionalidade evitamos confrontar ou até questionar.

Sobre o brincar não há quem não opine, afirme, negue, defenda ou ataque com veemência, nesse seu núcleo íntimo e privado, a relação que cada um de nós acaba construindo em

relação ao brincar. E, isto, independentemente do grau de abstração ou conhecimento específico sobre o assunto. O que conta aqui são esses saberes, essas verdades que resistem serem questionadas.

## 2.1 A LENTIDÃO

Na tentativa de justificar o porquê da importância e a necessidade de fazer trabalhos de cunho filosófico – teórico num mundo tomado pela técnica e a pela lógica do que em algum momento chamei de ditadura dos “Três E”: eficácia – eficiência – efetividade (MEDRANO, 2006), farei um pequeno percurso da mão de alguns autores que me podem ajudar a explicitar, no sentido de descentrar esta questão a favor de um tipo de produção que vise a procura de forças capazes de produzir, não produtos, mas, sim, o produzir: “A forma fascina quando já não se tem a força de compreender a força no seu interior. Isto é a força de criar” (DERRIDA, 2002, p. 14).

Kafka descreve a Odradek da seguinte maneira:

A primera vista tiene el aspecto de un carrete de hilo en forma de estrella plana. Parece cubierto de hilo, pero más bien se trata de pedazos de hilo, de los tipos y colores más diversos, anudados o apelmazados entre sí. Pero no es únicamente un carrete de hilo, pues de su centro emerge un pequeño palito, al que está fijado otro, en ángulo recto. Con ayuda de este último, por un lado, y con una especie de prolongación que tiene uno de los radios, por el otro, el conjunto puede sostenerse como sobre dos patas (KAFKA, 2010).

Este trabalho leva a marca de um ritmo lento, tal o ritmo da contemplação e a reflexão. O tempo necessário para desvendar esse estranho e familiar personagem que Kafka descreve. Um tempo que pouco tem a ver com a velocidade a que nos convoca e que nos exige a contemporaneidade e o imperativo da produção a qualquer custo. O ritmo do artesão e o tempo atemporal da criação, o prazer e o valor no criar, no ir produzindo

criativamente.

Sirvo-me, nesta ocasião, de uma novela de Milan Kundera “La lentitud” (2001) - na verdade um dos fios de Odradek. Nesta novela, Kundera, se pergunta sobre porque tem desaparecido o prazer da lentidão, onde estão os passeantes, aqueles que nada fazem, os vagabundos. A revolução técnica tem dado ao homem o êxtase da velocidade. Nela o homem se encontra desapropriado do seu passado e do seu porvir. Ao contrário de quem anda em motocicleta, diz Kundera (2001), quem corre a pé está obrigado a estar sempre presente no seu corpo, a sentir suas ampolas, seu peso, sua respiração, é consciente mais do que nunca de si mesmo e da sua vida. Concluindo que no nosso mundo não há lugar para a ociosidade, mas sim para a desocupação. Fonte de frustração e aborrecimento ao procurar o movimento que lhe falta.

Nossa época se caracteriza por ser um tropel de acontecimentos confusos, onde não é possível distinguir as singularidades, que dá lugar a que não se consiga ter certeza de nada, nem sequer de nós mesmos. E isto leva Kundera a dizer que se o grau da lentidão é diretamente proporcional à intensidade da memória, no que ele chama de matemática existencial, o grau de velocidade deve ser diretamente proporcional à intensidade do esquecimento.

Nuestra época está obsesionada por el deseo de olvidar y, para realizar ese deseo, se entrega al demonio de la velocidad; acelera el paso porque no quiere que comprendamos que ya no desea que la recordemos; que está harta de si misma; asqueada de si misma; que quiere apagar la temblorosa llamita de la memoria (KUNDERA, 2001, p. 147).

O trabalho intelectual não foge da memória, pelo contrário, evoca uma, e outra vez as condições de possibilidade que deram lugar a todo um sistema de pensamento. Mas isto leva tempo, e o tempo ganha em importância fundamentalmente porque dentre as fraturas da realidade instituída se abre a possibilidade de ensaiar. Trata-se de criar uma nova experiência do presente, desse cotidiano que repetitivamente não deixa, ou não permite o tempo da reflexão e da pergunta.

## 2.2 ESSES ANIMAIS

Podemos reconhecer um fio que vincula essa operação dessacralizante da qual fala Benveniste (1947), o ato profanatório que introduz Agamben (2003) e o que para Foucault é a tarefa do intelectual.

Foucault percebe na relação que o homem tem com a verdade um tipo de vínculo, no qual reconhece a necessidade de sustentar uma ilusão para poder conviver, negando a sobredeterminação e sujeição ao O (outro):

Comprendo su malestar. Les ha resultado sin duda difícil reconocer que su historia, su economía, sus prácticas sociales, la lengua que hablan, la mitología de sus antepasados, los cuentos que les contaban en su infancia, obedecen a reglas que no pertenecen en su totalidad a su conciencia; no quieren verse desposeídos, por supuesto, de ese discurso del que desean poder decir inmediatamente y sin distancia lo que piensan, creen o imaginan. Prefieren negar que el discurso sea una práctica compleja y diferenciada que obedece a reglas y a transformaciones analizables en vez de ser privados de esta confortable certeza, tan tranquilizadora, que les permite poder cambiar, sino el mundo o la vida, al menos su 'sentido' mediante la fragancia de una palabra que no saldría más que de ellos mismos y permanecería indefinidamente lo más cerca del origen (FOUCAULT, [1980] S/D, p. 73-74).

Feito o diagnóstico, feita a denúncia e o reconhecimento da dificuldade para lidar com esse desconhecido que regula, controla a vida, Foucault vai dizer que a tarefa do intelectual é fundamentalmente política. Mas como devemos entender a tarefa política? E, em definitivo, como se relaciona o tema deste trabalho com a política?

Para começar retomo as perguntas a partir das quais Foucault, no texto citado, pretende construir uma idéia de intelectual capaz de lidar com os problemas que a contemporaneidade lhe coloca. Também não podemos esquecer

a representação que, em certos âmbitos, se tem da figura e função do intelectual:

Intelectuais, jamais os encontrei. Em contrapartida, encontrei muitas pessoas que falam do intelectual. E por ouvi-las, construí uma idéia do que podia ser esse animal. Não é difícil – ele é aquele que é culpado. Culpado, um pouco de tudo: de falar, de se calar, de nada fazer, de embaralhar tudo. Em suma, o intelectual é a matéria primeira de veredicto, de sentença, de condenação de exclusão [...] (FOUCAULT, 2005a, p. 300).

Como não privar de fundamento a uma intervenção política progressista e a aceitação do sistema ou à irrupção de uma violência exterior como forma de mudar os sistemas de opressão?

No texto “La función política del intelectual. Respuesta a una cuestión” ([1980] S/D), Foucault se reconhece parcialmente na caracterização feita sobre ele como sendo um pensador que introduziu a opressão do sistema e a descontinuidade na história do pensamento. Mesmo sentindo-se representado nessa caracterização, ele faz algumas observações e salvaguardas. A primeira delas é a de pluralizar a noção de sistema como conceito universal. Para isso, propõe a individualização dos discursos segundo critérios capazes de reconhecer o sistema lingüístico ao qual pertencem e a identidade do sujeito que o tem articulado.

Para esta individualização dos discursos Foucault propõe três grupos de critérios: os critérios de formação, os de transformação ou umbral e os de correlação (FOUCAULT, [1980] S/D).

Os critérios mencionados ajudam a que os temas totalizantes da história consigam ser substituídos por análises diferenciadas. Desta forma conseguiríamos descrever na *episteme* de uma época os desvios, as distâncias, as oposições, as diferenças e as relações entre os diferentes discursos científicos.

La *episteme* no es una especie de gran teoría subyacente, es un espacio de dispersión, un campo abierto y sin duda indefinidamente descriptible de relaciones. [...] La *episteme* no

es un estadio general de la razón, es una relación compleja de desniveles sucesivos (FOUCAULT, [1980] S/D, p. 50- 51).

A descontinuidade, a partir da crítica que ele faz a este conceito, só seria aceitável na medida em que seja abandonada a idéia de uma troca abstrata, geral e monótona. A idéia de descontinuidade deve estar acompanhada pela dispersão, sendo necessário analisar as transformações na sua especificidade. Para sermos mais exatos, devemos falar das descontinuidades - ele faz questão de reforçar a forma plural do termo em função de uma série de tipos de discursos nos que é necessário diferenciar e realizar:

- a análise na história das idéias ou da ciência das diferentes transformações efetuadas;
- a descrição do campo de possibilidades, a forma das operações e os tipos de transformação que caracterizam as práticas discursivas de um autor;
- mostrar que o discurso é um espaço de posições e de funcionamentos para o sujeito e não o lugar de irrupção da pura subjetividade;
- o reconhecimento das diferentes dependências discursivas (intradiscursivas, interdiscursivas e extradiscursivas) (FOUCAULT, [1980] S/D).

La discontinuidad es un juego de transformaciones especificadas, diferentes unas de otras (cada una con sus condiciones, sus reglas, su nivel) y ligadas entre si según esquemas de dependencia. La historia es el análisis descriptivo y la teoría de esas transformaciones (FOUCAULT, [1980] S/D p. 56).

Um dos conceitos chave no texto referenciado é o de arquivo. Foucault define o arquivo - o objeto do seu trabalho é segundo ele a descrição do arquivo - como o conjunto de regras que numa época e para uma sociedade definem os limites e as formas do dizível, da conservação, da memória, da reativação e da apropriação (FOUCAULT, [1980] S/D, p. 57). Trabalhar com arquivos é portanto poder encontrar esse conjunto de regras

presentes em cada um dos elementos que compõe uma episteme, conforme pensemos a partir da arqueologia foucaultiana ou, no caso da genealogia, no entendimento das tramas presentes nos diferentes dispositivos.

O arquivo não é aquilo ao que comumente é reduzido, quer dizer, a experiência da memória ou o retorno a uma origem, nem ao arcaico nem ao arqueológico; desistindo da busca de um tempo perdido (DERRIDA, 2001).

O arquivo para Derrida (2001) designa o começo e o comando. O arquivo designa um lugar desde o qual se exerce esse comando e um lugar onde as coisas começam. O arquivo como aquele lugar onde se depositam documentos aos cuidados dos *arcontes*.

Designavam-se arcontes:

Aos cidadãos que detinham e assim denotavam o poder político reconhecia-se o direito de fazer ou representar a lei. Levada em conta sua autoridade publicamente reconhecida, era em seu lar, nesse lugar que era a casa deles (casa particular, casa de família ou casa funcional) que se depositavam os documentos oficiais. Os arcontes foram os primeiros guardiões. Não eram responsáveis apenas pela segurança física do depósito e do suporte. Cabiam-lhes também o direito e a competência de hermenêuticos. Tinham o poder de interpretar os arquivos (DERRIDA, 2001, p. 12-13).

O arquivo como tal tem um lugar dentro da política, um topos; tem, também, uma lei que legitima o ato de arquivamento (quem pode e onde arquivar). Derrida (2001) vai incluir outra característica, a da consignação “que tende a coordenar um único *corpus* em um sistema ou uma sincronia na qual todos os elementos articulam a unidade de uma configuração ideal” (p. 14). Arquivar é um ato de conservação e de institucionalização. Faz a lei e estabelece uma ordem, mas também, fazendo-a respeitá-la.

[...] o arquivo como impressão, escritura, prótese ou técnica hipomnésica<sup>18</sup> em geral, não

<sup>18</sup> Por técnica hipomnésica Derrida entende o suplemento ou representante mnemotécnico auxiliar que faz parte do dispositivo documental.

é somente o local de estocagem e de conservação de um conteúdo arquivável *passado*, que existiria de qualquer jeito e de tal maneira que, sem o arquivo, acreditaríamos ainda que aquilo aconteceu ou teria acontecido. Não, a estrutura técnica do arquivo *arquivante* determina também a estrutura do arquivo *arquivável* em seu próprio surgimento e em sua relação com o futuro. O arquivamento tanto produz quanto registra o evento. É também nossa experiência política dos meios chamados de informação (DERRIDA, 2001, p. 28-29).

Mas, então, o que faz um intelectual, esse animal com os arquivos?

Em primeiro lugar, faz da sua prática uma prática política, transformando não os objetos ou as práticas das ciências, senão o sistema que oferece ao discurso científico esses objetos e essas práticas; transformando o sistema de formação dos conceitos com os quais a ciência posteriormente irá trabalhar.

Por conseguinte, esta pesquisa se inscreve nesta lógica de uma prática política, no intuito de provocar algum tipo de imprevisibilidade e instabilidade nos dispositivos criados em torno da governamentalização da infância através do brincar.

## 2.3 ACONTECIMENTALIZANDO – PROFANANDO

A intenção presente no objetivo deste trabalho que pretende problematizar a governamentalização do brincar supõe, como foi adiantado oportunamente, a produção de algum tipo de acontecimento, ou seja, uma análise sobre como se formaram as diferentes práticas (discursivas e não discursivas) em relação à atividade chamada de brincar para, a partir daí, produzir algum tipo de ruptura. Não uma ruptura radical nem a produção de uma nova *episteme* ou dispositivo, conforme façamos a análise desde o ponto de vista arqueológico ou genealógico, senão, como forma de produzir efeitos sobre a realidade.

Podemos aproximar a idéia de prática política como sendo uma das funções e conseqüências dos fazeres do trabalho

intelectual, da problematização do presente, tal como é elaborada a partir das noções de acontecimento (FOUCAULT, 2002b) e de profanação (AGAMBEN, 2005).

### 2.3.1 Acontecimento

Conforme Castro (2004), acontecimento é um conceito do qual Foucault se serve para caracterizar, de forma geral, a atividade filosófica e, em particular, a análise histórica na sua vertente arqueológica e genealógica.

Enumera quatro sentidos dados por Foucault ao conceito de acontecimento: como ruptura histórica, como regularidade histórica, como atualidade e como trabalho de acontecimentalização. Destes sentidos, podemos dizer que eles são complementares e não excludentes entre si. À medida que Foucault ia construindo o *corpus* teórico e incorporando novas formas de diagnosticar a atualidade, fundamentalmente nas duas grandes propostas metodológicas, o acontecimento passa ter características e funções singulares.

O sentido do acontecimento como **ruptura histórica** representa um momento do pensamento e da análise arqueológica. O acontecimento é aquilo que produz uma mudança radical nas formas de pensar e de organizar a realidade, acontecimento do qual só é possível reconhecer os efeitos e os signos por ele produzido: uma abertura pela qual uma *episteme* transmuta para outra.

A *episteme* não é o que se pode saber em uma época, tendo em conta insuficiências técnicas, hábitos mentais ou limites colocados pela tradição; é aquilo que, na positividade das práticas discursivas, torna possível a existência das figuras epistemológicas e das ciências; [...] é uma interrogação que só acolhe o dado da ciência a fim de se perguntar o que é, para essa ciência, o fato de ser conhecida (FOUCAULT, 2002c, p. 218).

Toda *episteme* supõe uma **regularidade discursiva** que se sustenta a partir de enunciados que tem uma determinação

geográfica e temporal. Analisar o acontecimento discursivo é poder conhecer as condições de existência que determinam a materialidade própria desses enunciados (CASTRO, 2004).

Estas duas formas de pensar o acontecimento (ruptura e regularidade) representam o momento em que Foucault fazia dos discursos o eixo a partir do qual compreender arqueologicamente a história.

O terceiro sentido de acontecimento, como **atualidade**, está incorporado à noção de genealogia. Acontecimento são as relações de forças presentes na história efetiva. O diagnóstico destas relações de forças permite conhecer os atravessamentos históricos que nos determinam e a partir dos quais poder traçar as táticas e estratégias de luta e a experiência de liberdade.

O acontecimento como **acontecimentalização** refere-se a uma das formas de proceder na análise histórica. Acontecimentalizar é fazer surgir a singularidade, é produzir a ruptura no preciso lugar onde se pretende construir ou manter uma constante histórica, um caráter antropológico particular ou impor evidências gerais: “por ello, se podría considerar como una filosofía del acontecimiento no solo la arqueología de los discursos, sino también la ontología del presente en la que el próprio Foucault se situa, esto es, la genealogia y la ética” (CASTRO, 2004, p. 22).

Estas duas últimas conceições se diferenciam das duas primeiras por exercer sobre a realidade uma ação. No caso do acontecimento como diagnóstico, fazer evidente uma realidade que leva implícita uma denúncia a qual não é possível pensá-la a não ser como uma intencionalidade e como uma ação política.

Se acontecimentalizar é produzir rupturas, a história não é o relato de sucessos, fatos ou acontecimentos passados, mais ou menos próximos, temporal e/ou geograficamente reconhecíveis. Acontecimentalizar é produzir história no momento de escrevê-la. O historiador desde esta perspectiva é sujeito produtor de história, é quem pretende exercer pela ação da escrita, da criação, um ato político.

### 2.3.2 Profanação

Se bem a produção de acontecimentos já é, e pode ser

considerada uma tarefa política própria do intelectual, pode ser complementada com uma operação que se relaciona com um conceito desenvolvido por Giorgio Agamben que é o de profanação.

A profanação é definida por Agamben (2005) como um ato de restituição para o livre uso dos homens daquilo outrora pertencente à ordem do sagrado.

Agamben se apóia na relação analisada por Benveniste entre o jogo<sup>19</sup> e o sagrado para desenvolver o conceito de profanação. Embora o jogo tenha surgido da esfera do sagrado, ao mesmo tempo representa sua inversão.

Em “Elogio de la profanación” (2005) Agamben começa estabelecendo que o que tem sido restituído ao uso comum dos homens, pode ser considerado como puro, livre dos nomes sagrados, profano. Ressalva que este uso não é produto de um processo natural senão de um ato: um ato de profanação. Para usar é necessário profanar, só pode ser profanado aquilo que ficou indisponível por pertencer aos deuses.

Tratando-se da questão que nos ocupa, cabe a nós, perguntarmos quais são os deuses que tomaram para si o brincar e determinaram a indisponibilidade deste a partir dos discursos e das práticas, das dietéticas, em suma dos dispositivos que pretendo analisar e que fazem parte desta história. Também resulta necessário, para produzir efeitos sobre a realidade, poder refletir sobre a direção que, em um dado momento, o brincar foi sendo subtraído para começar formar parte de um conjunto de saberes e verdades a serem respeitadas - veneradas em função da fé e do poder emanado da ciência e da razão.

O ato de subtrair coisas, lugares, pessoas do uso comum dos homens para serem transferidas para outra esfera separada, define, segundo Agamben (2005) a religião. Temos, então, duas direções possíveis de transferências: do sagrado ao profano ou do humano ao divino. Profanação e sacralização, respectivamente. A religião, segundo a análise etimológica que faz este autor, deriva do vocábulo latino *relegere* que é fundamentalmente uma atitude de escrúpulo e vacilação, de

---

<sup>19</sup> Utilizo a palavra jogo provisoriamente pelo fato de manter, até uma análise posterior, a literalidade do texto que remete ao termo italiano *gioco* traduzido par o espanhol e o português como *juego* e jogo respectivamente.

atenção às normas que são necessárias para manter a separação entre o humano e o divino.

Uma atitude negligente, livre e distraída em relação às normas que seguram a separação entre uns e outros é, no que consiste o ato profanatório, ignorar a separação e fazer dela um uso particular.

Uma das formas de passagem do sagrado ao profano se dá a partir de uma forma particular de uso que é:

completamente incongruente de lo sagrado. Se trata del juego [...] El juego libera y aparta a la humanidad de la esfera de lo sagrado pero sin abolirla simplemente. El uso al cual es restituido de lo sagrado es un uso especial, que no coincide con lo utilitario. La profanación del juego no atañe, en efecto, sólo a la esfera religiosa. Los niños que juegan con cualquier trasto viejo que encuentran, transforman en juguete aun aquello que pertenece a la esfera de la economía, de la guerra, del derecho y de las otras actividades que estamos acostumbrados a considerar como serias (AGAMBEN, 2005, p. 99-100).

Nada mais próximo a uma verdadeira separação, nada mais próximo a uma verdadeira atenção que o ato de jogar (e aqui poderíamos brincar com dois sentidos da palavra jogar: como ato de jogo ou como ato de tirar ou subtrair).

O jogo como uso particular do indisponível seria uma das formas de desativação da potência da economia, do direito e da política (AGAMBEN, 2005). A dificuldade do homem moderno para jogar reduz a capacidade e a potência para acontecimentalizar sobre os dispositivos e, com isso se confrontar com a (im) potência de resistir, para poder conhecer e experienciar a liberdade, o limite.

Muitas são as possibilidades que a partir do conceito de profanação, ou melhor, de poder pensar o jogo/brincar como ato profanatório, se abrem para re-problematizar os mecanismos de governo e governamentalização da infância.

Todo dispositivo de poder es siempre doble: él resulta, por un lado, de un comportamiento individual de subjetivación y, por el otro, de su captura en una esfera separada. El

comportamiento individual en sí no tiene , a menudo, nada de censurable y puede expresar más bien un intento liberatorio; es reprochable eventualmente –cuando no ha sido constreñido por las circunstancias o por la fuerza– solamente su haberse dejado capturar por el dispositivo (AGAMBEN, 2005, p. 118).

Para Agamben o capitalismo é um grande dispositivo de captura do que ele chama “medios puros” que equivale aos comportamentos profanatórios. A linguagem e o controle dele através dos meios de comunicação social é uma das estratégias para difundir a própria ideologia e induzir para a docilidade e obediência voluntária (AGAMBEN, 2005, p. 114). A linguagem tem o poder profanatório na medida em que um sujeito consiga se apropriar dele e a partir dessa apropriação ter poder de uso sobre ele. Neutralizar este poder é uma das formas de impedir “una nueva experiencia de la palabra” (p. 115).

Ao fazer da profanação “la tarea política de la generación que viene” (AGAMBEN, 2005, p.119), resulta pelo menos enigmática a afirmação deste autor ao pretender deixar para a próxima geração a responsabilidade desta tarefa, ou seja, arrancar a cada um dos dispositivos as possibilidades de uso por elas capturadas. Faz-se presente mais uma vez aquela velha idéia, a de ser a infância de hoje, a encarregada das transformações, políticas no caso, pela via da profanação, de construir um futuro diferente. Mas, então, o que haveria a ser feito hoje?

Proponho reinterpretar essa idéia à luz de outro significado do termo “geração”. Para Ferreira (2004) geração significa tanto ato de gerar, quanto cada grau de filiação de pai a filho, posteridade, descendência, linhagem e ascendência e genealogia. O valor da sentença é congruente e tem consistência interna com o pensamento de Agamben, se pensamos “a geração que vem” como sendo cada um de nós geradores, introduzindo e produzindo acontecimentos com efeitos políticos em relação ao presente em que vivemos.

Neste sentido somos geradores do “vir-a-ser”, potência de e da geração que vem, independentemente do grau de filiação que possamos ter em relação a uma estirpe ou a uma genealogia particular.

O peso particular que estou dando a essa fala resulta da posição estratégica que ela ocupa no texto em questão. É a idéia com a qual Agamben fecha seu trabalho “Elogio da profanação”, e, ao fechar, abre outros textos, outras ações, outras práticas chamadas a produzir acontecimentos, que são em definitivo, convites e convocatórias para atos de profanação.

Acompanhando no texto de Agamben a proposta profanatória, nos deparamos com a necessidade de analisar a polissemia dos termos brincar e jogar. Eles aparecem utilizados como sinônimos, ou, pelo menos, não diferenciados um do outro em relação ao trabalho que cada atividade é capaz de produzir. Por vezes, esta falta de diferenciação acontece de acordo com o sentido que cada autor pretende dar a estes conceitos e/ou conforme as teorias envolvidas, que não ressaltam as diferenças entre um e outro, ou como consequência das traduções realizadas dos originais escritos em línguas que não dispõem, como no caso do português, de duas palavras para designar estas duas atividades. Temos, então, o problema do uso dos mesmos termos, mas com sentidos e significados diferentes, e o problema de um mesmo sentido ou significado que é expresso a partir de diferentes termos.

No caso de Agamben, tanto na tradução para o espanhol quanto para o português, o termo italiano *gioco* é traduzido como *juego* e jogo, respectivamente.

Esta digressão em relação ao problema da utilização da palavra jogo e os efeitos sobre as análises apresentadas são para tentar dar conta de um conceito central, tal como o autor faz aparecer o *gioco* nos textos “Profanaciones” (AGAMBEN, 2005) e “Infância e História” (AGAMBEN, 2003). Utilizei provisoriamente o termo “jogo” num sentido genérico, tal como aparecem nos textos e traduções referenciados.

É por isto que propomos para uma etapa ulterior a desconstrução destes textos para poder, a partir deles, reinterpretar o vocábulo “jogo” a fim de estabelecer as diferenças, contigüidades e rupturas entre jogo e brincar, as quais permitirão uma compreensão das noções apresentadas.

## 2.4 O GOVERNO E A GOVERNAMENTALIZAÇÃO

O conceito de governo e de governamentalidade é parte integrante tanto da pergunta que motiva esta pesquisa quanto da tese que pretendo sustentar. Eles são causa das práticas e dos saberes a serem problematizados e desconstruídos.

O conceito de governo desde a perspectiva foucaultiana, nasce e está associado ao conceito de biopolítica. Castro (2004) faz um percurso pela obra de Foucault que resulta interessante, para antes de aprofundar ou marchar ao encontro das singularidades desta pesquisa, compreender o modo como foram surgindo estes conceitos no pensamento de Foucault.

Biopoder e biopolítica marcam o momento em que Foucault faz um deslocamento que o obriga a transitar do campo das disciplinas para o campo da vida e do sujeito. Não que antes do aparecimento dos conceitos de biopoder e biopolítica não tenha se ocupado nem da vida nem do sujeito, de fato ele sustentou que desde sempre “seu” tema foi o sujeito e não o poder, sua preocupação foi “criar uma história dos diferentes modos pelos quais em nossa cultura os seres humanos se tornam sujeitos” (FOUCAULT, 1995b, p. 231).

Pensar o conjunto do *corpus* teórico foucaultiano em termos de uma evolução dos conceitos no interior da sua obra seria uma contradição epistemológica pela incongruência que este tipo de leitura teria em relação à lógica que sustenta o próprio trabalho de Foucault e a forma em que ele a foi construindo. Podemos reconhecer que o aparecimento das idéias vinculadas ao biopoder e a biopolítica representa um momento de ruptura que não exclui os conceitos anteriores, mas que lhes dá uma conotação e significação diferente ao que tinham até então. Isto aparece de forma mais evidente se pensarmos no sentido da operação de *après-cup* pela qual re-significamos uma proposição anterior a partir de uma outra, nova e diferente.

Veremos mais adiante inclusive como o próprio conceito de biopolítica, central para quem pretenda pensar a contemporaneidade, retomado por outros autores adquire sentidos e alcances diferentes aos reconhecidos por Foucault.

O momento em que Foucault conclui que a disciplinaridade não dá conta de compreender as sociedades e o sujeito

moderno, é que sai em busca de outra noção para conseguir explicar um fenômeno mais abrangente. A conseqüência natural da intenção de disciplinar e que está associado a ele, é a necessidade de normalização e normatização.

Um novo conceito que surge na história recente do Ocidente, que é o de população, inaugura, segundo Foucault, toda uma série de dispositivos, medidas administrativas e de controle, do desenvolvimento de técnicas de registro e construção de modelos estatísticos que visam exercer algum(?), todo(?) tipo de controle e de cuidado sobre as populações.

Foucault parte para a compreensão da biopolítica num duplo sentido. Por um lado, como exercício de um poder sobre o qual começa a constituir-se como vida<sup>20</sup>.

Aqui é importante distinguir dois usos diferentes na noção de vida. Os gregos utilizavam dois termos diferentes, *bíos* e *zoé*. *Bíos* indica a forma de viver própria de um indivíduo ou de um grupo. Se diferencia de *zoé*, que significa o simples fato de viver, comum a todos os seres vivos (AGAMBEN, 2004, p. 9).

Temos, então, que o *bíos* se define por uma forma particular de viver e, que este viver, responde a um modelo que a cultura determina, conforme um tempo particular, e que este tempo está regulado por algum tipo de norma ou de legalidade interna a essa cultura. Uma vida que estará marcada pela política e, por conseguinte, passível de ser governada.

O outro sentido que se desprende do conceito de biopolítica está associado ao poder de morte, como por exemplo, no caso do racismo, trabalhado especificamente por Foucault no curso “Em defesa da sociedade” ditado no Collège de France nos anos de 1975 e 1976. (FOUCAULT, 2002c)

A noção de governo não se refere exclusivamente à ação de um sobre os outros. Para Foucault o poder não é aquilo que se tem ou não se tem, senão aquilo que se exerce. Se o governo trata sobre as formas de exercício desse poder, não há unicamente o governo de uns sobre os outros, senão, também o governo de si mesmo: “La noción de gobierno se entrecruza aquí com la historia de la ética, em el sentido foucaultiano del término, es decir, con las formas de subjetivación (la noción de cuidado de si, de ascesis, de *parrhesia*, etc) (CASTRO, 2004, p. 149).

<sup>20</sup> Neste sentido é que Espósito (2006) se pergunta: Por qué, al menos hasta hoy, una política de la vida amenaza siempre com volverse acción de muerte? (p.16).

Um dos nossos problemas é o de estabelecer as relações entre estes conceitos, o brincar e os jogos de verdade construídos em torno deles. Retomo aqui a noção de rizoma e *bricoleur* como forma de construção destas relações.

Basicamente o cuidado de si são as relações que um indivíduo estabelece consigo mesmo. Estas relações foram estudadas por Foucault, especialmente na série de textos que levam como título “História da sexualidade”, volumes I (2003c), II (1984) e III (2003d), no curso “A hermenêutica do sujeito” (2004a) e um seminário publicado em 1990, intitulado “Tecnologias del yo y otros textos afines”.

Foucault faz uma revisão da noção de cuidado de si desde o momento socrático – platônico (CASTRO, 2004). Uma das primeiras tarefas é a de separar a noção de *epiméleia heautoû* (cuidado de si) de uma outra noção cara ao pensamento ocidental, que é a de *gnôthi seautón* – conhece-te a ti mesmo.

A *epiméleia heautoû* é, antes de qualquer coisa, uma atitude ligada à política, ao exercício da política. Isto é, um certo modo de encarar as coisas, de estar no mundo, de praticar ações, de ter relações com o outro; uma certa forma de olhar para si mesmo; de realizar ações que são exercidas de si para consigo pelas quais nos assumimos, nos modificamos, nos purificamos, nos transformamos e nos transfiguramos (FOUCAULT, 2004a p.14-15).

A *epiméleia heautoû* permitiria a autocriação ou auto-recriação do sujeito num enraizamento histórico determinado. Podemos entrever aqui incipientes nexos entre o brincar e a *epiméleia*, pelo menos a partir da forma em que parte da psicanálise vem pensando esse brincar.

Neste sentido, Freud, num artigo de 1908, “Escritores Criativos e Devaneios” (FREUD, 1908), estabelece um elo de continuidade entre o brincar e os devaneios. A partir das semelhanças entre uma atividade e outra, podemos dizer que, na verdade, o adulto jamais deixa de brincar no sentido estrito do termo.

Será que deveríamos procurar já na infância os primeiros traços de atividade imaginativa? A ocupação favorita e mais intensa da criança é o brinquedo ou os jogos. Acaso não poderíamos dizer que ao brincar toda criança se comporta como um escritor criativo, pois cria um mundo próprio, ou melhor, reajusta os elementos de

seu mundo de uma nova forma que lhe agrade? Seria errado supor que a criança não leva esse mundo a sério; ao contrário, leva muito a sério a sua brincadeira e despende na mesma muita emoção. A antítese de brincar não é o que é sério, mas o que é real. Apesar de toda a emoção com que a criança catexiza o seu mundo de brinquedo, ela o distingue perfeitamente da realidade, e gosta de ligar seus objetos e situações imaginados às coisas visíveis e tangíveis do mundo real. Essa conexão é tudo o que diferencia o 'brincar' infantil do 'fantasiar'.

O escritor criativo faz o mesmo que a criança que brinca. Cria um mundo de fantasia que ele leva muito a sério, isto é, no qual investe uma grande quantidade de emoção, enquanto mantém uma separação nítida entre o mesmo e a realidade. A linguagem preservou essa relação entre o brincar infantil e a criação poética (FREUD, 1908, CD-ROM).

A ascese, seja no sentido em que era utilizada pelos antigos, é dizer, como um trabalho de constituição do si mesmo até chegar a um estado de felicidade consigo mesmo – noção muito próxima à de Winnicott quando postula o **sentimento de que a vida merece ser vivida** (1982) -, como no sentido em que é utilizada pelo cristianismo, fundamentalmente ligada à renúncia, indica a forma de poder pensar algumas das diferenças entre governo e governamentalidade.

Vejamos o que da noção de *epiméleia heautoû*, por ora devemos reter.

Primeiramente, o tema de uma atitude geral, um certo modo de encarar as coisas, de estar no mundo, de praticar ações, de ter relações com o outro [...]

Em segundo lugar a *epiméleia heautoû* é também uma certa forma de atenção, de olhar. [...] é preciso converter o olhar, do exterior, dos outros, do mundo, etc. para “si mesmo”. [...]

Em terceiro lugar [...] designa sempre algumas ações, ações que são exercidas de si para consigo, ações pelas quais nos assumimos, nos purificamos, nos transformamos e nos transfiguramos. (FOUCAULT, 2004a, p.14-15).

O cuidar de si, esta *epiméleia heautoû* que tomo como referencial para compreender estas práticas é na concepção de Foucault:

[...] escrever uma história dos ‘atos de verdade’, entendidos como os procedimentos regrados que vinculam um sujeito a uma verdade, os atos ritualizados em cujo decurso um certo sujeito fixa sua relação com uma certa verdade”. (GROS, 2004, p. 616)

Por ora....

## 2.5 O BRINCAR COMO PHÁRMAKON

Uma vez que já dissemos tudo,  
tenhamos paciência se continuamos ainda  
se nos estendemos por força do jogo.  
Se, pois, escrevemos um pouco:  
sobre Platão, que dizia desde então, no Fedro,  
que a escritura só pode (se) repetir,  
que ela “significa (semaínei) sempre o mesmo”  
e que ela é um “jogo” (paidiá)  
(DERRIDA, 2005 p. 9)

Tal como insistimos reiteradamente no decorrer deste projeto, tem nos interessado uma escrita em particular: o brincar, a escrita do brincar, o brincar como escrita.

A obra a que fazemos referência é “A farmácia de Platão” (DERRIDA, 2005) onde a seriedade ou o não-sério é colocado em questão precisamente a partir do conceito de suplemento que encontra no jogo o “signo ao qual é preciso outorgar o sistema de todos os seus poderes” (DERRIDA, 2005 p. 8).

Mas o que é o *phármakon* a partir desta perspectiva? Brincar com *Farmacéia* leva à morte, tal o destino, no mito de *Orítia* (quem jurou manter-se virgem durante toda a sua vida). Brincar deixa máculas, manchas impuras:

Farmacéia (*Pharmákeia*) é também um nome comum que significa a administração do *Phármakon*, da droga: do remédio e/ou do

veneno [...] Por ser seu jogo, Farmacéia levou à morte uma pureza virginal e um íntimo impenetrado (DERRIDA, 2005 p. 14).

O brincar como operação de escritura, o brincar como suplemento, o brincar como medicina.

Vejamos como trabalhar cada uma destas metáforas.

O brincar como escritura é uma idéia que vem sendo estudada principalmente no campo da psicanálise: “Para poder ser, en el sentido en que cabe hablar en psicoanálisis, para encontrar cierta posibilidad de implantación en la vida humana, la única oportunidad que tiene un sujeto es asirse a un significante” (RODULFO, 1989 p. 40). O inconsciente estruturado como uma escrita foi o resultado da mudança no pensamento de Lacan quando muda o valor da noção de letra, o que o levou modificar a idéia do inconsciente estruturado como uma linguagem (CRISTINA e KUPFER, 2001). Lacan, ao afirmar que: “El hombre habla pues, pero es porque el símbolo lo ha hecho hombre” (LACAN, 1980b, p. 96), nos obriga a refletir sobre qual o caráter desse símbolo que cria humanidade: é um significante que nada significa a não ser em relação de oposição e referência:

Por este camino las cosas no pueden ir más allá de la demostración de que no hay ninguna significación que se sostenga si no es por la referencia a otra significación: llegando a tocar el caso extremo la observación de que no hay lengua suficiente para cubrir el campo del significado, ya que es un efecto de su existencia de lengua el que responda a todas las necesidades (LACAN, 1980c p. 183)

Será a partir da possibilidade de construir uma corrente de significantes, da possibilidade de criar laços (*vinculum*) entre os significantes oferecidos que um sujeito consegue se constituir. E aqui de forma alguma fazemos referência a uma suposta constituição saudável ou não. Só estamos colocando as condições e possibilidades de construção.

Uma das particularidades é como são processadas as redes de significantes na ordem do inconsciente. Freud faz uso do sonho como situação onde podemos fazer um

reconhecimento deste fenômeno:

O “não” parece não existir, no que se refere aos sonhos. Eles mostram uma preferência particular para combinar os contrários numa unidade ou para representá-los como uma e mesma coisa. Os sonhos tomam, além disso, a liberdade de representar qualquer elemento, por seu contrário de desejo; não há, assim, maneira de decidir, num primeiro relance, se determinado elemento que se apresenta por seu contrário está presente nos pensamentos do sonho como positivo ou negativo (FREUD, 1900 CD-ROM).

Num outro artigo de 1910, “O sentido antitético das palavras primitivas” (FREUD, CD-ROM), Freud analisa os descobrimentos de um filólogo de finais do século XIX, Karl Abel (1837-1893) que num texto publicado com o título “Ensaio filológicos” em 1884, estudou o fenômeno de uma mesma palavra ter sentidos opostos, cita o exemplo da língua egípcia antiga:

De vez que a linguagem serve não só para expressar os próprios pensamentos, mas, essencialmente, para comunicá-los a outrem, pode-se levantar a questão de como foi que o ‘egípcio primitivo’ fez seu próximo entender ‘que pólo do conceito geminado ele significava numa ocasião particular qualquer.’ Na linguagem escrita, isso se fazia com o auxílio dos chamados sinais “determinativos” que, colocados depois dos sinais alfabéticos, lhes atribuíam sua significação e não eram para ser pronunciados. (FREUD, [1910] cd-rom)

A escrita faz diferença, suplementa a fala e, mais ainda:

La escritura es incontenible. Una cuestión trae a la otra, y esa otra, que no sabemos cuál puede ser, viene bruscamente a poner su verdadero nombre (pero, por cuanto tiempo?), a aquella que desconocíamos cuál era. La escritura nunca marcha en línea su naturaleza, para decirlo de algún modo, es de entrada mamarrachal, polifónica – de entrada, la

entrada de la escritura, como en esas multiplicaciones de cuerpo (mirando, tocando, sonando, succionando) mediante las cuales un chico escribe su corporeidad como cosa subjetiva - y en el sesgo más intensivo que conoce la polifonía, el contrapuntístico (RODULFO, 2004 p. 275).

Para que uma criança consiga apropriar-se da capacidade de escrever tanto no sentido operativo cognoscitivo, quanto como operação de autoria, terá de cumprir uma série de processos no seu corpo para que a leito-escritura seja possível. Rodulfo no livro “Dibujos fuera del papel De la caricia a la lecto-escritura” (1999) se pergunta, o que é escrever? Como chega uma criança a poder fazê-lo? Quais os processos no seu próprio corpo necessários de serem cumpridos?

De acordo com Rodulfo (1999), é a partir da seqüência acariciar, brincar, desenhar, que quando uma criança escreve, se inscreve:

Entre el cielo y la tierra hay muchas más cosas que son del orden de la escritura que la que han soñado (si cabe el término las disciplinas con antecedentes tan crasamentes positivistas) la psicología y el psicoanálisis con sus concepciones habitualmente tan limitativas de lo “simbólico” (RODULFO, 1999 p. 223).

Vejamos como articular o céu e a terra não como opostos em termos absolutos, senão a partir da idéia de suplemento e diferença; não com a idéia de exclusão senão de alternância; não a partir da negatividade do jogo da presença – ausência, senão com o espírito da “afirmação nietztchiana, a afirmação alegre do jogo do mundo e da inocência do devir, a afirmação de um mundo de signos sem erro, sem verdade, sem origem, oferecido a uma interpretação ativa” (DERRIDA, 2002, p. 248).

Esse fármakon, essa “medicina”, esse filtro, ao mesmo tempo remédio e veneno, já se introduz no corpo do discurso com toda sua ambivalência. Esse encanto, essa virtude de fascinação, essa potência de feitiço podem ser – alternada ou simultaneamente – benéficas e maléficas. O fármakon seria uma substância,

com tudo o que esta palavra possa conotar, no que diz respeito de sua matéria, de virtudes ocultas, de profundidade crítica recusando sua ambivalência à análise, preparando, desde então, o espaço da alquimia, caso devamos seguir mais longe reconhecendo-a como a própria anti-substância: o que resiste a todo filosofema, excedendo-o indefinidamente como não-identidade, não-essência, não-substância, e fornecendo-lhe, por isso mesmo, a inesgotável adversidade de seu fundo e de sua ausência de fundo (DERRIDA, 2005, p. 14).

Descaminho, escritura, *phármakon*, sob esses efeitos é que se perde o rumo que a razão ilumina. Vadiagem, rabiscos, brincar. O que fazer quando acontecida a disseminação do bem-mal?

### III ENTRE PARTITURAS E IMPROVISAÇÕES

O tipo de pesquisa desenvolvido se inscreve num espaço de conhecimento descrito por Foucault como estando a meio caminho entre a filosofia e a história.

Embora seja difícil e/ou desnecessário pretender saber por onde fazer passar exatamente esse “meio caminho” o que não podemos deixar de fazer é de resgatar um elemento básico e constitutivo que é condição para o trabalho de pensar e de produzir pensamentos e que está nos fundamentos da construção de saberes, conseqüência do desejo de saber e conhecer:

A curiosidade é um vício que foi estigmatizado alternativamente pelo cristianismo, pela filosofia e mesmo por certa concepção da ciência. Curiosidade, futilidade. A palavra, no entanto, me agrada; me sugere uma coisa totalmente diferente: evoca inquietação; evoca a responsabilidade que se assume pelo que existe e poderia existir; um sentido agudo do real que jamais se imobiliza diante dele; uma prontidão para achar estranho e singular o que existe à nossa volta; uma certa obstinação em nos desfazermos de nossas familiaridades e de olhar de maneira diferente as mesmas coisas; uma paixão de apreender o que se passa e aquilo que se passa; uma desenvoltura em relação às hierarquias tradicionais, entre o importante e o essencial. Sonho com uma era da curiosidade (FOUCAULT, 2005a, p. 304).

Uma era do reencontro da filosofia com a curiosidade, que não é mais do que o encontro rotineiro do sujeito com seu brincar: “la curiosidad da lugar a la esperanza de crear” (BACHELARD, 1998, p. 8). No texto, “O filósofo mascarado” (2005a), Foucault justifica a necessidade da sociedade de ter filosofia a partir da idéia de que a filosofia é um movimento onde é possível nos separarmos daquilo que adquirimos como verdadeiro, onde e pelo qual se pode conseguir o deslocamento e a transformação dos pensamentos e dos valores.

Ao mesmo tempo é um trabalho e um fazer: a filosofia

como um trabalho de resistência para poder pensar de outra maneira; a filosofia como um fazer das coisas torná-las diferentes do que elas são (FOUCAULT, 2005a).

Curiosidade e resistência, transformação e produção de diferenças são alguns dos elementos, das ferramentas com os que fui trabalhando durante a construção desta pesquisa. Tenciono ter conseguido renunciar à formas dogmáticas de aceitação dos saberes instituídos como verdadeiros.

Compreende-se que alguns se lamentem sobre o vazio atual e desejem, no âmbito das idéias, um pouco de monarquia. Mas aqueles que, uma vez em suas vidas, encontraram um tom novo, uma nova maneira de olhar, uma outra maneira de fazer, estes, acredito, jamais experimentarão a necessidade de se lamentarem de que o mundo é erro, a história saturada de inexistências, e já é hora de os outros se calarem para que, finalmente, se possa ouvir a sineta de sua reprovação... (FOUCAULT, 2005a, p. 306).

### 3.1 A GENEALOGIA

Ao se transformar a história num dos problemas principais da filosofia e esta a encarregada de se interrogar sobre a questão do momento presente, resulta difícil continuar pensando uma separada da outra.

Na filosofia podemos reconhecer os elementos reveladores das significações de uma época. A filosofia também põe em evidência as leis gerais que regulam as formas e os limites que cada época cria, determinando as formas em que as coisas podem ser pensadas ou impensadas. É no nível das significações e das leis gerais onde ficam determinadas as relações entre o sujeito e o saber (um e outro atravessados pelas relações de poder) numa época e numa cultura determinada.

Temos assim, pela frente, um dos desafios que é o de procurar minuciosamente elementos com a potência e capacidade suficiente para ter efeitos de libertação das verdades sujeitadas e da possibilidade de quebrar as lógicas que mantêm a verdade pressa a e de si mesma.

A história era uma disciplina graças à qual a burguesia mostrava, de início, que seu reino era apenas o resultado, o produto, o fruto de uma lenta maturação e que, nessa medida, esse reinado era perfeitamente justificado, já que vinha da bruma dos tempos: a seguir, a burguesia mostrava que, já que esse reinado ele vinha de tempos imemoriais, não era possível ameaçá-lo por uma nova revolução (FOUCAULT, 2005b, p. 286)

A história efetiva (*wirkliche Historie*) que propõe Foucault é aquela capaz de alterar os efeitos e a produção dessa ideologia na qual nasceu e se desenvolveu. A história efetiva realiza uma análise das transformações onde a mudança e o acontecimento são os eixos a partir dos quais pensar nosso presente, a modernidade e a razão “cuja autonomia de estrutura traz consigo a história dos dogmatismos e dos despotismos” (FOUCAULT, 2005c, p. 357).

Segundo Castro (2004) Foucault utiliza o termo modernidade em cinco sentidos:

- no sentido histórico, começando fins do século XVIII;
- no sentido político, surgindo com a revolução francesa;
- filosoficamente iniciando-se com Kant;
- no período da época clássica que vai desde o renascimento até finais do século XVIII;
- como tendo se iniciado a partir do *cogito* cartesiano e podendo incluir-se neste último os quatro sentidos anteriores.

Uma outra forma de compreender o conceito de modernidade para Foucault é a partir da caracterização em relação às formas de exercício do poder:

Aqui Modernidade es equivalente a la época de la normalización, es decir a la época de un poder que se ejerce como disciplina sobre los individuos y como biopolítica sobre las poblaciones. La Modernidad es, en definitiva, la época del biopoder (CASTRO, 2004, p. 244).

Este último sentido é o que em particular nos interessa para abordar a modernidade, o biopoder e as biopolíticas ligadas ao campo da infância e a governamentalidade da criança e do

brincar.

Pensar esta história não é fazer a história do tempo e do passado, é poder pensar os acontecimentos em termos de ruptura e descontinuidade:

Metaforizando a história e as formas de vida, garantir-se-ia assim que as sociedades humanas não seriam susceptíveis de revolução. Creio que o estruturalismo e a história permitem abandonar essa grande mitologia biológica da história e da duração. O estruturalismo, definindo as transformações, a história, descrevendo tipos de acontecimento e os tipos de duração diferentes, tornam possíveis simultaneamente o aparecimento das descontinuidades na história e o aparecimento de transformações regradas e coerentes. O estruturalismo e a história contemporânea são os instrumentos teóricos graças aos quais se pode, contrariamente à velha idéia da continuidade, pensar realmente a descontinuidade dos acontecimentos e a transformação das sociedades (FOUCAULT, 2005b, p. 295).

O texto que estamos referenciando “Retornar à história” (2005b) ajuda a complementar e esclarecer outro texto no qual Foucault estabelece as bases de uma nova e singular forma de analisar, diagnosticar e problematizar a modernidade. Trata-se do trabalho “Nietzsche, a genealogia, a história” (2005d) no qual conceitualiza o projeto genealógico.

A genealogia em tanto tipo de abordagem de uma questão a ser estudada, apresenta desde o início uma característica particular. Foucault não escreveu uma obra metodológica em torno do seu projeto genealógico como, de alguma forma o fez em relação ao projeto arqueológico, mas numa entrevista publicada originalmente em 1977 intitulada “Poder e Saber” (FOUCAULT, 2005e) negou a existência de um método arqueológico propriamente ao afirmar que:

A “Arqueologia do saber” não é um livro de metodologia, Não tenho um método que aplicaria, do mesmo modo, a domínios diferentes. Ao contrário, diria que um mesmo campo de objetos, um domínio de objetos que

procuro isolar, utilizando instrumentos encontrados ou forjados por mim, no exato momento em que faço minha pesquisa, mas sem privilegiar de modo algum o problema do método (FOUCAULT, 2005e, p. 229).

Castro (2004) reconhece na “Arqueologia do Saber” (FOUCAULT, 2002b) a elaboração por parte de Foucault de uma metodologia, mas quando fala de genealogia é utilizada a expressão “princípios metodológicos”. Isto é uma forma de estabelecer e confirmar a opinião mais ou menos generalizada em relação à inexistência de uma sistematização da genealogia enquanto método de investigação. Ao mesmo tempo podemos provisoriamente concluir que é necessário, e o parágrafo anterior é contundente nesse sentido, a escolha e/ou construção de instrumentos específicos (existentes, disponíveis ou criados) em função do tipo de domínio a ser estudado e o tipo de trabalho que se pretenda realizar.

Scheurich e McKenzie no capítulo dedicado à metodologia de Foucault se perguntam:

Is genealogy the successor to archeology? Is genealogy the further development of archeology? Is genealogy superior to archeology? Did Foucault decide that archeology did not work, was flawed, so he moved on to genealogy, which he considered to be better? Are two “methodologies” widely different, clearly separate, or are the closely connected, part of the same larger project?<sup>21</sup> (SCHEURICH, e MCKENZIE, 2005, p. 849).

As respostas possíveis a estas perguntas, embora algumas possam ser mais verdadeiras do que outras, podem ser significativas na medida em que seja introduzida a noção de complemento entre um e outro projeto (arqueológico e

<sup>21</sup> A Genealogia é a sucessora da arqueologia? A Genealogia é um desenvolvimento mais avançado que a arqueologia? A genealogia é superior da arqueologia? Isto fez Foucault decidir que a arqueologia não funcionou, foi falho, e então ele se mudou para a genealogia, que ele considerava ser melhor? São duas “metodologias” muito diferentes, claramente separadas, ou são intimamente ligados, uma parte do mesmo projeto maior? (Tradução livre do autor).

genealógico). Também a aceitação da idéia de que existem múltiplas possibilidades de leituras da obra de Foucault e poder concluir junto com estes autores que a melhor resposta é parafraseando Magritte: e assim como “Isto não é um cachimbo”; “this is not Foucault” (SCHEURICH e MCKENZIE, 2005, p. 841).

Uma outra dificuldade que aparece em relação à genealogia é que Foucault deu diferentes usos e sentidos a este conceito.

No conjunto da obra há

três fases usualmente identificadas no pensamento de Foucault por seus comentaristas arqueologia, genealogia e ética. Tal sistematização combina critérios metodológicos e cronológicos, procurando evidenciar que a cada fase corresponde um problema principal e uma metodologia. Em função de problemas nessa sistematização e em decorrência do caráter não sistemático da obra de Foucault, Veiga-Neto opta por utilizar, em vez de fases ou etapas, a expressão “domínios foucaultianos” para designar “ser-saber”, “ser-poder” e “ser-consigo” (BARBOSA MOREIRA, 2003).

Embora o intento de Veiga-Neto e Bueno Fischer (2004) de amolecer classificações e intentos de sistematizações que no nosso entender pouco tem a ver com o estilo e a forma em que Foucault foi construindo sua obra, estes projetos, métodos ou “domínios foucaultianos”, no dizer do próprio Foucault, não são antagônicos, estão apoiados em um pressuposto comum que é escrever a história sem referir a análise à instância fundadora do sujeito (CASTRO, 2004). Se a Arqueologia fundamenta no discurso a condição para compreender a *episteme* de uma época, a Genealogia permite, ampliando e incluindo o estudo das práticas não discursivas e, sobretudo, a relação não discursivo/discursivo, analisando o saber em termos de estratégia e táticas de poder.

O que interessa para o genealogista não é estudar o poder em si, senão as relações de poder que se dão em termos de lutas. As lutas (relações de poder) não são uma oposição em que cada um dos elementos bloqueia ao outro como se tratasse de um antagonismo essencial. Estas lutas devem ser pensadas

como um agonismo, é dizer, como uma relação de incitação recíproca e por sua vez reversível.

O genealogista procura, em nossa história, o momento em que a realidade humana, em suas três dimensões (saber, poder, e ética), foi primeiramente reconstruída, de modo a estabelecer um espaço onde o tipo de racionalidade, que poderia conduzir a nossas normas atuais, pudesse se formular (RABINOV; DREYFUS, 1995).

Estas três dimensões estão presentes no trabalho intelectual, tal como foi explicitado no capítulo anterior. Em decorrência disto, as conseqüências do trabalho do intelectual é o de designar uma temática onde a *“genealogia debe dirigir la lucha contra los efectos de poder de um discurso considerado científico”* (FOUCAULT, 1992b, p. 132) por sujeitar saberes nos quais se faz necessário produzir algum tipo de insurreição.

Segundo Foucault devemos entender por saberes sujeitados aqueles

contenidos históricos que han estado sepultados, enmascarados en el interior de coherencias funcionales o en sistematizaciones formales, e, por outro, toda uma série de saberes qualificados como incompetentes, o, insuficientemente elaborados: saberes ingenuos, inferiores jerarquicamente al nivel del conocimiento o de la cientificidad (FOUCAULT, 1992b, p. 128-9).

É talvez num parágrafo que aparece durante o texto que corresponde ao curso proferido no Collège de France, no ano de 1976 e que leva como título, “Em defesa da sociedade”, onde Foucault lança uma provisória e contingente definição para o que pode entender-se por genealogia. Provisória e contingente porque nesse parágrafo coloca uma expressão que deixa em aberto qualquer intenção de fechar o conceito de genealogia, ao deixar por conta do auditório a responsabilidade de não definir de forma absoluta nem definitiva o tema:

Chamemos, **se quiserem**, de “genealogia” o acoplamento dos conhecimentos eruditos e das memórias locais, acoplamento que permite a constituição de um saber histórico das lutas e a utilização desse saber nas táticas atuais. Será essa, por tanto, a definição provisória dessas

genealogias que tentei fazer com vocês no decorrer dos últimos anos (FOUCAULT, 2002c, p. 13). (O grifo é meu).

Um dos problemas que Foucault coloca de forma instigadora é o de declarar a genealogia com uma anti-ciência. De forma alguma isto pode significar a reivindicação de um romântico ou lírico direito à ignorância, senão por causa da insurreição dos saberes, fundamentalmente, e, acima de tudo isso, por estar contra os efeitos que tendem à centralização do poder que estão vinculados à instituição científica e ao funcionamento no interior de uma sociedade como a nossa (FOUCAULT, 2002c). Dessujeitar os saberes históricos e torná-los livres, fazê-los capazes de operar opondo-se e lutando contra os discursos teóricos unitários, formais e científicos; estas são as conseqüências da construção dos saberes genealógicos propostos por Foucault.

A impronta nietszchiana presente no parágrafo anterior tem um correlato importante no que se refere à construção da genealogia. No texto “Nietzsche, a genealogia, a história” (FOUCAULT, 2005d) Foucault coloca os pontos principais a partir dos quais poder fazer um trabalho genealógico. Analisa uma série de termos que poderiam passar como equivalentes ou até sinônimos, mas que são operativamente diferentes, já que na hora de orientar o trabalho genealógico poderiam nos levar a caminhos sem saída ou fazermos cair em armadilhas que dariam por resultado um outro tipo de produção mais próximo ao de uma história tradicional, e, conseqüentemente, perdido a oportunidade de escrever e inscrever aquilo que foi denominado como história efetiva.

No começo do texto Foucault coloca três afirmações que considero importantes para interpretar esse trabalho. Por um lado a íntima relação entre a genealogia e os documentos, fundamentalmente aqueles que podem ser considerados como restos: “A genealogia é cinzenta: ela é meticulosa e pacientemente documentária. Trabalha com pergaminhos embaralhados, riscados, muitas vezes reescritos” (FOUCAULT, 2005d, p. 260). Também que a genealogia supõe perceber a singularidade dos sucessos, rejeitando tentar traçar a curva de uma virtual evolução. A outra afirmação refere à oposição entre

genealogia e a pesquisa pela 'origem', à qual Foucault dedica uma boa parte desse texto para analisar os usos que Nietzsche fez da palavra *Ursprung*.

A *Ursprung*, enquanto origem, é rejeitada pelo Nietzsche genealogista, porque supõe um esforço por captar a essência, a identidade, a imobilidade da coisa. Se em lugar de se deixar seduzir pela metafísica, o genealogista olha para a história, descobre que por trás das coisas há um segredo, o segredo de que as coisas são sem essência ou que essa essência não é natural senão construída a partir de coisas que lhe são estranhas. "O que se encontra no começo histórico das coisas não é a identidade ainda preservada de sua origem - é a discórdia entre as coisas, o disparate" (FOUCAULT, 2005d, p. 263).

Fazer a genealogia dos valores, da moral, do ascetismo, do conhecimento nunca será, portanto, partir em busca de sua 'origem', negligenciando como inacessíveis todos os episódios da história; será, ao contrário, deter-se nas meticulosidades e nos acasos dos começos; prestar uma atenção escrupulosa em sua derrisória maldade; esperar vê-los surgir, máscaras finalmente retiradas, com o rosto do outro [...] O genealogista tem necessidade da história para conjurar a ilusão da origem (FOUCAULT, 2005d, p.264)

Outros termos facilitam a compreensão e o objeto do trabalho genealógico. Eles são ***herkunft*** e ***entstehung***.

***Herkunft*** indica a fonte, a procedência, é a pertinência a algum tipo de grupo. Esta proveniência permite "reencontrar, sob o aspecto único de uma característica ou de um conceito, a proliferação dos acontecimentos através dos quais (graça aos quais, contra os quais) eles se formaram" (FOUCAULT, 2005d p.265). Isto não significa buscar ou estabelecer algum tipo de continuidade entre o passado remoto e o presente; é poder estabelecer as descontinuidades, os desvios, as variações e a dispersão constitutiva.

Para Foucault o lugar da ***herkunft*** é o corpo e tudo o que se relaciona com ele:

No corpo se encontra o estigma dos acontecimentos passados, assim como dele

nascem os desejos, os desfalecimentos e os erros; nele também se ligam e subitamente se exprimem, mas nele também se desligam, entram em luta, se apagam uns e outros e prosseguem seu insuperável conflito. .

O corpo: superfície de inscrição de acontecimentos [...] A genealogia, como análise da proveniência, está, portanto, na articulação do corpo com a história, e a história arruinando o corpo (FOUCAULT, 2005d, p. 267).

Pela sua parte **entstehung** está relacionada com a emergência, é dizer o ponto onde surgem e entram em cena as forças. O momento onde irrompem essas forças, “o salto pelo qual elas passam dos bastidores ao palco” (FOUCAULT, 2005d p. 269).

Devemos entender essa emergência como um espaço de confronto, esse confronto que se produz nos interstícios. O que está em jogo é a representação de relações de dominação. A emergência se produz a partir de uma “não-relação num não-lugar” e é por isso que:

Em cada momento da história, ela se fixa em um ritual; ela impõe obrigações e direitos, constitui cuidadosos procedimentos. Ela estabelece marcas, grava lembranças nas coisas e até nos corpos; ela se responsabiliza por dívidas. Universo de regras que não é de forma alguma destinado a apaziguar mas, ao contrário, a satisfazer a violência (FOUCAULT, 2005d p.269).

No livro “Michael Foucault, Uma Trajetória Filosófica: Para além do estruturalismo e da hermenêutica” (1995), Rabinow e Dreyfus chamam de analítica interpretativa à genealogia. Esta deve começar, pelo menos implicitamente, com um diagnóstico que surge a partir de uma insatisfação comum vivida em maior ou menor medida como ameaçadora à subjetividade.

Mas se interpretar é apoderar-se, pela violência ou sub-repção, de um sistema de regras que não tem em si a significação essencial e impõe-lhe uma direção, dobrá-lo a uma nova vontade, fazê-lo entrar em um outro jogo e submetê-lo a

novas regras, então o devir da humanidade é uma série de interpretações. E a genealogia deve ser a sua história: história das morais, dos ideais, dos conceitos metafísicos, história do conceito de liberdade ou da vida ascética, como emergências de diferentes interpretações. Trata-se de fazê-las surgir como acontecimentos no teatro dos procedimentos (FOUCAULT, 2005d, p. 270).

A genealogia é uma das formas de combater um perigo atual, Como? Através de atos interpretativos (aqui entra a função e a ação política do intelectual): "A interpretação resultante não é uma invenção subjetiva nem uma descrição objetiva, mas um ato de imaginação, análise e engajamento" (RABINOW e DREYFUS, 1995, p. 279).

Assim a analítica interpretativa de Foucault começa com o perigo atual: ao tentarmos fundamentar nossas normas na religião, na lei e na ciência, fomos levados a buscar a verdade de nossos desejos e, assim nos tornamos aprisionados a nós mesmos e governados pelo poder normalizador da lei e da medicina [...] as micropáticas, de modo que nenhuma ação considerada importante e real possa escapar da rede de normalidade. Ademais como na ciência normal, as práticas normalizadoras do biopoder definem previamente o normal para, então, diferenciar e manipular as anomalias que recebem esta definição (RABINOW e DREYFUS, 1995, p. 283-285).

A rede de normalidade funciona de forma tal que tudo o que seja considerado importante fica preso nessa trama. Estas práticas normalizadoras do biopoder criam a própria ciência que convalidará a definição e determinação das normalidades e desvios aos fins de manipular e controlar ditos desvios.

Uma vez estabelecido o perigo da normalização, o analista necessita de uma genealogia de como nossas normas se conectaram com um processo de racionalização. O genealogista procura, em nossa história, o momento em que a realidade

humana em suas 3 dimensões (verdade, poder, ética) foi primeiramente reconstruída de modo de estabelecer um espaço onde o tipo de racionalidade que poderia conduzir a nossas normas atuais pudesse se formular (RABINOW e DREYFUS, 1995, p. 285).

Foucault oferece no livro “História da sexualidade I. A vontade de saber” (2003c) o que ele chama primeiramente de regras, mas ressalvando que de forma alguma devem ser tratadas como imperativos metodológicos, e sim como “prescrições de prudência”.

A primeira prescrição, que ele chama de **imanência**, consiste em considerar a existência de domínios (no caso o brincar seria um domínio a conhecer) a partir de relações de poder que o tornaram objeto e alvo de conhecimento. Isto através de técnicas de saber e de procedimentos discursivos entre as quais não existe nenhuma exterioridade, embora cada uma tenha seu papel e função específica (FOUCAULT, 2003c).

A regra das **variações** continua consiste em

buscar o esquema das modificações que as correlações de força implicam através do seu próprio jogo. As “distribuições de poder”, e as “apropriações de saber” não representam mais do que cortes instantâneos em processos, seja de reforço acumulado do elemento mais forte, seja de inversão da relação, seja de aumento simultâneo dos dois termos (FOUCAULT, 2003c, p. 94).

**Duplo condicionamento** é o nome dado à terceira regra por Foucault para explicar o fenômeno de que os “focos locais” ou os esquemas de transformação só podem funcionar através de encadeamentos sucessivos, a não ser que estejam inseridos numa estratégia global e precisas relações que servem de ponto de fixação.

A quarta “prudência” a levar em conta é a **polivalência tática dos discursos**. Por ser no discurso onde se articulam poder e saber, é importante poder reconhecer ele como uma série de elementos descontínuos com uma função tática nem sempre uniforme e estável; como uma multiplicidade de

elementos que podem entrar em estratégias diferentes.

Os discursos como os silêncios, nem são submetidos de uma vez por todas ao poder, nem opostos a ele. É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder; reforça-o mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo.

Da mesma forma, o silêncio e o segredo dão guarida ao poder, fixam suas interdições; mas também, afrouxam seus laços e dão margem a tolerâncias mais ou menos obscuras (FOUCAULT, 2003c, p. 96).

Temos então uma série de elementos que configuram um campo de experiências para o sujeito. Um campo de experiência é para Foucault a correlação dentro de uma cultura, entre campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade (FOUCAULT, 2003d, p. 8). Para isto foi necessário realizar deslocamentos teóricos para poder analisar:

- o que era chamado de progresso dos conhecimentos, e desta forma questionar aquele sentido evolucionista da história e com isto interrogar as práticas discursivas ligadas ao campo do saber;

- o que se descreve como manifestações do poder, é dizer, as relações, estratégias, e técnicas que articulam esse exercício;

Aparece então a necessidade de realizar um outro deslocamento, esta vez para analisar o sujeito, procurando pelas formas e modalidades com as que se relaciona consigo mesmo e pelas quais se constitui e se reconhece enquanto tal (FOUCAULT, 2003d).

Mas o trabalho aparecia incompleto a partir da imposição de outra tarefa, a de estudar os **jogos de verdade**, para desta forma poder elaborar uma história da verdade:

Una historia que no seria aquella de lo que puede haber de cierto en los conocimientos, sino un análisis de los "juegos de verdad", de los juegos de falso y verdadero a través de lo cuales el ser se constituye históricamente como experiencia, es decir como poderse y deberse

ser pensado (FOUCAULT, 2006b, p. 10)

A verdade é para Foucault (2005e) a enunciação que surge como consequência do conjunto dos procedimentos que permitem enunciar o que será considerado verdadeiro num determinado tempo e lugar.

Sem pretender ter esgotado as possibilidades que a genealogia oferece como forma para poder diagnosticar e compreender temáticas que fazem parte do tempo presente, e de aceitar como parte constitutiva deste projeto de pesquisa as intenções metodológicas e as imprecisões que surgem da ausência (bem-vinda, por certo) de uma sistematização, é o tempo de deixar falar os documentos.

## 3.2 AS FONTES, OS ARQUIVOS, OS DOCUMENTOS

Levando em conta que a genealogia parte de um problema atual e que contempla dois momentos (diagnóstico – compreensão), trabalhei com tipos distintos de fonte de para diagnosticar - compreender o brincar.

### 3.2.1 Diagnóstico da situação atual

- Estatuto da Criança e do Adolescente.
- Sociedade Brasileira de Pediatria
- Autores contemporâneos nas áreas da Psicologia, da Educação e da psicanálise.
- Meios de comunicação impressos e digitais

### 3.2.2 Emergência e Procedência/Compreensão

*3.2.2.1 Manuais, livros e material de divulgação sobre Puericultura e Higiene brasileiros*

Os manuais, materiais e livros de divulgação sobre Puericultura e Higiene utilizados não supõem de forma alguma o universo representacional e acabado existente na literatura. Representam fragmentos do pensamento em relação às infâncias, aos dispositivos da maternidade e paternidade, ao saber científico e sua transmissão por parte especialmente dos médicos, e retransmitidos com o intuito de alcançar a população por parte de enfermeiras e pedagogas nos dispensários e escolas num primeiro momento, para depois ir assimilando outros saberes disciplinares por parte de psicólogos e outros profissionais que foram se incorporando aos mecanismos de controle e disciplinarização da sociedade.

Em parte a escolha de este tipo de documentos se deve a um interessante trabalho de Godino Lima (2007) intitulado “Maternidade higiênica: natureza e ciência nos manuais de puericultura publicados no Brasil”.

Segundo esta autora:

Foram sobretudo os médicos higienistas que se ocuparam dos objetos sociais e se dedicaram a educar a população, elegendo famílias e professores como os “principais destinatários das prescrições médicas”. A leitura dos manuais de puericultura sobre os quais incide esta investigação permite afirmar os seus ensinamentos pretendia exercer uma função biopolítica. (p. 98)

Já que:

Os manuais destinados a oferecer às famílias conselhos sobre as maneiras mais adequadas de cuidar das crianças não foram inventados pelos médicos higienistas. Desde o século XVI uma série de manuais e tratados de costumes procurou registrar os princípios da boa criação dos filhos. O surgimento dessa literatura está ligado ao fato de que, nesse período, houve uma intensa valorização da infância. Entendia-se que, transformando a criança, seria possível transformar as sociedades; corrigindo-se os defeitos na educação dos pequenos, reformar-se-ia toda a humanidade. As reflexões sobre esse tema receberam contribuições de intelectuais renomados, como Erasmo de

Rotterdam, que publicou, em 1530, *De civilitate morum puerilium*, e John Locke, autor de *Some Thoughts concerning Education*, de 1693 (GODINO LIMA, 2007, pag. 99).

Os manuais de puericultura consistiam em uma das estratégias empregadas pelos pediatras para levar os seus ensinamentos para além dos seus consultórios. Serviam como um suporte de informações particularmente útil, na medida em que, estando sempre à mão, podiam ser consultados no exato momento em que surgisse uma dúvida em relação ao cuidado com o bebê. A partir do início do século XX, além de serem destinados às mulheres grávidas, esses compêndios passaram a ser redigidos também como material didático dos cursos de puericultura oferecidos nas Escolas Normais. Apresentavam, portanto, sempre um propósito educativo. Num cenário ideal, as jovens estudariam puericultura durante o curso normal, sob a supervisão de um professor, numa fase da vida em que ainda eram solteiras e a perspectiva dos filhos era mais ou menos remota. Levariam em conta os ensinamentos da eugenia veiculados na disciplina ao decidirem se casar. Mais tarde, durante a gravidez, retomariam seus manuais, agora com maior interesse, antecipando as características de seu filho e a rotina de cuidados com o bebê. Conservariam ainda os seus manuais de puericultura para consultas ocasionais, nos intervalos entre as visitas periódicas ao médico (GODINO LIMA, 2007, p. 103).

A mesma autora justifica o uso dos manuais de puericultura como documentos para o estudo histórico das relações entre a higiene e a educação das mães:

Em seus manuais de puericultura, os médicos ansiavam por compartilhar com as mães, tudo quanto sabiam sobre a higiene infantil, de modo a fazer delas suas aliadas na luta pela prevenção das doenças e, sobretudo, na batalha contra a mortalidade infantil. Acreditava-se que uma de suas principais causas desse flagelo era justamente a

ignorância dos preceitos da puericultura  
(GODINO LIMA, 2006, pag. 2-3)

A relação de documentos abarca o período 1868 – 1968 conforme lista a seguir, segundo ano de publicação:

D´ALMEIDA, E e LEMOS, M,	O Médico das crianças ou conselhos às mães sobre a <i>hygiene</i> e tratamento <i>homeopathic</i> das moléstias de seus filhos	1868
FERNANDES FIGUEIRA, A	Consultas práticas de higiene infantil	1919
ALMEIDA, J; MURSA, M.	Noções de puericultura para as mães e para as escolas	1927
GONZAGA, O	A criança: noções de medicina e higiene	1935
PIZA, W	O Livro das Mãezinhas	1937
DA ROCHA , J	Cartinha das Mães	1939
MORAES BARROS FILHO, M	O médico e a criança (estudos de Puericultura e Eugenia).	1940
FORTES, H	Puericultura.	1940
BRASIL.	Decreto nº 2.024, de 17 de fevereiro de 1940	1940
LAGES, W	Higiene da criança. Noções elementares de puericultura. Bahia: Imprensa	1941
ALCANTARA, P	Higiene da primeira infância	1945
GESTEIRA, M	Puericultura (higiene alimentar e social da criança)	1945
RUSSO, E	Cuide de seu filho. Palestras aos Pais, com relação aos cuidados necessários às crianças até os seis anos de idade	1946
DA ROCHA, M	Guia para criar o bebê (puericultura elementar)	1955
MINISTERIO DA SAUDE	Livro das mães	1957
LAGES, W	Como proteger seu filho. Problemas de maior freqüência na assistência a criança.	1957
COSTA MARQUES, J; ARAUJO, J; MARTINS RIBEIRO, A	Curso de puericultura neo-natal.	1960
OLIVEIRA,	Higiene e Puericultura (Para as cadeiras de Curso Pedagógico dos Institutos de Educação do Brasil).	1967

#### Quadro 1: Quadro demonstrativo

A partir da leitura destes documentos foi feita uma seleção de idéias, conceitos e dispositivos que se enquadram, ou fazem referência a algum tipo de brincar, jogo ou atividade lúdica de forma explícita, mas também, conselhos ou indicações às mães

em relação à criação, que tem conseqüências sobre esse brincar ou na relação e estabelecimentos de vínculos entre a criança e os adultos significativos.

Esta seleção corresponde a um conceito de brincar/jogar amplo e não restrito. O sentido, o significado e o alcance deste conceito surgem da relação com outros elementos presentes nas práticas expressas nos documentos e que determinam seu lugar dentro do dispositivo de higienização/ governamentalização.

## IV SINFONIAS DAS INFÂNCIAS

La frase con que acababa de terminar el andante era de una ternura a la que yo me entregué por entero; antes del movimiento hubo un momento de descanso en el que los ejecutantes dejaron sus instrumentos y los oyentes intercambiaron impresiones. Un duque, para demostrar que era entendido, dijo: "Es muy difícil tocar el violín". Algunas personas más agradables hablaron un momento conmigo. Pero ¿qué eran sus palabras que, como toda palabra humana exterior, me dejaban tan indiferente, al lado de la celestial frase musical con la que yo acababa de hablar? Yo era verdaderamente como un ángel que, arrojado de las delicias del paraíso, cae en la más insignificante realidad. Y así como algunos seres son los últimos testigos de una forma de vida que la naturaleza ha abandonado, me preguntaba si no sería la música el ejemplo único de lo que hubiera podido ser la comunicación de las almas de no haberse inventado el lenguaje, la formación de las palabras, el análisis de las ideas. La música es como una posibilidad que no se ha realizado; la humanidad ha tomado otros caminos, el del lenguaje hablado y escrito. Pero este retorno a lo no analizado era tan fascinante que, al salir de tal paraíso, el contacto de los seres más o menos inteligentes me parecía de una insignificancia extraordinaria (PROUST, 1989, p. 277-278).

Não forma parte desta tese fazer um estudo historiográfico sobre a infância e de como foi construído o que Àries (1981) chama de "sentimento da infância" na modernidade. O que nos interessa é como os corpos das crianças resultaram ser um campo de intervenção das biopolíticas e a infância ter se transformado numa categoria populacional sujeita a um brincar higiênico.

Continuando nosso percurso, chegamos a um ponto onde nos deparamos com um fato: o desinteresse por parte dos filósofos pela temática da infância (KOHAN e KENNEDY, 2000). Estas ausências, estes silêncios, a falta de palavras e de escritas

em torno dela, pelo menos num sentido sistemático, percorre a história do pensamento ocidental, omitindo ou negando problemas que a condição do infantil coloca ao mundo adulto.

Não nos permitiremos pensar esta situação como um simples esquecimento produto de uma inocente atitude carente de intencionalidade; nem unicamente como consequência do adultocentrismo que ainda impera na sociedade ocidental.

Poderíamos nos conformar com uma agradável tentação: imaginar que agora tudo mudou pelo fato de termos e ter-lhes dado às crianças uma série de normas e leis, por meio das quais conquistaram o reconhecimento e um “lugar<sup>22</sup>” no universo representacional na contemporaneidade, e com isto deixar calma, resolvida e paga a dívida histórica com a infância.

Para a infância ter um lugar, para que ela possa ser pensada, e isto com o peso e as consequências que a ação de pensar tem na construção de uma noção ou de um conceito, é necessário aceitar os “quizes”. Aqueles que geram perigos, aqueles que abraçam o perigo do informe, do por fazer.

Hay que aguardar para ello a la llegada de un nuevo género de filósofos, de filósofos que tengan gustos e inclinaciones diferentes y opuestos a los tenidos hasta ahora, filósofos del peligroso <<quizás>>, en todos los sentidos de esta palabra. Y hablando con toda seriedad: yo veo surgir en el horizonte a esos nuevos filósofos (NIETZSCHE, 2003, p. 13).

Sem pretender fazer uma enumeração a partir de uma lógica diacronicamente construída, não podemos negar o valor de uma obra em particular que marcou uma ruptura no que toca a inscrição da infância, da infância como problema no pensamento filosófico moderno: o “Emílio ou da educação” (ROUSSEAU, 1969).

O texto de Rousseau é um chamado para pretender acabar com o modelo adultocêntrico a partir do qual as crianças eram consideradas como adultos em miniatura. Convida a pensar a criança conforme a figura do bom-selvagem (CORAZZA, 2000).

---

<sup>22</sup> Veremos em apartado seguinte o valor do termo “lugar” enquanto espaço de construção da experiência cultural e do uso que damos a esse termo.

Ao mesmo tempo também poderia ser pensado como um elo entre uma infância ignorada enquanto tal (pré-moderna), e uma infância não somente salva a partir do reconhecimento, senão também chamada a salvar a humanidade. Carregando o peso das esperanças e a responsabilidade por um futuro que a própria modernidade instaurou como incerto e contingente. O paradoxo é que, de uma e outra forma, a infância condenada a não ser ou à morte - simbólica e/ou real, conforme o tipo, qualidade e quantidade de violência implícita nas redes sociais, em suma nas redes de poder.

A existência de uma criança em cada adulto é um tema que recorrentemente aparece em diferentes autores (FREUD, 1908; WINNICOTT, 1982), quase sempre associado a formas singulares de ser adulto:

Muitos artistas, sonhadores e demais espécies, inclassificáveis entre aqueles que não se adaptam com facilidade aos cânones socialmente estabelecidos e buscam permanentemente redesenhar os limites de sua identidade e a do mundo, talvez contenham esta forma de ter experiências do mundo, tão familiar e ao mesmo tempo tão remota para a imensa maioria dos adultos. Percebemos esta forma com toda sua impressionante imediatez na arte, no erotismo, naqueles surtos repentinos de sentido que às vezes nos arremetem, seja o que for que estamos fazendo (KOHAN, e KENNEDY, 2000, p. 10-11).

Podemos concordar em que não são estes tipos de personagens os que os sistemas pretendem gerar ou deixar surgir, senão pelo contrário, um tipo de homem normalizado, dócil e que responda ao modelo de comportamento e de personalidade chamado de normótico, para uma sociedade que, em definitivo, busca na normalidade um objetivo estratégico a alcançar para sobreviver.

Apesar deste tipo de idealismo romântico em relação à infância perdida, parece inegável que a criança é um outro marginalizado. Sujeita às mais terríveis e vexatórias exclusões e objeto de exploração econômica, sexual, vítimas de fome, maus tratos, tristeza e abandono, privações e deprivações cotidianamente naturalizadas, é inaceitável porque “nada existe

de mais anormal, arbitrário e ideológico que a exclusão de camadas inteiras de crianças de nossas sociedades pelo fato de serem crianças” (KOHAN, e KENNEDY, 2000, p. 12).

Isto não parece ser mais que a consequência “natural” da passagem do modelo familiar ao modelo de governo das populações. Para atingir a meta de governo e de controle foi necessária a criação de uma série de noções como a de infância como categoria populacional. Aparece, assim, a necessidade de desenvolver dispositivos de seguridade para cuidar das crianças em particular, e da infância como grupo sobre o qual exercer diferentes tipos de ações tendentes a preservar sua saúde, educação e estatuto jurídico.

Mas este cuidado ao qual fazemos referência é mais um tomar conta do que um cuidado propriamente dito. Este tomar conta está conceitualmente em oposição daquilo que tentamos introduzir vinculado ao conceito de *parrhesia* e de *epimeleia heautou*.

O clássico estudo de Áries, “História social da infância e da família” (1981), nos confronta com uma primeira questão que é levantada também por Kohan (2000b), a de não haver crianças por natureza (nem adultos): “Um homem do século XVI ou XVII ficaria espantado com as exigências de identidade civil a que nos submetemos com naturalidade” (ÁRIES, 1981, p. 29).

Ser criança, ser adulto, ser adolescente, são construções sociais e históricas. A categorização social, escreve Kohan (2000), está acompanhada de práticas, saberes e valores a partir dos quais ficam regulados os tipos de relações interpessoais e os modos de ser e de viver.

Neste sentido confluem disciplina, seguridade e cuidado.

En otras palabras, la ley prohíbe, la disciplina prescribe y la seguridad, sin prohibir ni prescribir, y aunque eventualmente se dé algunos instrumentos vinculados con la interdicción y la prescripción, tiene la función esencial de responder a una realidad de tal manera que la respuesta la anule: la anule, la limite, la frene o la regule. Esta regulación en el elemento de la realidad es, creo, lo fundamental en los dispositivos de seguridad (FOUCAULT, 2006, p.69).

Surgem como conseqüência da necessidade de regulamentar, conceitos e ferramentas que terão um destaque tático e estratégico na concepção das biopolíticas. O campo de aplicação, as técnicas e as formas de intervir sobre as populações ampliam seus instrumentos quando noções como as de caso, risco, perigo e crise fazem questão de distinguir entre sujeitos doentes e não doentes, normais e anormais, incluindo, uns e outros, numa só categoria, a de população, sem levar em conta rupturas, descontinuidades e singularidades (FOUCAULT, 2006).

A temática do homem e da criança (no nosso caso) tem uma conseqüência:

A través de las ciencias humanas que lo analizan como ser viviente, individuo que trabaja, sujeto hablante, debe comprenderse a partir del surgimiento de la población como correlato de poder y objeto de saber. Después de todo, el hombre, tal como se lo pensó y definió a partir de a ciencias humanas del siglo XIX y tal como lo hizo objeto de su reflexión el humanismo de esa misma centuria, no es en definitiva, otra cosa que una figura de la población (FOUCAULT, 2006, p. 108).

No caso das crianças nos deparamos com uma situação muito particular, o que de alguma maneira tento representar com o título que leva este segmento da apresentação: as sinfonias da infância.

Do impensável, da impossibilidade epistêmica de reconhecer um sujeito onde há uma criança, a modernidade lhe ofereceu um fugaz (ainda vigente) papel protagônico. Também uma subjetividade, efêmera e contingente, mas controlada e legitimada pela razão do Estado.

Da criança-sujeito à criança-população. Uma situação paradoxal é a de que enquanto as crianças não “existiam” e ninguém se ocupava com elas não eram percebidas carregando o germe perigoso da resistência e do irracional.

A criança é ambivalente na imaginação adulta porque ela representa uma condição-limite do humano. Como o louco, o divino, o animal – ou, no patriarcado, a mulher - todos representações do desejo em alguma forma “pura”, a

liminaridade da criança ao mesmo tempo a exclui e a privilegia. Por isso era uma criança quem ia ao encontro do deus antes dos adoradores, nos mistérios secretos de Elêusis<sup>23</sup> (KENNEDY, 2000, p. 82).

Esta condição de limite entre o humano e o não-humano é trabalhada também por Corazza (2000) ao fazer referência à condição da criança como morto-vivo; por sua parte Agamben (2003) ao trazer o problema da transmissão dos significantes do passado ao presente, reconhece nas “larvas” (significantes instáveis), entes de difícil determinação. A larva é um morto-vivo ou um meio-morto, assim como a criança representa a descontinuidade e a mutação, representa “al mismo tiempo una amenaza que se procura neutralizar y un expediente que hace posible el pasaje de una esfera a la otra sin abolir su diferencia significativa” (AGAMBEN, 2003, p. 122).

A criança “entre” o Homem e a natureza, o aberto. O campo do não domínio, que para Agamben (2006) significa que: ni el hombre debe dominar la naturaleza ni la naturaleza, al hombre. Y que menos aún ambos deben ser superados en un tercer término que representaría su síntesis dialéctica. Sobre todo, según el modelo benjaminiano de una ‘dialéctica en suspenso’, aquí es decisivo solamente el ‘entre’, el intervalo y casi el juego entre los dos términos, su constelación inmediata en una no-coincidencia (AGAMBEN, 2006, p. 152).

Dominar o aberto para poder fechá-lo, é uma das formas que em que opera o biopoder. O biopoder tal como Agamben (2004) o problematiza teria como função des-historicizar o sujeito, deixá-lo fora do tempo, fora do espaço, metamorfoseando o sujeito na negatividade do brincar.

Si esto es así, si aquello con que juegan los niños es la historia y si el juego es esa relación

<sup>23</sup> A base dos Mistérios de Elêusis consistia de tradições, ritos e princípios sagrados. Seus deuses principais foram Dionísus e Deméter. O ensinamento superior era divulgado na forma da Arte: teatro, música, poesia, dança, escultura etc. o que nos retrotraí à dimensão criativa que lhe é atribuída à condição do infantil.

con los objetos y los comportamientos humanos que capta en ellos el puro carácter historico-temporal, no parecerá irrelevante que en un fragmento de Heráclito – o sea en los orígenes del pensamiento europeo - Aión, el tiempo en su carácter originario, figure como “un niño que juega a los dados” y se defina la dimensión abierta por ese juego como un “reino de un niño” (AGAMBEN, 2003, p. 104-105).

Sobre os destinos dessa criança, sobre os dispositivos, sobre as práticas desse jogar, desses brincar, e sobre os limites, normas que regulam esses reinos é que pretendemos produzir algum acontecimento. É isto seguindo um dos objetivos dos cursos que Foucault ministrou no *Collège de France* e que segundo Edwald e Fontana (2009):

Los cursos también tenían una función en la actualidad del momento. El oyente que participaba en ellos no se sentía únicamente cautivado por el relato que se construía semana tras semana, no sólo era seducido por el rigor de la exposición; también encontraba en ella una dilucidación del presente. El arte de Michel Foucault consistía en abordar en diagonal la actualidad a través de la historia (p. 11).

Não pretendo neste capítulo fazer um percurso histórico da criança ou da infância, segundo o caso, mas sim colocar o problema em termos de atualidade. Transitar pelas margens da história e da filosofia é, como afirma Foucault, ter a função de interrogar-se sobre a própria atualidade (FOUCAULT, 2009).

Desde diferentes lugares uma pergunta insiste. Pergunta que nasce da preocupação e a incerteza sobre o que fazer com as crianças (uma das “preocupações de um pai de família”). Pergunta que, mesmo não sendo atual, convive desde sempre com os administradores, gestores, com os que exercem poder. Os encarregados de governar e construir os dispositivos de sujeição apoiaram-se nos jogos de verdade que a ciência lhes oferecia para, com eles, determinar e legitimar as políticas públicas que foram se sucedendo.

Antes de poder responder o que fazer com as crianças,

resulta necessário saber como é definida esta categoria populacional. Ou seja, o que é uma criança? As mais variadas respostas podem ser dadas para definir esse ser criança. Muitas outras definições já tentaram se aproximar e descobrir a essência para, a partir daí, poder exercer o governo que os tempos exigem.

Podemos dizer que os intentos para dominar esse estado de menoridade que o sujeito humano tem de superar não deram os resultados esperados. Políticas, dispositivos educacionais, psicológicos, médicos, jurídicos das mais diversas origens, muitos deles contraditórios e complementares entre si, foram se sucedendo no decorrer da história recente.

Poderíamos usar a análise que Foucault faz a partir do artigo de Kant "*Was ist Aufklärung?*" para entender como a filosofia, esta filosofia do presente pode subvencionar para problematizar esta dimensão do infantil. A resposta que dá Kant é que o iluminismo é a saída do estado de menoridade: "E por "menoridade" ele entende um certo estado de nossa vontade que nos faz aceitar a autoridade de algum outro para nos conduzir nos domínios em que convém fazer uso da razão" (FOUCAULT, 2005, p. 337).

Por outra parte e complementando esta explicação, Foucault no seminário "*El gobierno de si y de los otros*" (2009) define, a partir de Kant, a menoridade como a "*incapacidad de valerse del entendimiento sin la dirección del otro*" (2009, p.42).

De uma e de outra forma, seja a humanidade ou um sujeito, esse estado de incapacidade é o que dá direito sobre o incapaz.

Vejamos algumas das formas em que foi pensado esse "incapaz".

Resulta interessante levantar uma questão em relação a que a palavra "criança" utilizada na Lei que cria o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (1980), é uma palavra que não tem gênero, é assexuada, já que vale tanto para menino quanto para menina, sem fazer distinção alguma entre uns e outras. Podemos dizer que criança na verdade é aquele que está na situação de ser criado, daquele a quem está sendo dada existência, origem e formação. Também é imaginar, fundar e sustentar. Tal o que se desprende do vocábulo.

Desta forma o primeiro que se perfila para tentar exhibir o estado atual da criança e da infância é que, fundamentalmente,

criança é definida politicamente e não biológica, psicológica ou pedagogicamente. Seja pela via do cuidado ou do cuidador, o estabelecimento dos limites, dos direitos, dos deveres e das responsabilidades resultam de acordos e necessidades biopolíticas, mais que do uso de outros critérios, embora se mascare que a escolha por determinadas faixas etárias esteja sustentada em estudos científicos.

Devemos destacar que o argumento científico não é o único que é utilizado para a delimitação da capacidade de governar-se a si mesmo, de cuidar-de-si. Critérios religiosos e mítico – culturais também são utilizados para determinar quando alguém é homem ou mulher e deve abandonar as formas existentes da incapacidade. A larva, a criança (AGAMBEN, 2003) não segue um caminho biológico determinado, nem uma seqüência, nem um tempo que a evolução pareceria ter escrito, estão fora da diacronia e da sincronia. Os tempos de brincar, os tempos para brincar, também são determinados segundo os critérios citados.

Considerado así, las larvas y niños, que no pertenecen a los significantes de la diacronía ni a los de la sincronía, se revelan como significantes de la misma operación significativa entre los dos mundos que constituye la posibilidad del sistema social. Es decir que son los significantes de la función significativa, sin la cual no existirían el tiempo humano y la historia (AGAMBEN, 2003, p. 124-125).

O problema (afortunadamente?) subsiste porque na realidade a não se conhece a criança, ainda menos, como afirma Doltó (1990), ao adolescente.

No es casual que el nacimiento del sentimiento de infancia sea contemporáneo a la proliferación de discursos normativos de las condiciones que deben ser generadas en esos ámbitos de permanencia de los niños. En la medida en que la absorción del cuerpo infantil por parte de la escuela va ganando terreno, son cuantitativamente mayores y cualitativamente más complejos los problemas que se van presentando en forma cotidiana. Una nueva situación es menester llevar a buen puerto: niños encerrados en las escuelas; lo que

implica resolver, por un lado, el tratamiento que se les habrá de dar, la dinámica de la institución; y por otro lado, y esto en un inicio es más importante, se necesita resolver el modo en que estos niños habrán de ser sustraídos de la producción y del juego (NARODOWSKI, 2007, p. 54).

Antes disso é necessário fazer um percurso por algumas situações nas quais é possível reconhecer pluralidades de infâncias presentes no tecido social e no discursivo. Um deles é o espaço jurídico. Este espaço é onde é definido politicamente o conceito de criança e de adolescente.

É necessário destacar os avanços em matéria de legislação em relação às crianças e adolescentes durante o século XX. O que não deixa de chamar a atenção é que apesar dos esforços para implementar as legislações recorrentemente se alçam vozes reclamando uma certa volta ao *status quo* anterior em relação, por exemplo, a idade de imputabilidade para os menores. Paradoxal acaba sendo o fato que uma sociedade que se encarrega de infantilizar, ou por vezes adultizar infantilizando, acabe cobrando senso de responsabilidade e consciência moral, aos mesmos que assujeitou aos dispositivos de controle e de institucionalização.

Ao respeito, Garcia Mendez (1998) responsabiliza as deficiências estruturais do sistema de exclusão baseado na tutela penal do Estado, para os menores judicializados:

O poder-saber da corporação médica interferiu profundamente na proposta de judilização dos problemas sociais. No plano conceitual do positivismo bioantropológico, no qual os desajustes sociais remetiam automaticamente a deficiências genéticas de caráter hereditário, a figura do juiz e a instituição dos tribunais de menores eram absolutamente inúteis (GARCIA MENDEZ, 1998, p. 22).

Uma das preocupações que surgem nos juristas que participaram na elaboração do ECA e que foi acontecendo a partir da sua promulgação: a discricionariedade com a que é tratado o conceito de garantia. Para Garcia Mendez (1998) o

conceito de garantia é completamente inovador quando se trata de temas vinculados à infância. Mas afirma que convive com essa “novidade” o peso da preocupação histórica com a infância, que pertence:

à cultura da discricionariedade, seja ela “boa” ou compassiva, “ruim” ou repressiva ou, o que talvez seja mais freqüente uma mistura das duas formas. Não por acaso, há consenso de que o percurso da história da infância pode resumir-se na evolução da consideração do menor como objeto esquizofrênico da compaixão-repressão à criança/adolescente como sujeito de direito (GARCIA MENDEZ, 1998, p. 198).

Uma discricionariedade que segundo a origem social da criança dispara uma série de dispositivos para uns ou para outros, conforme o grau de risco ou vulnerabilidade para o sujeito ou para a trama social. Garcia Mendez define esta situação com uma fórmula que deu nome a um dos capítulos do seu livro “Infância e cidadania na América Latina” (1998) que chamou de: “Cidadania da Criança: a revolução francesa com 200 anos de atraso”. Mas este atraso em muitos sentidos não se reflete da mesma forma conforme essa criança em particular pertença a uma ou outra camada social.

Enquanto essa cidadania demorou a chegar, os valores da modernidade não se fizeram esperar. Pelo contrário, prontamente foram desenvolvidos dispositivos capazes de retirar do infantil a potência da experiência. Mas não somente. De alguma forma, a infância representa um dos últimos, ou talvez, o último refúgio da resistência.

Resistência subjetiva, ou que poderíamos chamar também de resistência ao assujeitamento, que o brincar possibilita à experiência *in-fans*. Scramim (2007) relaciona alguns destes conceitos em um ensaio intitulado “Literatura e Infância”:

Uma das definições de poesia é a de que ela opera por corte e repetição. Isso não parece uma operação de um jogo *in-fans*? Na qual o sentido, a experiência com a coisa, acontece na interrupção do saber e na sua repetição em busca dessa experiência que se arrisca a não alcançar o conhecimento. A morte, já nos

referimos a isso, é o ponto culminante de nossas experiências vitais. A finalidade da experiência era conduzir o homem à sua maturidade, isto é, a antecipação da morte como idéia de uma totalidade acabada da experiência, era algo finito, algo que se podia ter e fazer. Ao contrário, a experiência *in-fans* nos proporciona uma inversão desse caminho. A retomada da experiência do que não fala, a infância do homem, é que pode ser capaz dessa forma de oferecer-nos o ponto culminante de nossas experiências vitais, da nossa vida íntima de seres entre seres (SCRAMIM, 2007).

A capacidade para ter e/ou construir experiências autênticas é o que preserva ao sujeito das diferentes formas de alienação. À esta conclusão chega Agamben (2003) quando problematiza a relação entre fantasia e experiência.

Pues la imaginación, que actualmente es expulsada del conocimiento como "irreal", era en cambio para la antigüedad el médium por excelencia del conocimiento. [...]

Pero con Descartes y el nacimiento de la ciencia moderna la función de la fantasia es asumida por el nuevo sujeto del conocimiento: el ego cogito (debe advertirse que en el vocabulario técnico de la filosofía medieval cogitare designaba más bien el discurso de la fantasia y no el acto de la inteligencia) (AGAMBEN, 2003, p. 25-26).

A modernidade acaba com a experiência primeiramente no nível do adulto introduzindo a racionalidade como "a" forma do pensar e conhecer. Para isso foi necessário destruir todas as formas que entrassem em conflito com o *cogito*. O próximo passo, aquele que viemos denunciando, era acabar com a experiência presente no brincar, com a criatividade nas diferentes formas de expressão. O que está em jogo é o problema do mistério (outra vez Odradeck), o problema de pensar o mistério como infância e a infância como mistério.

A infância, tal como Agamben (2003) a caracteriza,

introduz a discontinuidade: “como infância del hombre, la experiencia es la mera diferencia entre lo humano y lo lingüístico. Que el hombre no sea desde siempre hablante, que haya sido y sea todavía in-fante, eso es la experiencia” (p. 70). Mais adiante afirma:

La instancia de la infancia como archilímite se manifiesta en el lenguaje al constituirlo como lugar de la verdad. Lo que Wittgenstein, al final del Tractatus, plantea como límite místico del lenguaje es las brumas de una supuesta experiencia mística, sino que es el mismo origen transcendental del lenguaje, es simplemente la infancia del hombre. Lo inefable es en realidad infancia. La experiencia es el *mysterion* que todo hombre instituye por el hecho de tener una infancia. Ese misterio no es un juramento de silencio y de inefabilidad mística; por el contrario, es el voto que compromete al hombre con la palabra y con la verdad (AGAMBEN, 2003, p. 70-71).

Tirando o véu, o mistério do brincar se revela e com isso a experiência perde a potência de potência. A infância exposta, o brincar exposto ao olhar da ciência e da razão ficam reduzidos a, usando uma figura de Agamben, uma infância nua, um brincar nu. Tal o objetivo e os efeitos do governo do brincar.

Uma das questões que continuamente sobrevoam os conceitos aqui vertidos ou a serem vertidos se refere à relação adulto – criança, não somente no sentido das relações de poder entre um e outro, senão a da relação do adulto com “sua” criança. Conseqüentemente com “seu” brincar, com sua curiosidade (essa era da curiosidade com a que sonhava Foucault).

Porque governamentalizando essas infâncias se exerce indiretamente também uma ação de controle e de neutralização dos poderes instituintes, das potencialidades criativas e resistenciais de luta contra o instituído.

A infantilização do adulto é o contrário do resgate da “potência criança” no adulto. Sugestivos termos aparecem nos documentos que são analisados nesta tese, tais como: mãezinhas, livrinho, criancinhas, evidenciando o caráter paternalista assumido pelo dispositivo psico-médico-pedagógico.

Vejamos algumas das representações de infância presentes em alguns dos documentos escolhidos para a realização desta pesquisa.

Fernandes Figueira (1919) definia a criança sadia como aquela que: “não chora, pode se asseverar. [...] Quando as lágrimas, tão raras nos primeiros tempos, aparecem na face infantil, procuremos-lhe a causa” (p.191). Já em 1927 Almeida Jr. e Mursa em um intento de “iluminar” a população (mas que de fato coincide com as teses de branqueamento da população brasileira e da difusão de teorias e políticas vinculadas a pureza racial) para de esse modo preservar às crianças dos males da ignorância:

Estamos deante de um corpo de doutrinas absurdas e idiotas, insufladas no nosso povo pelo africano, pelo índio e especialmente pelo immigrante inculto, e conservadas no relicario das tradições, graças à propaganda das comadres e das velhotas não beneficiadas pela educação [...]

Um pouco de reflexão e, para que não dizer? Um pouco de amizade para com a criança far-nos-ão procurar uma pessoa que saiba observar, interpretar e corrigir as perturbações do organismo infantil, isto é, o médico (ALMEIDA JR. E MURSA, 1927, p.152-153).

A batalha entre o saber popular e erudito, o saber das tradições e das idéias e preceitos positivistas, os saberes de raça eram (são?) por demais presentes nos tipos de documentos com os quais estamos trabalhando. O estilo narrativo, por vezes, de tom agressivo, em outras para dar ênfase às idéias faz uso de metáforas que numa primeira leitura podem parecer graciosas, implicam formas de pensar e olhar as crianças. Nesses momentos a “ciência” cede lugar a sabedoria popular outrora criticada: “A sabedoria popular que, mau grado o crédito de que goza, incide com freqüência em erro, acertou neste ponto dizendo que é de pequeninho que se torce o pepino” (ALMEIDA JR; MURSA, 1927, p. 133). O médico neste caso, médico de pepinos. Outras interessantes e sabias páginas destes autores reaparecerão quando forem tratadas outras questões vinculadas aos temas desta tese.

Gonzaga (1935) se sustentando na “lei biológica: a ontogênese reproduz a filogenese, isto é, o crescimento do indivíduo reproduz o crescimento da espécie” (p. 4), descreve as feições da criança conforme a idéia de que: “durante os primeiros annos todo homem civilizado passa pelas phases do character, patenteadas pela raça barbara de que descende” (p. 3). As similitudes, tais como:

o nariz chato, as narinas abertas, os beijos grossos, os olhos muito afastados, a ausência do seio frontal – se parecem por certo com as feições do selvagem, assim também se assemelham os seus instinctos. Dahi as tendências para a crueldade, para o roubo, para a mentira, tão geraes nas crianças – tendências que, mesmo sem auxilio de disciplina, virão a ser mais ou menos modificadas, exactamente como as feições. A idéia popular de que as crianças são ‘innocentes’, embora verdadeira quanto ao conhecimento do mal, é totalmente falsa em relação aos impulsos para o mal [...] (p. 4).

Há uma relação entre a criança como ameaça e a criança ameaçada pela falta de educação e disciplina. Necessário resulta o destaque da inclusão dos “impulsos para o mal” que podem ser relacionados com a pulsão de morte, já descrita por Freud (1920) anos antes. Estes impulsos foram omitidos em trabalhos posteriores como veremos oportunamente quando for tratado o problema atual a partir do qual foi construída esta tese.

Tratando-se de domesticar os instinctos, e estes associados a uma etapa ou característica primitiva do ser humano, Gonzaga descrevia assim a criança:

La Fontaine, que tanto amou os animaes, disse das crianças: “esta idade é sem piedade”, - conceito que, apesar de absoluto, exprime a verdade.

Sendo essencialmente egoísta a criança é mais inclinada a fazer o mal do que o bem. O desenvolvimento das inclinações sympathicas requer certo grau de intelligencia o qual, faltando no pequeno ser, o impede de compreender em sua extensão o mal que pratica ou do qual ouve apenas falar sem

avaliar o seu justo alcance (p. 578).

Isto leva-o a aconselhar que:

Erra quem adopta o systema de mostrar-se demasiadamente familiar para com os filhos quando pequenos e severos quando maiores. A liberdade não pode ser boa para as crianças; como lhe falta juízo necessitam de direção e disciplina. Ao contrario, a severidade é prejudicial aos jovens que já possuem razão suficiente (p. 08)

Se bem as idéias do nacional-socialismo construídas a partir dos aportes da medicina e da psiquiatria estão presentes particularmente nesse período da história, a classificação, parte e condição de governamentalidade, seja pela via eugênica, seja pela via do controle social, supôs o ensamble de saberes e conhecimentos, também de discursos construídos a partir destes. Segundo Zaffaroni<sup>24</sup> (2009)

No se trata de que la psiquiatria y la medicina aportaran algo concreto al nazismo: todo lo contrario, el nazismo es expresión de una ciencia dogmatizada, de un positivismo pobre en argumentos pero eficaz a la hora de revolver las tripas de las multitudes. Los crímenes del nazismo no fueron más que culminación de la senda indicada por el positivismo, seguida hasta sus últimas consecuencias. La Revolución Industrial había llevado al poder a una clase de industriales, comerciantes y banqueros que se concentraron en las ciudades, junto a muchos más que llegaban a ellas en límites de subsistencia, generando situaciones de extrema tensión y violencia como resultado de la simultánea acumulación de riqueza y miseria en el reducido territorio geográfico. Se concentraban los que tenían mucho y los que tenían algo junto a quienes no tenían nada. Los últimos se volvían peligrosos.

---

<sup>24</sup> Zaffaroni é professor no Departamento de Direito Penal e Criminologia da Universidade Nacional de Buenos Aires e membro Corte Suprema de Justiça da República Argentina.

La policía aparece como institución indispensable para la defensa de los primeros. [...] De este encuentro entre médicos y policías surge el mayor impulso del positivismo disciplinante en las ciudades (2009).

As idéias eugênicas tão presentes nas práticas nazistas, para Zaffaroni (2009) estão relacionadas coma idéia de classes perigosas. A infância, enquanto estágio inferior do desenvolvimento humano acabou sendo alvo dos dispositivos criados a partir dos constructos que deram origem ao eugenismo. Nesse sentido Zaffaroni resgata que o objetivo era o de neutralizar o perigo potencial que representavam esses diferentes<sup>25</sup>:

Las clases peligrosas se asimilaron a los neocolonizados: eran salvajes regresivos que surgían por accidentes de la naturaleza entre las razas superiores: el loco moral de la psiquiatría inglesa; el delincuente nato de Cubi y Soler y, después, de Lombroso; el mestizo degenerado de Morel; los mestizajes que neutralizaban la raza superior de Gobineau (ZAFFARONI, 2009).

A pediatria brasileira, o dispositivo higienizador que viemos estudando nutrido inicialmente na Europa (escola francesa, escola alemã) se potencializa a partir dos contatos com a escola norte-americana.

---

<sup>25</sup> La lógica era: hay que neutralizar a los inferiores para que no se reproduzcan y hagan desaparecer a los superiores; hay que impulsar el avance de los superiores y esterilizar a los inferiores. Galton le dio forma de ciencia con su "eugenesia", pero se asombró —y asustó— cuando los norteamericanos la tomaron en serio y las sociedades de criadores de vacunos y caballos con veterinarios a la cabeza, y apoyados financieramente por fundaciones prestigiosas, comenzaron a aplicarla a los humanos; a partir de 1907, la convirtieron en ley. Se reprodujeron las leyes de esterilización y las prohibiciones de los matrimonios mixtos en los Estados Unidos, pese a que el pobre Galton declaraba que lo suyo eran hipótesis necesitadas de demostración. Miles de personas fueron esterilizadas: delincuentes, malformados, sordomudos, psicóticos, ciegos, toxicodependientes, débiles mentales, epilépticos. En Europa, países nórdicos y algún cantón suizo copiaron las leyes. La eugenesia alemana estaba en pañales; los norteamericanos le transfirieron sus conocimientos científicos y financiaron sus primeros institutos (ZAFFARONI, 2009).

O “Livro das mãezinhas” de Waldemir Piza (1937) retrata de forma clara esse momento do pensamento higienista. Deixa exposto de forma crua que o higienismo e a medicalização não tinham exclusivamente uma preocupação com a saúde física e moral (depois com o correr do tempo este termo “moral” foi mudado para um outro mais afim com as novas correntes para o de mental). Do que se trata é de governar e moldar subjetividades:

O teu filho deve ser educado para viver a vida de hoje. Os velhos moldes já não servem. É indispensável que se modifique a mentalidade de nossa gente que era, até a pouco, dispersiva e imprevidente. É preciso que a criança de hoje se eduque numa escola de economia para que não venha a sofrer futuramente os resultados da confiança cega no azar e na sorte. [...]

Um norte-americano milionário – quase sempre os milionários são norte-americanos [...] (PIZA, 1937, p. 95-96).

De qualquer forma, seja no “*American way of life*” ou em algum outro, a criança se define como aquele ser que necessita ser governado, moldado conforme os regimes de verdade que foram se substituindo uns aos outros, e isto, para lutar contra os desígnios da hereditariedade. Moraes Barros Filho (1940) define como medidas eutécnicas como aquelas que “visam melhorar os indivíduos nas manifestações de suas tendências inatas” (1940, p. 21). Destaca, por exemplo, a higiene pré-natal, a puericultura, a educação física (esta em particular vai ocupando um espaço cada vez maior na educação das crianças) a higiene da alimentação, a higiene mental.

Eugenismo, para este autor, constitui o “conjunto de todas as medidas eugênicas, eutécnicas, morais e sociais, tendo, por fim, a geração de boas proles em ambientes também bons, enfim todas as medidas em prol dos ideais eugênicos” (MORAES BARROS FILHO, 1940, p. 23-24). A forma em que define o conceito de eugenismo coincide plenamente com a definição com a qual viemos trabalhando de dispositivo desde o ponto de vista foucaultiano. Desta forma o dispositivo eugênico ao serviço da governamentalização da infância.

Moraes Barros Filho, ao perguntar-se o que é uma criança,

a define como: “um pequeno ser, continuidade da nossa vida, da vida de seus pais, o marco de uma nova geração que acaba de apontar, um pequeno organismo em botão, que começa a desabrochar para a vida!” (MORAES BARROS FILHO, 1940, p. 24). Qual o direito desse ser a uma vida própria se está chamado a ocupar um lugar determinado na família e na sociedade? Quem é o beneficiário final de todos os cuidados e atenções para com essa criança?

Nada melhor para os pais e nada mais útil para a sociedade, do que uma Nação que tem suas forças e reservas representadas no vigor e na saúde de suas crianças.

Pugnar, portanto, para a formação de crianças fortes e sadias, é concorrer para melhorar a humanidade (MORAES BARROS FILHO, 1940, p. 24).

Todo cuidado é pouco para garantir um crescimento forte e sadio. Os direitos das crianças convertidos em razão de Estado são em definitivo a forma indireta de garantir para o próprio Estado uma promessa de supervivência. Para isso dispõe e cria as mais diversas instituições que, alinhadas com as diretrizes das biopolíticas, podem converter esse Estado numa grande Nação. Uma grande Nação é reconhecida a partir da capacidade para conseguir um “imenso capital, capital de uma riqueza inestimável que é representado pelo material humano de amanhã – pelas crianças de hoje, fortes de físico e fortes de espírito” (MORAES BARROS FILHO, 1940, p. 30).

Quais as instituições de proteção e de educação e dispositivos propostos?

Hospitais para abrigar as crianças doentes; orfanatos para as desamparadas; instituições para débeis físicos e metais; casas maternais para abrigo de filhos de operários; creches ou dispensários para educar as mães e dar assistência medica a seus filhos; lactários, para alimentar os bebes que são privados de leite materno; sanatórios para crianças tuberculosas; preventórios para filhos de tuberculosos ou leprosos; centros de recreação (*play-grounds*) para as crianças terem um ambiente agradável, sadio e educativo; escola, enfim, tôdas as oportunidades para o desenvolvimento físico e

mental da criança (MORAES BARROS FILHO, 1940, p. 30).

Em particular resgato, por causa do tema desta tese, os centros de recreação, que colocam o brincar entre os dispositivos de proteção e educação. O fato de aparecer em um texto de 1940 derruba as hipóteses que sustentavam que este tipo de espaços, hoje conhecidos popularmente como brinquedotecas, não são um invento recente, senão a atualização de antigas medidas de cuidado e proteção (também de controle e disciplinarização, em síntese de governo). O que se mantém como continuidade é a utilização do brincar com intenções de governo da infância, embora existam rupturas ou descontinuidades nas formas em que esse brincar é pensado desde o ponto de vista teórico para poder dar conta de justificar seu uso.

Retomando os efeitos que as idéias do nacional-socialismo exerceu sobre a idiosincrasia de parte da medicina e pediatria brasileira, vou me deter na análise de um texto de Waldemar Lages “Higiene da criança. Noções elementares de puericultura” (1941). Lages se apresenta na capa do livro como sendo Professor Livre de Pediatria da Faculdade de Medicina da Bahia e ex-assistente da Clínica de Crianças da Universidade de Berlim – *Charité*.

A preocupação de Lages com as crianças nos remete à relação entre positivismo e eugenia que fazíamos referência alguns parágrafos atrás. Ordem e progresso, valores que surgem do positivismo, encontram neste autor o motivo para realçar a necessidade de acabar com a luta entre classes sociais para sair na procura da união:

A ordem deve ser a união de ponto de vista, nacionalismo se quiserem, mas visando unicamente o progresso científico deste imenso Brasil, onde os nossos irmãos do interior pouco sabem do que vai pelas cidades. Isto será o apelo aos colegas e aos dirigentes deste nosso Brasil. [...]

Dos que são cultos, auxiliando os incultos. Destes últimos, deixando-se auxiliar pelos que assim podem e devem fazer. [...]

Higiene mental, corporal, publica e social. A esta ultima eu denomino higiene dos que

pugnam e dos que estão em combate com as idéias necessárias ao melhoramento de nossa raça (LAGES, 1941, p. 2-3)

Resgata como necessidade o uso do rádio<sup>26</sup> como forma de penetrar fundamentalmente nas camadas pobres da sociedade, sem deixar de fazer o apelo a uso da esterilização no caso de débeis mentais, epilépticos e tarados: “A puericultura exige higiene pré-natal, e, antes desta, higiene pré-nupcial. Nos países civilizados, hoje em dia, nem que os doentes tratem os doentes. Só podem tratar os doentes aqueles que são sadios” (LAGES, 1941, p. 7). Por países civilizados Lages entende aqueles que, como:

Na Alemanha, tanto para as mães como para as mulheres solteiras existem instituições que tem como finalidade prodigalizar um repouso eficiente àquelas que necessitam. Tal medida se estende também aos homens adultos, aos velhos e às crianças escolares, que, unidos sob a bandeira nacional-socialista, per correm sob a vigilância do Estado todo o país, aprendendo os costumes dos seus irmãos mais distantes, auscultando-lhes os sentimentos e preparando-se para ajuda-los concientemente na ocasião propicia (p. 12).

Uma das ocasiões propícia é no fim da idade pré-escolar. Esta idade esta caracterizada pela revolta pela liberdade perdida. Aqui está o centro do pensamento de Lages sobre a criança: um ser que necessita aceitar e ir se adaptando para que:

não se verifiquem os quadros dos revoltados e dos indolentes ou incapazes, absortos que vivem num mundo de ilusões passadas e que eles perderam subitamente ou que, inconcientemente, se julgam roubados do mesmo.

Já antes desta época deve-se ir acostumando as crianças a trabalhos mais sérios, encobertos pela capa dissimuladora de um brinquedo

<sup>26</sup> Mais adiante veremos como os meios de comunicação de massa assumem um lugar de destaque nas formas de divulgação e de visibilidade das idéias e conselhos para pais.

apropriado (LAGES, 1941, p. 120).

Em particular aparece aqui um dos elementos centrais no que faz a esta tese: o uso do brincar como forma de mascarar (dissimular diz Lages) intencionalidades que apontam ao governo das crianças. A liberdade governamentalizada como alvo das intervenções médico-educativas. Por isso é que Lages aconselha que o convívio entre crianças também deve higienizar-se, passando pelo controle e vigilância da família sobre as amizades, os divertimentos, para evitar problemas ligados fundamentalmente ao “problema sexual” para dessa forma evitar “muitos erros e vícios adquiridos nesta idade e levados, muita vez, pela vida em fóra, nada mais são do que um descuido ou um desleixo educacional verificado nesta época” (LAGES, 1941, p. 109). O que está em jogo aqui é o lugar do prazer nos cuidados e no desenvolvimento da criança. Liberdade e prazer formam uma dupla difícil de digerir para quem imaginava não somente uma infância, mas também uma sociedade, de trabalho e sofrimento em função de uma Nação forte e disciplinada.

Em 1945 Pedro de Alcantara publica seu livro “Higiene da primeira infância”. Nele relativiza os modelos de cuidados da criança e das formas de criação afirmando que seu livro é só uma das formas possíveis de tratá-las. Trabalha a partir da idéia de uma criança que necessita de proteção e conseqüentemente de pessoas capazes de proteger. O sofrimento e o desamparo da criança são os eixos a partir dos quais Alcantara desenvolve e expõe suas idéias, dando ênfase aos aspetos psicológicos do ser humano.

Entre as coisas que afetam o ser humano incluem-se as de ordem psicológica. Todos nós adultos estamos freqüentemente recebendo impressões psíquicas desagradáveis e mesmo penosas; sofremos com isso, mas não chegamos a nos prejudicar profundamente, salvo casos pouco freqüentes. A criança, não. Sua alma é tão frágil como seu corpo. Tôdas as impressões que recebe e tôdas as emoções que sofre afetam sensivelmente sua formação psíquica, não só com efeitos atuais como com efeitos futuros, e tanto psíquicos como corporais (ALCANTARA, 1945, p. 8).

Gesteira<sup>27</sup> (1945) se preocupa com resgatar a importância da história da infância. Há uma preocupação com os diferentes dispositivos que no decorrer da história, com a pretendida intenção de cuidar e salvar as crianças, tornaram-se em “berços da morte”, “caixas de infanticídio”, “maquina de supressão do Estado”, “roda de enjeitados”, ao que conhecemos como Rodas dos Expostos. Abre o livro dedicando um capítulo a narrar as diferentes formas de sofrimento e as aberrações sofridas em diferentes momentos históricos em diversas culturas. Se bem isto fala de como a sensibilização com o sentimento de infância foi avançando em nossa cultura, também isto, e mais uma vez insistimos em reforçar este ponto, há uma relação que cada vez mais vai aparecendo indissociável, entre o cuidado da criança e as razões e estratégias biopolíticas.

Mais ainda: a puericultura se tornou hoje, em todos os países adiantados do mundo, uma preocupação dominante dos homens de govêrno, que souberam afinal aprender bem **a importância do amparo e a defesa da criança como o melhor meio de assegurar o futuro das nações. E por isso os vemos, em todos os grandes países do mundo, empenhados em garantir, como uma grande conquista da civilização, os chamados direitos do menino:** “direito à saúde, direito ao lar, direito à educação, afim de que possa a criança vir a ser um elemento útil a si mesmo, útil à sociedade, útil à Pátria”, - para que de todos os lados se devem empenhar esforços, de acordo com o formoso postulado de Genebra: “Que a humanidade dê à criança tudo quanto ela tem de melhor” (GESTEIRA, 1945, p. 23-25). (O grifo é meu)

A influência dos saberes da psicologia se intensifica e começa ocupar cada vez mais espaço nas recomendações e explicações sobre a vida e características das crianças. Tendência que se complementará definitivamente até nossos

---

<sup>27</sup> Martagão Gesteira: Catedrático de Puericultura e Clínica da Primeira Infância da Faculdade Nacional de Medicina e Membro da Academia Nacional de Medicina, na época da publicação do livro.

dias entre a psicologia/psicanálise<sup>28</sup> e a pediatria e com isto a constituição do dispositivo médico-psicológico de governo. No capítulo dedicado a análise dos regimes de verdade construídos em relação ao brincar poderemos entender que as formas de pensar e de necessitar da infância foram definindo o conjunto de normas, conselhos, prescrições, em suma, o dispositivo de governo por meio do brincar.

O Ministério da Saúde publica o “Livro das mães” (1957) no qual afirma que para “lidar com crianças, para criá-las e educá-las, precisamos primeiro compreendê-las, conhecer um pouco de sua psicologia” (p. 5). Afirma que a verdade sobre a natureza da criança está no meio termo entre as teorias que proclamavam a bondade natural com a que nascem as crianças e as teorias que sustentam que originalmente a maldade é o distintivo da humanidade e que por meio da educação, a força e a repressão é possível que compreenda seus anseios de liberdade. Por isso que o Ministério da Saúde sustenta que por a verdade costumar estar no meio termo, “a criança não é um anjo nem um diabo” (p. 6). Entre o céu e o inferno?

---

<sup>28</sup> A discussão sobre as diferenças entre psicologia e psicanálise e a influência de cada uma delas sobre os saberes pediátricos excedem as intenções de esta Tese embora as consequências de uma e outra quando necessárias para o andamento da análise dos documentos ou sustentação das idéias que venho desenvolvendo são especificadas.

## V POLIFONIAS DO BRINCAR

Toco tu boca, con un dedo toco el borde de tu boca, voy dibujándola como si saliera de mi mano, como si por primera vez tu boca se entreabriera, y me basta cerrar los ojos para deshacerlo todo y recomenzar, hago nacer cada vez la boca que deseo, la boca que mi mano elige y te dibuja en la cara, una boca elegida entre todas, con soberana libertad elegida por mí para dibujarla con mi mano por tu cara, y que por un azar que no busco comprender coincide exactamente con tu boca que sonríe por debajo de la que mi mano te dibuja.

Me miras, de cerca me miras, cada vez más de cerca y entonces jugamos al cíclope, nos miramos cada vez más de cerca y nuestros ojos se agrandan, se acercan entre sí, se superponen y los cíclopes se miran, respirando confundidos, las bocas se encuentran y luchan tibiamente, mordiéndose con los labios, apoyando apenas la lengua en los dientes, jugando en sus recintos donde un aire pesado va y viene con un perfume viejo y un silencio. (CORTAZAR, 2006, p. 39)

### TERRA

Surge neste ponto da apresentação a necessidade de introduzir o problema da definição e delimitação de uma série de termos mais ou menos próximos entre si: brincar, jogar, lúdico e, os que derivam deles, brinquedo, brincadeira, jogo, ludicidade. Conceitualmente e/ou epistemologicamente distantes, ou pertencendo a esferas diametralmente opostas, relacionadas direta ou indiretamente com o tema que convoca esta pesquisa, fazem parte da babelização do que foi vinculado à experiência cultural (WINNICOTT, 1982), ao processo civilizatório (HUIZINGA, 2001), ou como condição para a constituição subjetiva (RODULFO, 1989; LACAN, 1980a; MANNONI, 1982a).

As considerações que faço a seguir têm por função colocar esta situação como sendo uma das questões que, como

conseqüência do trabalho de pesquisa, ajudará pensar os alcances e as delimitações dos termos em questão.

Será a partir da problematização proposta nos objetivos deste trabalho onde pretendo que consigam aparecer a polissemia de alguns destes conceitos e, da aglutinação e desintegração conceitual resultado das práticas e dispositivos criados em torno deles na contemporaneidade.

Mas qual é a denominação que mais se aproxima ao **tema-objeto-centro** desta pesquisa? É dizer, com qual termo faremos referência ao objeto de estudo? Provisoriamente a palavra brincar aparece como a que mais se aproxima. É ela que com maior familiaridade designa uma série de (incertas, contraditórias às vezes) atividades que as crianças (mas também os adultos) dedicam parte do seu tempo, de um tempo que está relacionado com a **capacidade de sentir-se vivo**: *“en él, y quizá solo en él, el niño o el adulto están en libertad de ser creadores [...] crear y usar toda la personalidad, y el individuo descubre su persona solo cuando se muestra creador”* (WINNICOTT, 1982, p. 79-80).

## UM

O uso que pretendemos dar ao termo brincar é um ponto nodal, um feixe<sup>29</sup> para que possamos diferenciá-lo de outros como jogar, jogo, lúdico, ludicidade, dentre outros. É importante aqui destacar que organizo esses significantes a partir da noção de *différance*<sup>30</sup> no lugar de utilizar a noção de **oposição**.

A procura pela origem etimológica dos termos em questão pode ajudar até certo ponto. Mas, o que interessa neste trabalho, não é a procura das origens, mas como foram construídos e de que forma são utilizados conceitos que circulam carregando sentidos contingentes conforme dispositivos e práticas vigentes.

Aqui já nos deparamos com uma primeira questão importante

No en vano Wittgenstein, en sus Investigaciones filosóficas, afirma que el sentido

<sup>29</sup> O feixe, [...] é um ponto de cruzamento histórico e sistemático; é, sobretudo, a impossibilidade estrutural de enclausurar essa rede, de deter a sua urdidura, de lhe traçar uma margem que seja uma nova marca. Não podendo mais se elevar como uma palavra-mestra ou como um conceito-mestre, barrando toda relação com o teleológico [...] (DERRIDA, 2001a, p. 46)

<sup>30</sup> [...] *différance* encontra-se envolvida em um trabalho que ela põe em movimento por meio de uma cadeia de outros ‘conceitos’, de outras ‘palavras’, de outras configurações textuais (DERRIDA, 2001a, p. 46)

de una palabra corresponde al uso que de ella hacen los hablantes. De hecho, el filósofo inglés toma el ejemplo de los juegos para demostrar que el lenguaje, lejos de hallarse constituido por inalterables relaciones bilaterales entre significante y significado, está sustentado por una red de analogías o parentescos. Así, el hecho de designar con una misma palabra realidades distintas no implica que éstas tengan forzosamente un elemento en común, un hilo conductor único, sino que existe entre ellas una red analógica, una serie compleja de vínculos. Como Jacques Henriot, estoy convencida de que el objeto de estudio de los ludólogos es menos el juego mismo que lo que se dice de él. Estudiar el juego es ante todo estudiar aquello que en cierto lugar y en cierto momento es considerado como juego, en relación con otros fenómenos que también son considerados lúdicos. De hecho, el juego se halla inscrito en una red de asociaciones implícitas que permiten afirmar que el juego es esencialmente metafórico. (SILVA, 2007, p. 4).

Este argumento nos permite relativizar os alcances do significado etimológico dos termos em questão. O estudo etimológico feito por Huizinga no texto “Homo ludens” (2001), é, ao nosso entender, um dos mais completos já realizados em redor desta temática. Huizinga (2001) analisa a noção de jogo, ao qual dedica todo um capítulo da obra referenciada, fazendo um percurso pelas mais variadas línguas, afirmando que:

Nem a palavra nem a noção tiveram origem num pensamento lógico ou científico, e sim na linguagem criadora, isto é, em inúmeras línguas, pois esse ato de “concepção” foi efetuado por mais de uma vez. Não seria lícito esperar que cada uma das diferentes línguas encontrasse a mesma idéia e a mesma palavra ao tentar dar a expressão à noção de jogo [...] (HUIZINGA, 2001, p. 33).

A particular dificuldade para encontrar na etimologia o sentido perdido do que para ele é o jogo: uma atividade que

ultrapassa os limites da atividade biológica e física e definindo-o como sendo uma função significante, encerra um sentido para uma ação. Deixaremos para uma discussão posterior e pormenorizada a diferença entre o jogo ser e/ou ter uma função significante. Isto tem conseqüências para o sujeito que joga: se o jogo encerra um sentido para uma ação não é o mesmo dizer que o jogo produza sentidos a partir de uma ação.

Uma das diferenças que tentamos estabelecer entre o jogo e o brincar poderia radicar nesta perspectiva: cada jogo tem seu sentido (de alguma forma estabelecendo uma identidade e unicidade: para cada jogo um sentido), ou cada sujeito no ato de jogar produz sentidos (produção significante: para um jogo algum sentido).

Compartilhamos a idéia do tradutor do texto para o português, João Paulo Monteiro, que em nota do tradutor coloca:

A diferença entre as principais línguas européias (onde *spielen, to play, jouer, jugar*, significam tanto jogar quanto brincar) e a nossa nos obriga freqüentemente a escolher um ou outro destes dois, sacrificando assim a exatidão da tradução uma unidade terminológica que só naqueles idiomas seria possível (HUIZINGA, 2001. N. do T. p. 3).

Será que devemos nos conformar com a idéia de trabalhar fazendo esses sacrifícios? O problema resultante desta dificuldade não é somente em relação a este texto.

Temos nos deparado com a mesma dificuldade em textos como os de Agamben (2003; 2005), Winnicott (1982), só para citar alguns. Será necessário efetuar em cada um dos textos um trabalho de desconstrução<sup>31</sup>. Huizinga escolhe no caso do latim e das línguas que dela derivam o termo *ludus* como aquele que

<sup>31</sup> Desconstruir a filosofia seria, assim, pensar a genealogia estrutural de seus conceitos da maneira mais fiel, mais interior, mas, ao mesmo tempo, a partir de um certo exterior, por ela inqualificável, inominável, determinar aquilo de que essa história foi capaz – ao se fazer história por meio dessa repressão, de algum modo, interessada – de dissimular ou interditar [...] escrita de si interessada que permite também ler os filosofemas – e, conseqüentemente, todos os textos que pertencem à nossa cultura – como espécies de sintomas [...] de alguma coisa que não pôde se apresentar na história da filosofia, e que, de resto, não está presente em lugar algum. [...] Um tal sintoma é necessariamente e estruturalmente dissimulado (DERRIDA, 2001b, p. 13).

por cobrir todo o terreno do jogo resulta o mais apropriado para abranger: “Os jogos infantis, a recreação, as competições, as representações litúrgicas e teatrais e os jogos de azar” (HUIZINGA, 2001, p. 41). **Ludus** está relacionado com a ilusão, com a não-seriedade. **Jocus** são jogos de palavras humorísticas, fazer piadas e que segundo o próprio Huizinga não significa jogo em Latim clássico.

Pela sua parte, brincar deriva do latim **vinculum** que significa laço, união. Optamos por utilizar brincar aproveitando esta raiz etimológica que muito terá a ver com os desenvolvimentos feitos por Winnicott (1982) e que são pontos de referência para este trabalho de pesquisa, embora **jocus** traduzida regularmente por jogo se aproxime mais ao sentido winnicottiano.

## DOIS

Independentemente da discussão aberta em alguns âmbitos acadêmicos sobre a existência de um paradigma propriamente winnicottiano dentro do pensamento contemporâneo, levantado especialmente por S. Loparic (2007), Winnicott é um dos “últimos” autores a ter construído um dizer, ou melhor, dizeres, em relação ao brincar (*playing*) que podemos considerar rupturas no contínuo do pensamento psicanalítico e das ciências sociais.

Independentemente das dificuldades assinaladas em relação aos termos jogar, brincar, etc. Winnicott utiliza freqüentemente o verbo *to play* na forma de um presente contínuo, *playing*, para poder dar indicação de movimento, de um processo que está sendo construído, uma capacidade, uma potência e não um produto acabado (PONTALIS, 1982).

Se por algum dos sentidos que se deslizam ao longo deste texto devemos fazer uma escolha transitória para ser apresentado como um dos pontos de ancoragem desta pesquisa, é justamente esta noção de brincar (um brincando), como movimento, como capacidade de construir e produzir coisas.

Nesta mesma linha de pensamento se inscreve o trabalho de Zabatta, Benedeta (2007), “Il mondo del gioco e il gioco del mondo in Friedrich Nietzsche” quando analisa o tema do brincar a partir das produções de Nietzsche e da evolução da metáfora do mundo como um jogo (visão radicalmente metafísica) e, por outro, como o artista que tem a visão de um brincar sem sujeito.

Nesta última visão podemos reconhecer de alguma forma o “espírito lúdico” reivindicado pelo movimento surrealista.

Levantamos a questão da importância de realizar uma leitura crítica dos autores chamados clássicos fundamentalmente aqueles que outorgaram ao brincar e ao jogo um lugar de importância nos desenvolvimentos teóricos em torno dele.

Como viemos sustentando ao longo deste ensaio, no campo das ciências sociais não resulta muito operativo falar especificamente de uma ou outra disciplina em particular quando partimos da idéia de que o biopoder e as biopolíticas estão presentes nas práticas e dispositivos que constroem noções sobre o que é ou deve ser o jogo, o brincar, o lúdico. Silva (2007) afirma que:

Si bien la pedagogía actual admite que el niño no sólo puede sino que debe jugar, en aras de una expresión supuestamente natural (que se acerca a la inocencia del « buen salvaje »), en los hechos se restringe con frecuencia el alcance y el interés de las actividades lúdicas (2006, p.8)

É comum encontrar discursos que sustentam a idéia de que o homem moderno já não brinca. Poderíamos aceitar isto a não ser que possamos reconhecer outras formas de brincar diferentes das que atribuímos às crianças conforme olhares historicamente determinados.

Embora o próprio pensamento winnicotiano seja uma das práticas a serem problematizadas, ele é um dos que permitem estabelecer noções provisórias a partir das quais apresentar algumas idéias sobre o brincar e estabelecer relações diferenciais em relação a outros conceitos.

Ainda que fossem circunscritos à infância os alcances das conseqüências do brincar como produtor de condutas indesejadas e/ou saudáveis é importante destacar que o brincar não é prerrogativa das crianças. Tal como Winnicott o considera ao afirmar que: “Todo lo que diga sobre el jugar de los niños también rige, en verdad, para los adultos, solo que el asunto se hace de más difícil descripción [...] cuando aparece principalmente en términos de comunicación verbal” (WINNICOTT, 1982, p. 63). Adultos e crianças brincam. Quais as características desse brincar para este autor?

Para Winnicott (1982) o brincar (*playing*) deve ser estudado como um tema em si mesmo. Tem se escrito muito sobre os usos do brincar, mas estes estudos não deram lugar a reflexões sobre como o brincar se inscreve numa teoria geral do sujeito.

A concepção do brincar se inscreve inicialmente na tradição psicanalítica da qual Winnicott é um dos expoentes mais originais em relação aos ensinamentos e produção de conceitos que ultrapassaram o próprio campo da psicanálise. Quase como uma espécie de testamento, pouco antes da sua morte ocorrida em 1971, deixa o seguinte pensamento:

Ahora puedo reformular lo que quiero transmitir. Deseo desviar la atención de la secuencia psicoanálisis, psicoterapia, material de juego, acción de jugar y darla vuelta. En otras palabras, lo universal es el juego, y corresponde a la salud: facilita el crecimiento y por lo tanto esta última; conduce relaciones de grupo; puede ser una forma de comunicación en psicoterapia y, por último, el psicoanálisis se ha convertido en una forma muy especializada de juego al servicio de la comunicación consigo mismo y con los demás.

Lo natural es el juego, y el fenómeno altamente refinado del siglo XX es el psicoanálisis (WINNICOTT, 1982, p. 65).

A idéia do brincar como característica universal, como vimos anteriormente, continua retornando nos diferentes autores com os quais venho avançando neste trabalho, sem que isso signifique identidade conceitual nem de sentido. Em particular, em Winnicott o brincar aparece vinculado à saúde, e até como condição de saúde: “Es bueno recordar siempre que el juego es por si mismo una terapia [...] el juego es una experiencia siempre creadora, y es una experiencia en el continuo espacio-tiempo, una forma básica de vida” (WINNICOTT, 1982, p. 75). Para ele o brincar acaba quando termina a capacidade para conter experiências. E o que é a vida senão a capacidade de experienciar e apropriar-se dessas experiências? Aos poucos voltam se aproximar as práticas de cuidado de si e a experiência de brincar. Experiência que, para Winnicott, não é um problema de realidade psíquica interna nem de realidade exterior. O brincar

abre uma dimensão particular que é a de um tempo e de um espaço intermediário entre um e outro: o espaço dos “fenômenos transicionais”. A ampliação destes fenômenos é a experiência cultural.

Por cultura Winnicott entende a tradição herdada, as coisas contidas no acervo da humanidade, onde cada indivíduo e cada grupo de pessoas acrescenta e contribui com alguma coisa; a experiência cultural supõe o “uso” de tudo isso, a condição de ter algum lugar onde colocar o que for achado (vejamos em particular o uso do “**uso**” em Winnicott e em Agamben a partir do conceito de profanação).

Viver é poder experienciar criativamente da vida. É no brincar onde Winnicott situa a atividade na qual, e só na qual, as crianças e os adultos estão em liberdade para serem criadores:

Lo que hace que un individuo sienta que vale la pena de vivirse es, más que ninguna otra cosa, la apercepción creadora. Frente a esto existe una relación con la realidad exterior que es relación de acatamiento; se reconoce el mundo y sus detalles pero solo como algo en que es preciso encajar o que exige adaptación. El acatamiento implica un sentimiento de inutilidad en el individuo, y se vincula con la idea de que nada importa y que la vida no es digna de ser vivida. En forma atormentadora, muchos individuos han experimentado una porción suficiente de vida creadora como para reconocer que la mayor parte del tiempo viven de manera no creadora, como atrapados en la creatividad de algún otro, o de una máquina (WINNICOTT, 1982, p. 93) .

A criatividade da qual fala é a capacidade de se sentir vivo, que tem um caráter universal. Dois são os destinos possíveis. Ou o sujeito se converte numa pessoa que vive e participa na vida de uma comunidade e consegue produzir criativamente, ou em produto de uma doença, ou contido por fatores ambientais que afogam os processos criadores como no caso dos campos de concentração ou de perseguições políticas, religiosas, raciais (ver BETTELHEIM, 1960; AGAMBEN, 2004).

## TRÊS

Rodulfo (1989) retoma alguns conceitos de Winnicott acentuando o caráter de prática significante e de produção (e não do produzido) no brincar.

Partimos de un descubrimiento: no hay ninguna actividad significativa en el desarrollo de la simbolización del niño que no pase vertebralmente por aquel [o brincar]. No es una catarsis entre otras, no es una actividad más, no es un divertimento, ni se limita a una descarga fantasmática compensatoria o a una actividad regulada por las defensas, así como tampoco se lo puede reducir a una formación del inconsciente: mas allá de estas parcialidades, no hay nada significativo en la estructuración de un niño que no pase por allí, de modo que es el mejor hilo para no perderse [...] no hay ninguna perturbación severa o de cuidado o significativa en la infancia que no se espelle de alguna manera en el jugar (RODULFO, 1989, p. 120-121).

Se bem Rodulfo no texto faz referência à criança, é importante lembrar a validade destes conceitos para o adulto, das conseqüências e dos trabalhos feitos no nível da subjetividade a partir do brincar.

Qual é a primeira conseqüência do brincar para este autor? Sempre entendendo que primeira não significa primeira que dá lugar a segunda e assim sucessivamente. É uma primeira que inaugura uma seqüência lógica que vai reaparecer cada vez que necessário na vida de um sujeito. Construir uma película, uma fita, uma superfície de inscrição.

Muitos historiais de autismo ou de psicose registraram muito bem esta forma de formar superfície, que nos impõe sua extraordinária importância. Lacan insta a não desperdiçar, em seu momento, a enigmática observação de Freud em relação a ela. Já podemos justificar melhor esta sentença, depois de trabalhos como os de Bettelheim, Lefort, e o próprio Lacan, porque, a partir da estruturação primordial do corpo, através do brincar, a primeira coisa que se constrói não é de maneira alguma, um interior, quer dizer, um volume,

mas uma película em fita contínua (RODULFO, 1990, p. 96).

A necessidade de uma continuidade, de uma película sem cortes, do que poderíamos chamar de rotina, não significa de modo algum a ritualização do cotidiano. Ritualização que esmaga ao sujeito deixando-o desamparado, quase sem possibilidade de resistência a disciplinarização e aos diferentes tipos de controle, seja no nível do corpo ou da mente.

A introdução destas considerações sobre a “primeira” função do brincar na constituição da subjetividade e de suas reaparições no decorrer da vida, foi necessária para poder ampliar o significado que damos ao conceito de brincar nesta pesquisa. É por isso que optamos pela dimensão vincular no que se refere ao brincar.

Rodulfo (1990) elabora cinco teses sobre o brincar:

- As teses sobre o brincar (I): Aquém do jogo do carretel;
- As teses sobre o brincar (II): O espaço das distâncias abolidas;
- As teses sobre o brincar (III): O desaparecimento simbolizado;
- As teses sobre o brincar (IV): Pequenos começos de grandes patologias;
- As teses sobre o brincar (V): Transicionalidades.

Nossa primeira operação consistiu em como a ordem e o campo íntegro do brincar infantil está originariamente (e não por causa de uma articulação secundária) atravessado pelo desejo inconsciente, como se tivesse entubado na coluna vertebral daquele, ao mesmo tempo que metastasiado até suas capilaridades mais recônditas. Afastamo-nos assim ao máximo de como o fenômeno lúdico foi concebido nas psicologias de tipo evolutivo; refiro-me a pensá-lo em termos de atividade preparatória para a vida adulta, atividade por fim eminentemente adaptativa e completamente à margem, ou marginal da problemática desiderativa (RODULFO, 1990, p. 145).

É neste sentido que pretendo delinear, no sentido de

esboçar e rabiscar traços gerais, o que está sendo considerado pertinente ao campo do brincar neste trabalho. Para Rodolfo (1990) a presença ou ausência de espontaneidade é imprescindível para detectar e poder afirmar que uma criança verdadeiramente está brincando, embora esteja fazendo gestos ou tendo condutas similares ao brincar mas que não são mais do que adaptações tendentes a satisfazer as demandas dos adultos.

Nesse caso, fará todos os movimentos do que joga, como alguém pode fazer todos os movimentos do amor; mas isso não quer dizer que ali haja **sujeito brincante**; não há de ser, tampouco, a presença de brinquedos o que dê garantias. Repitamo-lo (já que tanto é esquecido): o único critério válido para dizer que algo pertence ao registro lúdico é descobrir ali uma circulação libidinal, desdobração, e não somente o desejo familiar, que toma o sujeito como alvo (RODULFO, 1990, p. 145). (Grifo do autor)

É justamente esta dimensão de tomar o sujeito como alvo a que nos interessa. É nessa dimensão brincante onde se operam as aquisições estruturantes e constituintes da subjetividade. Quando as trocas carecem dessa circulação libidinal (embora toda troca suponha algum tipo de relação) nós é lícito efetuar a distinção entre brincar e amestramento. Neste ponto em particular Rodolfo (1990) parece não levar em conta uma afirmação com a que inaugura o texto e a partir da qual se posiciona em relação ao que representa uma criança para o desejo dos pais:

Outra forma de perguntá-lo, desde este ponto de vista, é para que é desejado. A formulação binária (ser desejado / não ser desejado) admite aperfeiçoamento: um ser humano, de fato, é desejado, para os mais diversos usos, e isto cobre uma gama assaz variada e variável, desde as possibilidades de produtividade que se forneçam a alguém, em seu desenvolvimento, até propiciar-lhe a psicose ou a morte (RODULFO, 1990, p. 29-30).

Esta dimensão binária (ser/não ser) a ser aperfeiçoada

deve incluir o lúdico. Não se trata, por conseguinte, se certas práticas são ou não são brincar senão colocar aí, no cerne da experiência de criação e de ser criado - com as polissemias que despertam esses termos - o “para quê”, a intencionalidade com a qual é introduzido o brincar a partir das relações pai – mãe – bebê, e, destes com os determinantes culturais, sociais e históricos. O próprio Rodulfo reconhece que além e aquém dessa circulação libidinal o brincar acontece de variadas formas e com diferentes intencionalidades.

Vou me deter em um parágrafo que resulta esclarecedor e que serve para posteriormente re-introduzir algumas reflexões sobre o pensamento de Agamben.

É válido deter-se em um comentário, ou melhor dito, em uma consigna característica do período escolar: ‘com isto não se brinca’; ‘agora não estamos brincando’. É um assinalamento por si mesmo iatrogênico: ‘o recreio é para brincar’, e além disso é concebido como uma válvula de escape (estou me referindo, é claro, a fatos comuns: o plano das declarações é distinto, por certo) como mero valor de descarga. A hora escolar, em troca, não é para brincar; de um modo tão rudimentar, assenta-se a primeira **sacralização** do trabalho. [...]

A disjunção não é só estrutural; também (para pior) histórica. Com efeito, recordemos que o pequeno adquiriu tudo brincando (se é verdadeiramente uma aquisição subjetiva, e não um amestramento): comer, escovar os dentes, vestir-se; habilidades por sua vez sustentadas por uma sólida fixação do ser ao corpo, que a prática lúdica conquistou. Não há, portanto, razões de desejo para mudar de rumo, nem para variar o procedimento (RODULFO, 1990, p. 146) (Grifo meu)

Esta idéia permite a Rodulfo relacionar o brincar com o trabalho, sendo, portanto, o trabalho o herdeiro do brincar. Sempre lembrando que quando se trata do brincar, está se falando de uma prática significativa. Significante com todo o peso que esse termo tem dentro do pensamento e as concepções do pensamento lacaniano. Nesse sentido é conceitualizado como

significante aquilo que: “não reconhece a propriedade privada, não é próprio de ninguém; cruza, circula, atravessa gerações, trespassa o individual, o grupal e o social; não pertence a algum membro da família; em todo caso, é o problema que interpela cada um” (RODULFO, 1990 p. 21).

Em outros textos posteriores Rodulfo, (1992, 1999, 2004; 2008), problematiza o lugar do brincar e propõe uma desconstrução da psicanálise e de certas práticas contemporâneas.

Em um deles (2004) “trabalha – brinca” e ensaia propondo ou colocando algumas proposições a serem desconstruídas:

- a tendência *ligh* da sociedade contemporânea marca um desinvestimento de práticas que proponham ou sugiram a mobilidade ou a provocação para criar instabilidades no instituído:

en el mismo curso de las cosas, se dibuja la preocupación por la notória incompatibilidad entre los tiempos del tratamiento psicoanalítico y todo lo que, en el mundo contemporaneo, idealiza o fetichiza el valor de la velocidad, punto este que se entrecruza con el relativo crecimiento de psicoterapias que le disputan al psicoanálisis el domino del mercado, psicoterapias sobre cuyo – diverso – estatuto y pretensiones de legitimación “científica” no es este el lugar de discutir. (RODULFO, 2004, p. 299).

O futuro é da ordem da continuidade, o porvir do acontecimento. Vemos aparecer novamente o tema do tempo: velocidade e lentidão, futuro e porvir;

- a ilusão presente em quem confiam, em que lendo é possível que apareça nos textos alguma verdade oculta. Aparecimento que se revela na espera, mas não no pensar. Um aparecimento que remete a certas práticas religiosas ou sagradas, ou melhor, sacralizadas que não são mais do que morte do pensar e do produzir<sup>32</sup>;

<sup>32</sup> Lo primero que deseo decirle es que puedo advertir lo molesto que resulta, cuando algo se desarrolla en mí por mi crecimiento y mi experiencia analítica, que mi deseo sea el de expresarlo en mi propio lenguaje. Es molesto porque yo supongo que todo el mundo quiere hacer lo mismo cuando sabemos que en una sociedad científica uno

- que o estudo do brincar da criança se relaciona com o porvir da psicanálise mas também com o estatuto que desde a psicopatologia se tem da criança e, com isto, da possibilidade de pensar a infância sem os diferentes tipos de condenações que supõem os modelos estruturais;

- que a condição do porvir e do acontecimento está relacionada com certa volta e interesse pelas margens, “por lo marginal de los márgenes, por lo que resta al margen de los saberes oficiales consolidados, por fuera también de los grandes edificios doctrinarios [...]” (RODULFO, 2004, p. 307)

Para Rodolfo o valor do brincar não se esgota, da mesma forma em que viemos sustentando neste trabalho, na criança. A questão a ser examinada independentemente da importância do brincar para a estruturação subjetiva, diagnóstica ou terapêutica – por demais recorrente nos trabalhos acadêmicos de todo tipo – é a de resgatar o valor e a relação do brincar com o pensamento.

A “potência lúdica emergente” (RODULFO, 2004) é o caminho que leva dos pensamentos sobre o brincar (seja qual forem as disciplinas de onde surgem esses pensamentos) ao que pode chegar ser a capacidade brincar com o pensamento.

Pero no es todo ni quizá todavía lo esencial, en la medida en que por otra parte tenemos aún como porvenir la introducción del jugar en el pensamiento (y ha sido uno de los grandes méritos de Lacan entreabrirle un poco la puerta en lo que llama su “estilo”, en los juegos del significante – que luego, increíblemente, sus repetidores encontraron bien pronto la manera de volver tan tediosos - en el pensamiento

---

de los objetivos es encontrar un lenguaje común. Sin embargo, este lenguaje debe mantenerse vivo, ya que no hay nada peor que un lenguaje muerto. (...) Personalmente creo que es muy importante que su obra sea reenumerada por personas que realicen los descubrimientos a su manera y que presenten lo que descubren en su propio lenguaje. . Sólo de ese modo se mantendrá vivo el lenguaje. Pero si usted estipula que en el futuro únicamente sea su propio lenguaje el que debe ser utilizado para la enunciación de los descubrimientos de otras personas, el lenguaje se convertirá en un lenguaje muerto, como ya se convirtió en la Sociedad. (...) Sus ideas sólo perdurarán en tanto y en cuanto sean redescubiertas y reformuladas por personas originales, dentro y fuera del movimiento psicoanalítico. (...) Usted es la única capaz de destruir este lenguaje denominado doctrina kleiniana y kleinismo, con un propósito constructivo. Si no lo destruye, este fenómeno artificialmente integrado deberá ser atacado en forma destructiva. Pienso que algunos de los pacientes que acuden a los 'entusiastas kleinianos' para ser analizados no se les permite realmente crecer o crear en el análisis [...] (WINNICOTT, D, 1990, p. 132) El gesto espontáneo.

psicoanalítico y en el pensamiento) (se puede rastrear sin mucha dificultad la valorización del motivo del jugar en Deleuze, Derrida, Foucault, Lyotard, etc., sin olvidar a Nietzsche) (RODULFO, 2004, p. 310).

- a de revelar a trama política que se situa nos estúdios sobre o brincar da criança, seja pelo interesse de monopolizar desde alguma disciplina em particular, seja pela “necessidade” de fechar algum tipo de marco teórico na procura por uma identidade e da palavra final.

Palavra final ou oportunidade – acontecimento para minar os instituídos?

Abri este capítulo colocando a necessidade de definir ou delimitar os alcances do termo brincar. Mas, se como afirma Rodulfo: “Los verdaderos acontecimientos bien a menudo se pueden dar en silencio. La entrada del jugar en psicoanálisis es así (Winnicott “perfil bajo”) y sin embargo (y por eso mismo) trastoca” (RODULFO, 2008, p. 32), podemos deixar, por enquanto, o silêncio e a paciência fazer seu trabalho.

Por que não acabar definindo, delimitando, especificando? Não é o esperado numa tese que pretende problematizar o brincar? Porque fazer, não fazer isto? Por o “porque sim!”. Um porque sim, ligado intimamente a experiência do brincar. Para Rodulfo um dos mais radicais descobrimentos de Winnicott foi encontrar no rabisco, no rabiscar, no rabiscando, não somente uma técnica psicanalítica que facilita o trabalho com crianças. Achou que no rabiscar se produz essa particular ruptura com a repetição à qual um sujeito se segura para não cair no mundo do não sentido, do informe, do porque sim, do aberto, não produzindo outra coisa a não ser a *differance*.

O brincar como rabiscar, rabiscar como brincar.

En cuanto a la actividad lúdica, el hecho de jugar tiene como su movimiento, lo más radical que de ella pueda decirse es que no consiste sino en la producción de una diferencia, que a veces llamamos juguete (a veces llamamos juguete al que el niño agarró y lo moduló lúdicamente, estableciendo una diferencia con lo que era antes y a veces será después), diferencia que requiere una metapsicología diferente (RODULFO, 2008, p. 99).

São as transicionalidades as que nos permitem mantermos no “entre”: o trabalho e o brincar, o que não significa necessariamente abandonar o brincar, já que se o trabalho conserva o núcleo desiderativo essencial do brincar, o sujeito poderá, poderemos, poderei, evitar o destino esmagador da rotina para manter a ação potencialmente transformadora (RODULFO, 1992).

#### QUATRO

Por estar no cerne da experiência subjetiva e de subjetivação o brincar ocupa esse lugar estratégico que viemos analisar a fim de perceber como acabou sendo permeado pelos dispositivos e práticas ligadas ao campo da biopolítica e do biopoder. Tomamos também como ponto de partida a idéia de que o brincar pode ser pensado como resistência. Resistência de um sujeito à ordem instituída, como prática de liberdade e capacidade para reformular criativamente a realidade. Introduzimos também a potência do brincar e a idéia do brincar como potência. De algumas das conseqüências destas idéias é que trata este tópico.

Para isto resgatarei algumas idéias de Agamben que direta ou indiretamente trata sobre o no nosso centro descentrado.

Em trabalhos anteriores resgatei o que alguns autores que escreveram sobre a atividade lúdica, fizeram questão de estabelecer a distinção entre brincar e jogar (MEDRANO, 2003; 2005; RODULFO, 1990; WINNICOTT, 1982).

Desde que tomei contato há algum tempo com um texto de Giorgio Agamben incluído no livro “Infancia e historia” (AGAMBEN, 2003) intitulado “El pais de los juguetes. Reflexiones sobre la historia y el juego” chamou minha atenção o fato de não estarem presentes duas perspectivas do fenômeno lúdico: jogar e brincar. O fato da língua italiana não contar com duas palavras diferentes para designar uma e outra perspectiva lúdica justificaria, no caso do *gioco*, a utilização do vocábulo *juego* para a versão em espanhol e jogar para a tradução para o português. Embora no trabalho citado é interessante diferenciar um e outro sentido e com isso reinterpretar algumas das idéias e reflexões vertidas no texto. Estas reinterpretações permitem compreender certas idéias que posteriormente, em outros textos, Agamben explora quando trata das dimensões e as relações envolvidas no ato de brincar (AGAMBEN, 2005; 2007).

Desse texto quero resgatar algumas idéias: as relações **sagrado – profano – humano**, e o problema da definição sobre o que entendemos por jogo e por brincar (no caso de haver o que definir ou de permitirmos manter a indefinição como forma de possibilitar multiplicidades de leituras conforme entendamos em termos de brincar e/ou de jogar).

Esta indefinição ou dificuldade para definir (ou “definir-não” como veremos mais adiante) pode ser relacionada com o conceito de **significante instável**: portador de desordem e de subversão, ameaça e perturbação, “*significantes de la función signifiante, sin la cual no existirían el tiempo humano y la historia*” (AGAMBEN, 2003, p. 123-124).

Conforme este autor (AGAMBEN, 2003) existem relações de oposição e correspondência simultâneas entre rito e jogo<sup>33</sup>:

En el sentido de que ambos mantienen una relación con el calendario y con el tiempo, pero que dicha relación es inversa en cada caso: el rito fija y estructura el calendario, el juego en cambio, aun cuando no sepamos cómo ni por qué, lo altera y lo **destruye** (AGAMBEN, 2003, p. 98-99) (Grifo do autor).

Desta forma introduz as relações entre as esferas do sagrado e do jogo, do rito e do mito. Para isto, Agamben se apóia num texto, já tradicional e referência obrigatória nos trabalhos acadêmicos que tratam sobre a temática do brincar/jogar, de Benveniste publicado em 1947, intitulado “*Le jeu comme structure*”. Em particular um parágrafo:

Or la puissance de cet « acte » sacré réside précisément dans la conjonction du mythe qui énonce l’histoire et du rite qui la reproduit. Si à ce schème nous comparons celui du jeu, la différence apparaît essentielle: dans le jeu, seul le « rite » survit, on ne conserve que la forme du drame sacré où toutes choses sont chaque fois posées à nouveau. Mais on en a oublié ou aboli le « mythe », l’affabulation en paroles prégnantes qui confère aux actes leur sens et

<sup>33</sup> Por enquanto mantenho a palavra jogo conforme a tradução ao português e ao espanhol do livro citado.

leur vertu (BENVENISTE, 1947, p. 165)<sup>34</sup>.

Não é um dado menor o fato de Agamben ter dedicado o texto a Claude Lèvi-Strauss. Vamos, aos poucos, nos confrontando com o fato de que categorias binárias ou pares oposicionais aparecem repetitivamente ao longo do trabalho, tanto de Agamben quanto de Benveniste, numa perspectiva e leitura estruturalista do problema. Corremos o risco de aderir a um ou outro a não ser resgatando o valor e função desses significantes instáveis. Significantes que me permitem ficar no “entre”, nos espaços potenciais, nos “conceitos transicionais”.

Como ficar “dentro-fora” dos conceitos como os de diacronia e sincronia, de sociedades quentes e sociedades frias, de mito e rito, de criança e adulto, *bíos* e *zóe*, de brincar e jogar?

A	B
Sincronia	Diacronia
Frio	Quente
Rito	Mito
Zoé	Bios
Jogar	Brincar

O “entre” ao que fazíamos referência nos leva à necessidade de introduzir a dimensão temporal e, conseqüentemente, a dimensão histórica entre cada um desses termos que conformam a díade oposicional, já que, as sociedades e as culturas não são formas atemporais e universais e, os sujeitos estão inseridos em um tempo e em um espaço muito particular determinado por essa cultura. Quem vive nesta realidade, só poderá construir seu processo de viver, a estética de sua existência a partir dos elementos que lhe são oferecidos, que desde o início levam a marca da história, de uma historicidade (LÉVI-STRAUSS, 1977).

Tratando de história, tratamos e fazemos referência ao

<sup>34</sup> A potencia do ato sagrado reside precisamente na conjunção do mito que enuncia a história e o rito que a reproduz. Se comparado dito esquema com o jogo, aparece a diferencia essência: no jogo sobrevive somente o rito e não se conserva mais do que a forma do drama sagrado, onde cada coisa pela sua vez resulta invertida. Mas tem se esquecido e anulado o mito, a fabulação em palavras sugestivas que confere aos atos seu sentido e sua eficácia. (Tradução livre do autor).

tempo e à experiência. Mas qual é o tempo que nos ocupa? O tempo cronológico?<sup>35</sup> Aquele com que foi medido e que serve como marca para contextualizar a ordem do humano num determinado período apropriadamente delimitado, conforme aos interesses particulares que lhe deram origem? Ou falamos do tempo do *Kairós*, o tempo do vivido e da experiência?

Cada concepción de la historia va siempre acompañada por una determinada experiencia que está implícita en ella, que la condiciona y que precisamente se trata de esclarecer. Del mismo modo que cada cultura es ante todo una experiencia del tiempo y no es posible una nueva cultura sin una modificación de esa experiencia (AGAMBEN, 2003, p.131).

## CINCO

Viver está relacionado com a vida, no sentido do que os gregos chamavam de *bíos*. *Bíos* indica a forma de viver própria de um individuo ou de um grupo. O termo *bíos* se diferencia de um outro, também utilizado pelos gregos, *zoé*, para significar o simples fato de viver comum a todos os seres vivos (AGAMBEN, 2004, p. 9).

Temos então que o *bíos* se define por uma forma particular de viver e que este viver responde a um modelo que a cultura determina conforme a um tempo particular e que este tempo está regulado por algum tipo de norma ou de legalidade interna a essa cultura.

Estamos falando de um viver que muito pouco tem a ver com a noção de um fenômeno explicável exclusivamente como consequência de simples ou complexas conformações e processos moleculares e transformações físico – químicas.

<sup>35</sup> [...] La rayuela se juega con una piedrita que hay que empujar con la punta del zapato. Ingredientes: una acera, una piedrita, un zapato, y un bello dibujo con tiza, preferentemente de colores. En lo alto está el Cielo, abajo está la Tierra, es muy difícil llegar con la piedrita al Cielo, casi siempre se calcula mal y la piedra sale del dibujo. Poco a poco, sin embargo, se va adquiriendo la habilidad necesaria para salvar las diferentes casillas (rayuela caracol, rayuela rectangular, rayuela fantasía, poco usada) y un día se aprende a salir de la Tierra y remontar la piedrita hasta el Cielo, hasta entrar en el Cielo; lo malo es que justamente a esa altura, cuando casi nadie ha aprendido a remontar la piedrita hasta el Cielo, se acaba de golpe la infancia y se cae en las novelas, en la angustia al divino cohete, en la especulación de otro Cielo al que también hay que aprender a llegar. Y porque se ha salido de la infancia se olvida que para llegar al Cielo se necesitan, como ingredientes, una piedrita y la punta de un zapato..." (CORTAZAR, 2006, p. 35-36).

O viver humano, a vida humana, estão tomados e determinados até nas funções biológicas, pela cultura em que essa vida se realiza e acontece. Vale como ilustração o que Levi-Strauss desenvolve nos capítulos “*El hechicero y su magia*” e “*La eficacia simbólica*” (LÈVI-STRAUSS, 1977) quando nos oferece exemplos sobre como operam os efeitos da cultura sobre transformações orgânicas, fisiológicas e inclusive bioquímicas, a partir de um complexo sistema de crenças. Estas crenças operam sobre o indivíduo de forma tal que, dependendo do que o grupo (ou um representante ungido pelo grupo, shaman, bruxo, etc) faça com esse indivíduo, alteram as condições fisiológicas que podem levá-lo à cura ou a morte. As conseqüências das operações que o Outro, no qual o indivíduo se reconhece como formando parte de uma comunidade, ao retirar ou referendar as referências de pertencimento a essa cultura, retira ou doa a vida. Viver (*bíos*) só é possível dentro de uma rede simbólica que recebe o sujeito e sem a qual os processos fisiológicos deixam de responder à lógica dos outros seres vivos (zoé). Um exemplo que ilustra esta dimensão da absoluta dependência do indivíduo à cultura é a figura do exílio. Castigo pior do que a morte física. Condena a não ser. Também chamado de morte social, ou morte política, representa para o exilado perder o lugar, o *locus*<sup>36</sup>.

Quando falamos de história, e aqui mais uma vez, colocamos no centro da discussão, que não se trata de pensar a história em função do tempo passado, senão como um tempo que chega aos nossos dias, à nossa cotidianidade, determinando e condicionando as formas de sentir, de viver, de nascer e de morrer<sup>37</sup>.

O grau de indefensão com que a cria humana nasce, incomparavelmente maior em relação a outras espécies, tal como Lacan a partir de estudos da etologia comparada analisou, o levou a concluir que a alienação do sujeito ao outro é um elemento estrutural e necessário à condição humana (LACAN, 1980a). Não se trata da presença do outro adulto capaz de oferecer alimento e aconchego, trata-se de um adulto sim, mas

<sup>36</sup> Podemos lembrar que loucura significa falta ou ausência de lugar.

<sup>37</sup> Ver fundamentalmente o conceito de história do presente, tal como foi tratado por M. Foucault “Meu objetivo, ao contrário, foi o de construir uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos” (FOUCAULT, 1995, p. 231).

de adultos significativos. Estes adultos significativos vêm cumprir funções, a função materna e a função paterna, são os encarregados também de oferecerem conjuntamente, decorrentes dessas funções, não somente o alimento e o aconchego, senão fundamentalmente um lugar (LACAN, 1995). Este lugar, simbolicamente e historicamente determinado pela cultura em geral e pela família em particular, é um lugar doado, e pelo qual se paga um preço, o preço da alienação ao Outro ao sistema que determina as regras e as formas de ser e viver (LACAN, 1981; MANNONI, 1982b).

Lèvi-Strauss considera que essas regras que determinam as formas particulares de viver, essa particular forma de se relacionar com a história esta registrada na tradição cultural na forma de Mitos. Por mito, Lèvi-Strauss entende um conjunto de caracteres que estão na linguagem e além da linguagem, que conta e refere acontecimentos passados. Mas, o valor intrínseco dos acontecimentos que se supõem no passado, toma também uma estrutura permanente juntando simultaneamente o passado, o presente e o futuro. (LÈVI-STRAUSS, 1977).

Temos aqui duas linhas de força, a mobilidade da estrutura histórica, do tempo vivido, o acontecer diacrônico do processo de viver, e a estrutura “ahistórica”, o imóvel, o instituído, a sincronia. (LÈVI-STRAUSS, 1977).

Tendo como referência estes dois eixos, o diacrônico e o sincrônico, o sintagmático e o paradigmático, seria possível compreender as práticas de cada uma das culturas e os lugares destinados a cada um dos indivíduos que fazem parte dessa cultura, a partir das coordenadas e da maior ou menor distância em relação a um ou outro eixo.

Retomando, por alguns momentos o problema do mito como função significante, não podemos esquecer que o valor das unidades constitutivas não é um valor *per se*, e isto vale precisamente para compreender da perspectiva estruturalista, que a função da família e as conseqüências sobre os processos de viver, não se explica pela simples somatória das funções de cada um dos seus componentes. O significado do viver em família, segundo o caso que nos ocupa, surge das relações entre os elementos constitutivos adquirindo então o caráter e função significante (LÈVI-STRAUSS, 1977).

Se, “la sustancia del mito no se encuentra en el estilo, ni en el modo de la narración, ni en la sintaxis, sino en la historia

relatada. El mito es lenguaje” (LÉVI-STRAUSS, 1977, p. 190), as formas de agrupar-se e as formas de viver em família, também estão tomadas pela linguagem. O corpo, a vida, a morte, não são mais processos naturais, respondem a lógica que a cultura lhes dá como suporte. Se quiserem, a natureza humana, a natureza dos processos de viver humanos, segundo esta perspectiva, é a da cultura. O natural é o cultural.

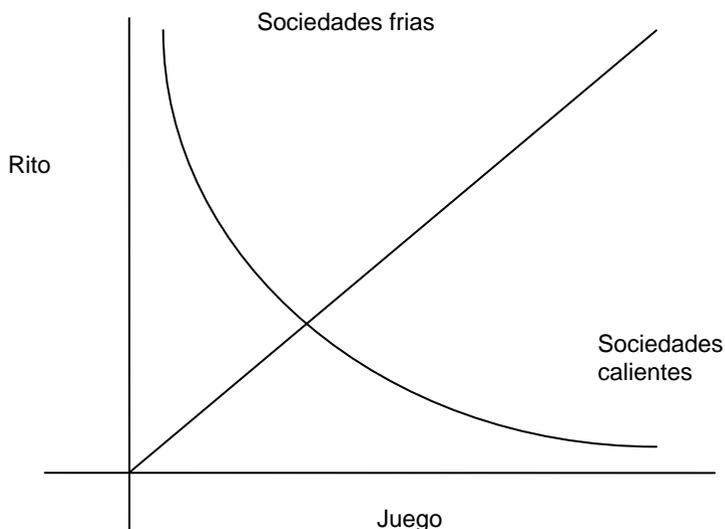
A partir da estrutura da linguagem e dos efeitos sobre o sujeito é que se organizam e se desenvolvem os processos de viver. Neste ponto em particular, podemos aproximar o pensamento foucaultiano, o psicanalítico e o estruturalismo levistrausiano e saussuriano, no que se refere ao resgate do valor e do poder da palavra e das discursividades na constituição subjetiva e na organização social. Vale lembrar que no mito bíblico, a partir do qual se organiza o pensamento ocidental e o modelo de viver: no princípio era o verbo.

Temos então pela frente o trabalho de tentar caracterizar este “verbo”. Continuando com a metáfora bíblica, o verbo tem o dom, por ser princípio e origem, criador. O verbo cria. Cria o tempo (*chronos e kairós?*), cria também vida (*bíos e zoé?*). *Chronos* e *Zoé*, ontologicamente, são independentes do verbo, porque o que o verbo cria é a dimensão do tempo vivido, experienciado, conforme a um modo de viver determinado pelo impulso que pulsa numa determinada direção.

Este impulso “vital”, segundo o modelo apresentado dos eixos sintagmático ou diacrônico e paradigmático ou sincrônico, pode se aproximar ou se afastar de um ou do outro, ocupando um lugar determinado pelas possibilidades e impossibilidades que a própria estrutura determina. Quanto mais próximo ao eixo diacrônico, maior é o grau de liberdade de deslocamento da posição designada, quanto mais próximo ao eixo sincrônico, pelo contrario, menores serão as transformações e mudanças nas funções e nos papéis determinados. O que surge como uma das conseqüências deste modelo é o fato de que não existiria forma de não estar em algum lugar da estrutura, seja mais próximo de uma forma ou outra forma de viver o tempo e a experiência.

Haveria pelo menos, como possibilidade teórica (mítica?), um ponto onde a proximidade se funde com o eixo, o absolutamente diacrônico (o puro tempo e a pura experiência) e o absolutamente sincrônico (o puro não tempo e a não experiência). Em função desta possibilidade especulativa Lévi-

Strauss dividiu as sociedades em quentes e frias, históricas e não históricas. As primeiras mais sujeitas às mudanças e câmbios, as outras tradicionais e resistentes a sair do já instituído.



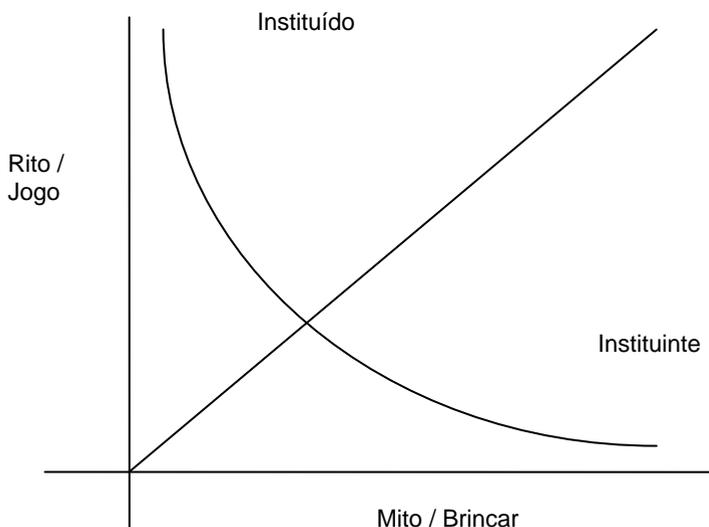
**Fonte:** Agamben, 2003, p. 112

Considero que neste esquema seria mais congruente com a própria lógica que Agamben sustenta no decorrer do texto pensar esse “juego” no sentido de brincar. O seguinte parágrafo resulta esclarecedor ao respeito.

En uno de los extremos de dicha clasificación se ubicaría el caso (cuya realidad es puramente asintónica, pues no conocemos ejemplos de una sociedad semejante) donde todo el juego se hubiera convertido en rito, toda la diacronía se hubiese transformado en sincronía. En una sociedad así, donde el intervalo diacrónico entre pasado y presente se anularía por completo, los hombres vivirían un eterno presente, en esa eternidad inmóvil que muchas religiones le asignan justamente a la morada de los dioses. En el extremo opuesto, se ubicaría

el caso (igualmente ideal) de una sociedad donde todo rito habría sido erosionado por el juego y todas las estructuras se habrían desmigajado en acontecimientos: es el país de los juguetes, donde las horas pasan como relámpagos, o la absoluta diacronía del tiempo infernal en la mitología griega, simbolizada por la rueda de Ixión y por el trabajo de Sísifo. En ambos casos estaría ausente esa distancia diferencial entre diacronía y sincronía con que hemos identificado el tiempo humano, es decir, la historia (AGAMBEN, 2003, p. 112-133).

De esta forma o esquema utilizado por Agamben podría ser pensado a partir da seguinte variante:



Se conforme o texto de Benveniste: o mito cria a história e o rito a reproduz, devemos colocar o brincar no eixo diacrônico e o jogo no sincrônico. Desta forma o sagrado e o profano, ou melhor, o ato de sacralizar ou de profanar corresponde a intentos de eliminar a historicidade para inaugurar ou preservar

simplesmente a memória.

## **SEIS**

Para Fink (1986) um elemento que deveria caracterizar toda discussão sobre o jogo é um estilo por meio do qual escritor e leitor brincam tentando tirar os sentidos ocultos, a magia das palavras, e, fundamentalmente, surpreendendo com jogos verbais ao outro e a si próprio. Qualquer intento de falar seriamente sobre o tema não é mais do que uma contradição pela qual pagaríamos o preço por estar falseando o verdadeiro fundo da questão, aquilo que caracteriza o lúdico, o brincar. Nessa mesma linha de pensamento, Zabatta (2002), reafirma essa linha discursiva presente no estilo do Nietzsche, mas não somente nele.

A partir de Nietzsche el arte del ensayo filosófico oxigena a la filosofía, le da aire, espacio, amplitud, energía. El arte del ensayo es un modo esporádico de la práctica filosófica. Su ejercicio es transdisciplinario y de un género mestizo de escritura. Incluye, además, al que lo practica, en tanto delega en un sustantivo y un verbo una subjetividad que habla desde una posición. El ensayo no es una teoría porque tampoco es un cuerpo organizado sino desmembrado. El ensayo se ofrece con un estilo de escritura, porque el estilo es lo que devela la opacidad del lenguaje. Y tiene una voluntad de verdad pero de una verdad contingente, coyuntural, conjetural y ocasional. (ABRAHAM, 2005, p. 9).

Muitos filósofos se debruçaram sobre o brincar. Seja para descobrir o sentido, seja para poder interpretar ou resgatar da condição humana certa singularidade ou para pensar situações de ordem sociológico e cultural:

Già Platone scriveva che «l'uomo è fatto per essere un giocattolo, strumento di Dio, e ciò è veramente la migliore cosa in lui. Egli deve, dunque, seguendo quella natura e giocando i giochi più belli, vivere la sua vita, proprio all'inverso di come fa ora». Per Aristotele la società è un grande gioco, nel quale ogni pezzo si muove secondo regole predeterminate.

Anche Hegel parla del gioco, dicendo che esso «nella sua indifferenza e nella suprema leggerezza è la serietà più elevata e quella unicamente vera».

Tuttavia il grande maestro che ha insegnato ai filosofi a ridere e a giocare con la filosofia – pensiamo ad esempio a Derrida, o a Bataille – è stato senza dubbio Nietzsche, che ha giocato con i suoi interpreti ed è stato, a volte, ‘giocato’. Ma, come rileva Fink, è necessaria una particolare modalità di scrittura per parlare del gioco, in quanto esso non può essere oggetto di una trattazione ‘seria’ se non al prezzo di falsare l’intenzione di fondo del discorso, e possiamo dire che Nietzsche ha ben compreso questa necessità, accettando – dunque – di ‘stare al gioco’ e affrontando il rischio di non essere compreso. Oltre a questa scrittura ironica e ambigua, seducente e mistificatrice, possiamo notare che il tema del gioco è presente un po’ in tutti gli scritti di Nietzsche [...] (ZAVATTA, 2002)<sup>38</sup>.

O trabalho de Zabatta está intimamente relacionado com um texto anterior titulado “*Ermeneutica del gioco. Del gioco come símbolo alla decostruzione come gioco*” de Lucio Saviani (1998).

Saviani passeia por diferentes versões e/ou definições do conceito de brincar. Analisa as conseqüências do jogo/brincar em autores como Fink, Heidegger, Nietzsche, Gadamer e Derrida,

---

<sup>38</sup> Platão escreveu que "o homem é feito para ser um brinquedo, um instrumento de Deus, e esta é realmente a melhor coisa nele. Ele deve, portanto, seguir a natureza, e jogar mais lindo, vivendo a vida, assim como fazem agora para fazer investimentos". Para Aristóteles, a empresa é um grande jogo, em que cada peça se move de acordo com regras pré-determinadas. Hegel também fala do jogo, dizendo que "em sua indifferença na leveza suprema e seriedade é o maior e o único verdadeiro. No entanto, o grande mestre que ensinava aos filósofos a rir e brincar com a filosofia – como, por exemplo, em Derrida ou Bataille – foi, sem dúvida Nietzsche, que jogou com seu interprete, e foi por vezes, “jogo”. Mas, como destaca Fink, você precisa de um tipo específico de escrever para falar do jogo, porque ele não pode ser objeto de uma discussão "séria" se não à custa de distorcer a intenção subjacente ao discurso, e podemos dizer que Nietzsche compreendeu muito bem essa necessidade, ao aceitar - ou seja - de "estar no jogo" e enfrentar o risco de não ser compreendido. Além dessa escrita irônica e ambígua, sedutora e mistificadora, notamos que o tema deste jogo está presente de alguma forma "em todos os escritos de Nietzsche (Tradução livre do autor).

para poder concluir que o conceito de “*gioco*” emerge das sombras, gerando outras sombras, aperfeiçoando a potência subversiva em um enigma e desafiando ao pensamento (Saviani, 1998):

È proprio in questa sua potenza destabilizzante che, forse, Il gioco può essere pensato come chance di un pensiero non metafisico. Ma già questa sarebbe una definizione. Il gioco innesca la sua caricia esplosiva innanzi tutto su se stesso. Come da più parti è spesso emerso, il gioco non si può definire; se ne possono AL massimo descrivere alcune circostanze e alcuni effetti. O, come purè è stato detto, chi gioca oscilla continuamente tra la calma del ‘così è’, l’inquietudine del ‘non so’ e l’allegria del ‘chissà dove’<sup>39</sup> (SAVIANI, 1998, p. 176).

Para Saviani (1986) o caráter principal do conceito derridaiano de jogo é a infinitude, um jogo infinito e absolutamente aberto. Esta idéia se aproxima ao que viemos sustentando como *difference*, transitando nas margens, nos liminares, brincando sabendo que se está brincando, assim como aquele homem que veio do sul, no conto “Las ruínas circulares” de Jorge L. Borges (1974) quando: “*Con alivio, con humillación, con terror, comprendió que él también era una apariencia, que otro estaba soñándolo*” (p. 455).

Mas, que tipo de homem é este que é no outro mas que pode ser, enquanto potência na medida em que consegue sonhar / brincar? Será por acaso o homem maduro do qual fala Nietzsche? Para ele a maturidade do homem “significa reaver a seriedade que se tinha quando criança ao brincar” (NIETZSCHE, 2001, p. 71); e isto porque “o reparo, a travessura, a sorridente suspeita, a zombaria são sinais de saúde: todo absoluto pertence à patologia (NIETZSCHE, 2001, p. 80).

<sup>39</sup> É precisamente este poder desestabilizador, talvez, do jogo que pode ser pensado como uma possibilidade e não como um pensamento metafísico. Mas mesmo assim seria uma definição. O jogar dispara sua primeira carga explosiva em si mesmo. Frequentemente é encontrado partido e por isso o jogo não pode ser definido, poderia ser descrito melhor em determinadas circunstâncias e em determinados efeitos. Ou, como já foi bem dito, quem joga constantemente oscila entre a calma do ‘tal como está, a ansiedade de ‘só é alegria de quem não sabe onde’ (Tradução livre do autor).

## SETE

Retorna a idéia, um dos centros presentes nos objetivos desta tese: as relações entre saúde, doença, brincar e controle disciplinar. Conceitos que trabalhei em outras pesquisas (MEDRANO, 2003; 2005) e que com posterioridade são motivo de atenção e análise como no caso do artigo publicado por Silveira Lemos (2007) onde ressalta que:

a apropriação do brincar ocorreu e como se transformou em dispositivo de promoção do desenvolvimento de crianças e, simultaneamente, de produção de crianças normalizadas e controladas a partir dos imperativos da sociedade capitalista, demandando, cada vez mais cedo iniciativas de estimulação cognitiva, visando inserir as crianças rapidamente na lógica de produtividade e submissão política (SILVEIRA LEMOS, 2007, p.78).

A presença sutil, ou nem tanto, de dispositivos de controle em teorias psicológicas, biológicas e sociológicas que tratam sobre os alcances e efeitos do brincar na constituição da subjetividade tal como aparece nas conclusões e problematizações que tive oportunidade de pesquisar oportunamente, são reafirmadas por Silveira Lemos (2007), quando conclui que:

O brincar foi constituído por algumas práticas concretas de especialistas representantes de algumas teorias como dispositivo disciplinar, sendo capturado por tais teorias, que o distribuem em função de classe, raça e gênero, em espaços específicos, tais como: os playgrounds, as brinquedotecas, as escolas, os clubes, as colônias de férias, as creches e as pré-escolas, os programas da ação social em shoppings e hotéis com recreacionistas e em consultórios de psicólogos, de psicopedagogos e de psicanalistas que instrumentalizaram o brincar acriticamente (p. 85);

e quando ressalta que:

o brincar também foi inserido em uma

temporalidade produtiva, afinal o tempo e local das brincadeiras deve obedecer à lógica da utilidade constante, das práticas regulares de formação do suposto ser em desenvolvimento. Não se pode brincar a qualquer momento; mesmo o brincar considerado “livre” ou espontâneo deve ter um horário definido, pois, do contrário, tanto o excesso como a falta poderia afetar negativamente o desenvolvimento, de acordo com os adeptos das perspectivas tecnicistas (p. 85).

Na citação que antecede fica ainda em aberto a necessidade de restringir ou não o brincar a essa atividade livre e espontânea. Pode ser considerado “brincar” a atividade com hora marcada? De certa forma sim, a condição de que esse brincar não seja definido pelo observador ou monitor da atividade, mas sim pelo próprio sujeito que brinca.

O que sim se evidencia são os intentos de regulamentar das mais variadas formas o brincar com o objetivo de controlar e disciplinar sua manifestação:

Podemos perceber como a partir da construção dos saberes ligados à psicologia - no caso eu trouxe documentos e dados de duas linhas teóricas vigentes na atualidade, a psicologia genética e a teoria histórico cultural - o brincar foi sendo aprisionado primeiro pelo saber acadêmico, para depois ser construído ao seu redor uma série de medidas administrativas e legislativas para disciplinarizar e medicalizar, quase como condição de entrada, senão de permanência no hospital (MEDRANO, 2005, p. 82-83).

Neste sentido num artigo publicado em 2008, baseado na dissertação “Do brincar pestilento ao brinquedo esterilizado. Uma análise foucaultiana” (2005), afirmávamos que:

O tempo do brincar, do tempo da experiência do brincar, é o tempo da liberdade e da criatividade, tempo contrário a qualquer intento de disciplinarização ou sujeições institucionais administrativas ou medicalizadoras. Uma criança que reclama das dores, que tem medo,

ou que, pelo contrário, não fica quieta e desobedece, necessita terapia? Qual é a medida para avaliar o **quantum** de normalidade/anormalidade em cada uma dessas inaceitáveis e funestas condutas? Como avaliar a capacidade de tolerância do profissional da saúde, seja qual for a sua formação? Toda expressão ligada à agressividade ou mal-estar deve ser diagnosticada como merecedora de trabalho terapêutico? (MEDRANO; PADILHA; VAGHETTI, 2008, p. 718).

Os desvios de conduta, as “doenças”, o indesejável que aparecem e desaparecem conforme aos mais diversos discursos, as preocupações com o desenvolvimento “normal” ou “anormal” das crianças, foram alvo dos mais diversos intentos explicativos conforme a diversos argumentos, especialmente a partir do higienismo até os nossos dias. No artigo “Da Herança à Localização Cerebral: sobre o Determinismo Biológico de Condutas Indesejadas” (CAPONI, 2007), são levantados os intentos de construção de explicações biológicas para as condutas indesejadas. Estas explicações contemplam as baseadas na herança, lesões no cérebro e/ou químicas:

As explicações químicas, a complexidade das diversas funções do cérebro, as explicações neurobiológicas dos comportamentos que falam de sinapses inadequadas, de falta de dopamina ou serotonina, as explicações genéticas e a crescente procura por genes responsáveis por diversas patologias orgânicas ou comportamentais se sucedem nas mais prestigiosas revistas científicas, como *Jama* ou *The Lancet* (CAPONI, 2007, p. 348).

Nesse mesmo artigo Caponi afirma que:

Sabemos que o determinismo biológico de início do século XX insistia no caráter orgânico e hereditário dos comportamentos considerados indesejados. Mas essas explicações, longe de desaparecerem, parecem ter adquirido poder ainda maior no final do século XX e início do XXI. Assim, a partir dos anos 1980, podemos

ver reaparecer, com força inesperada, estudos que, a partir das Neurociências, da Genética ou da Sociobiologia, retomaram as antigas preocupações referidas às “condutas indesejadas”, criando novas estratégias explicativas que reiteram muitas das teses do determinismo biológico clássico (CAPONI, 2007, p. 342).

A necessidade de controlar essas condutas indesejadas, de eliminá-las, e de promover outro tipo de perfil comportamental, levou aos médicos, mais no caso específico das crianças, aos pediatras a cuidar da higiene moral. Resulta interessante ver como por um lado a academia procurava, procura a explicação final para o fenômeno do indesejado no campo da biologia, mas, ao mesmo tempo acaba recorrendo ao fator “educação” como forma de prevenir o “indesejado”. Indesejado que pelas vezes adota a forma do mal, do perigo ou de um destino / sino de características que colocaria em risco não somente ao sujeito (esse futuro adulto) senão também a sociedade.

Determinismos biológicos e culturais continuam co-existindo: “representam duas realidades ontológicas e epistemológicas em conflito” (CAPONI, 2007, p. 346).

Em linhas gerais, podemos destacar duas modalidades diferentes de formular as explicações biológicas das condutas ou dos fenômenos existenciais. A primeira foi representada pelos higienistas e alienistas de início do século XX; a segunda, pela Neurobiologia, Genética e Sociobiologia, que aparecem como marco obrigatório de referência a partir das últimas décadas do século XX (CAPONI, 2007, p. 347)

De uma ou outra forma, seja pela via da herança, seja pela via do “ambiente”, os pais foram considerados causa e solução para o problema da uma infância sobre a que era e é necessário intervir, controlar e disciplinarizar nos mínimos aspectos e com isto atingir o controle e predição sobre cada uma das individualidades. Quando alertados sobre a importância do

brincar na constituição subjetiva, no estabelecimento dos vínculos com o mundo e os outros, o desconhecimento sobre o brincar deixava uma brecha incompatível com o ideário e a lógica de controle.

Convém ressaltar que ao longo deste texto faço referência em particular ao brincar da criança pelo fato que restringi minha pergunta ao campo da infância. Mas o brincar / jogar / ludicidade está presente – e não se trata de justificar se é em mais ou em menos a capacidade lúdica na criança que no adulto – em todas as fases e momentos da vida, só que se expressando ou se manifestando de formas diferentes.

Isto me leva discordar com expressões do tipo:

Conforme Kishimoto (1998), os jogos, a brincadeira e os brinquedos tornaram-se objetos de pesquisa de historiadores, de antropólogos, de pedagogos e de psicólogos. Desde a Antigüidade, filósofos já teciam considerações a respeito do brincar, no entanto, é recente a preocupação das Ciências Humanas com o brincar enquanto uma particularidade da “infância” (SILVEIRA LEMOS, 2007, p. 82).

Recorrer ao apelo de uma suposta novidade a preocupação por parte das ciências sociais em estudar a particularidade do brincar na infância, parece desconhecer ou pretender desconhecer algo que é muito conhecido faz tempo. Coisa que resulta altamente perigosa para quem, seja no âmbito acadêmico, social ou “vulgar” se preocupa por compreender o fenômeno lúdico, e que poderíamos chamar de censura intelectual. Uma censura que atua no sentido de uma renegação<sup>40</sup>. E isto por serem amplamente conhecidas as posições como as de Winnicott (1982) ou de Huizinga (2001) sobre a relação do adulto e o brincar. Posição com a qual coincidimos plenamente e estão presentes explícita ou implicitamente neste trabalho.

---

<sup>40</sup> Renegação: segundo Lapalme e Pontalis (2001), para Freud é “um modo de defesa que consiste numa recusa por parte do sujeito em reconhecer a realidade de uma percepção traumatizante [...]” (p. 436).

## OITO

O fato de considerar o brincar como particularidade da infância representa não somente uma forma de pensar a criança senão também um posicionamento em relação ao adulto que brinca. Desta forma podemos inferir algumas idéias.

O termo particularidade refere a alguma coisa que é "relativo **apenas** a certos seres vivos, ou a certa(s) pessoa(s) ou coisa(s)" (BUARQUE DE HOLANDA, 2004). Desta forma **apenas** quem brinca é criança. O que resta para o adulto que de uma ou outra forma faz, no dizer de Winnicott, da sua vida uma vida que mereça ser vivida, criativamente e se lançando a experiência cultural? (WINNICOTT, 1982).

A intenção de excluir do mundo adulto o brincar condiz com o que mais adiante aparecerá de forma clara: o brincar é aceito no universo infantil dentro dos próprios limites e com as características que as biopolíticas foram determinando a condição de logo ser abandonado para assumir papéis produtivos. Mas esses papéis são aprendidos nas brincadeiras "autorizadas" pelo discurso médico, psicológico, pedagógico<sup>41</sup>. Dessa forma, as brincadeiras, se tornam saudáveis e facilitadoras do desenvolvimento infantil, as outras, as desestimuladas por esses saberes, perigosas ou pelo menos suspeitas. As novas formas de jogar / brincar são geralmente rejeitadas por serem desconhecidos os efeitos sobre a subjetividade e, dessa forma, desaprovadas ou desestimuladas, como no caso quando da aparição de *vídeo games*, jogos de computador, *lan-houses*, etc. em época recente. Da mesma forma até a televisão ou outras tecnologias necessitara passar pelo crivo dos expertos até conseguirem o "certificado" de salubridade. Somente quando compreendidas pelos adultos, quando desvelados os mistérios que encerram essas novas brincadeiras, quando, pelo menos em aparência, não colocam em risco o instituído, são "liberadas" por não constituírem perigo para o mundo infantil.

## NOVE

Levantamos a questão da criança como incapaz e, por conta disso, o direito do adulto por meio das instituições e

---

<sup>41</sup> Poderíamos utilizar o termo "higiênico" para designar o conjunto desses saberes e discursos.

dispositivos vigentes, a determinação sobre como e ao que brincar. A história do desenvolvimento, da maturidade até chegar ao estágio adulto pressupõe como sendo a infância o estado que deve evoluir para outras formas superiores. Esta é a lógica a partir da qual são construídos os saberes em relação, por exemplo, da psicologia do desenvolvimento: primeiramente a infância, depois a adolescência, e assim por diante. Como temos visto o brincar vai desaparecendo no decorrer do tempo desta evolução (pelo menos aparentemente, já que opera sutilmente nas diferentes formas de resistência ao poder e como técnica de cuidado-de-si).

Nietzsche inverte a lógica do desenvolvimento, do tempo e do brincar quando considera a criança o último estágio das transformações do espírito: “Três transformações do espírito vos menciono: como o espírito se muda em camelo, e o camelo em leão, e o leão, finalmente, em criança” (NIETZSCHE, 2002, p. 11).

Isto resulta da inocência que possibilita um brincar transformador, subversivo e criador de outras realidades. Da possibilidade de abandonar o peso da história esmagadora da subjetividade (como o camelo), para sair na procura da liberdade (do leão) mas pagando o preço da luta do dever ser e do querer.

A última transformação é a de criar valores, a de poder jogar o jogo da criação, o da potência de inventar (brincando) seu mundo:

A criança é a inocência, e o esquecimento, um novo começar, um brinquedo, uma roda que gira sobre si, um movimento, uma santa afirmação. Sim; para o jogo da criação, meus irmãos, é preciso uma santa afirmação: o espírito quer agora a *sua* vontade, o que perdeu o mundo quer alcançar o *seu* mundo (NIETZSCHE, 2002, p. 12).

## Céu

De volta a Terra...

## VI NOVAS MÚSICAS, VELHOS INSTRUMENTOS: A MESMA CANÇÃO

A partir do momento em que os “Meios de Comunicação” se tornam massivos, a transmissão dos modelos de criação, dos modelos de ser pai, mãe e das formas de como educar vão suplantando os “Manuais” de puericultura, higiene que outrora foram os veículos e o vínculo entre a ciência e a população.

Em 1968 aparece a revista Pais e Filhos. Os manuais onde era possível reconhecer ao(s) autor(es) investidos por algum tipo de autoridade e reconhecimento social baseado nas funções governamentais, de ensino ou gerenciamento de hospitais, cede para uma autoridade, e conseqüentemente a um valor de verdade, sustentado na visibilidade da presença, do estar presente, da insistência. Inaugura uma etapa onde um relativo anonimato nos dizeres se diluem em função de uma outra autoria. O “autor” é a Editora que em definitivo é quem se responsabiliza a revista pela escolha dos conteúdos e orientações do que é oferecido ao público.

O surgimento da *internet* ampliou ainda mais a capacidade de penetração das idéias na população e a disseminação dos modelos propostos:

Com mais de 6,5 milhões de acessos mensais o site <http://bebe.abril.com.br/principal.php> da Editora Abril, a mesma que publica a Revista Veja, traz “informações detalhadas sobre a gravidez e o desenvolvimento do bebê, abrangendo da concepção ao quinto ano de vida, e permite que o usuário faça consultas individualizadas” (VEJA, 2009, p. 143)

Outras publicações foram surgindo como “Crescer em Família” e “Meu Nenê em Família” que tem também o objetivo de “ajudar”, orientar e acompanhar os pais na tarefa de criar e educar os filhos. A exclusividade do discurso médico foi estabelecendo alianças com discurso psicológico, que, para os fins de governo das famílias acabam se encontrando e fazendo causa comum. Partindo do pressuposto de uma paternidade e maternidade incapaz e carente de conhecimentos, estes discursos se oferecem como fontes dos saberes necessários

para um crescimento saudável.

No caso da Revista pais e Filhos, a missão é definida como:

Pais e Filhos é uma revista para a família, para a grávida, o grávido e para os pais de crianças até 12 anos. Para quem engravida da forma tradicional, para aqueles que correm atrás do sonho com a ajuda da reprodução assistida e também para quem decide adotar. Queremos ajudar você a aproveitar essa fase da vida, que passa muito rápido mesmo.

Nosso papel é estar ao seu lado, buscando respostas, informando e compartilhando experiências.

**Acreditamos que família é tudo.**

Também acreditamos completamente na importância do vínculo entre pai, mãe e filho e que ninguém educa sozinho: precisamos da ajuda de avós, tios, compadres, amigos, pediatras, professores e... revista! Cada um com seu papel.

Sabemos que quem tem filho já despertou para a consciência de que o planeta corre perigo se não agirmos já e em conjunto. Por isso, conceitos como sustentabilidade e interdependência estão no nosso DNA (PAIS E FILHOS, 2009).

Qual é a situação que estamos vivendo e a partir da qual começar a análise genealógica sobre o governo das crianças através do brincar?

Em outubro de 2009 a Revista Veja intitula sua capa com a seguinte declamação: “Enfim, alguém me entende”, em voz de um bebê de poucos meses.

Mas quem é este personagem que finalmente conseguiu tamanha tarefa? Nada menos que a Sociedade Brasileira de Pediatria. A matéria que dá origem à capa da revista trata sobre a aparição do livro “Filhos, da gravidez aos 2 Anos de idade: um guia completo da Sociedade Brasileira de Pediatria para os pais. Volume 1” (2009) que a Revista Veja caracteriza da seguinte maneira: “O primeiro manual da Sociedade Brasileira de Pediatria liberta os pais da rigidez das regras do passado e mostra como pode ser mais tranquilo cuidar de bebês e crianças

pequenas” (VEJA, 2009, capa).

O que resulta significativo é que segundo a autora da matéria (que mais que um trabalho de investigação parece uma divulgação da publicação do livro) este deve ser um momento de regozijo, já que: “Papais e mães, agradeçam aos avanços da pediatria: nunca foi tão simples cuidar das crianças pequenas. Basta estar atento aos sinais que elas nos dão, como mostra o primeiro guia da Sociedade Brasileira de Pediatria” (DIAS LOPES, 2009 p. 139). É a primeira vez que a instituição assume a autoria deste tipo de publicação.

É o saber médico, psicológico, e pedagógico que, com os novos recursos técnicos, oferecem um novo regime de verdade baseado mais uma vez na “ciência”. Pelo menos esta ciência a quem é permitida a visibilidade. Para Diniz, num artigo publicado originalmente na Folha de São Paulo em 1998, intitulado “Pulitzer no pátio dos milagres”, afirma que “a usina de fragmentação em que se converteu o jornalismo subsiste, intacta, uma rubrica. Longe de ser uma bússola norteadora em direção do conhecimento, funciona como um propagador de ignorâncias. E ansiedades”.

A relação entre as necessidades biopolíticas, regimes de verdade, interesses econômicos e o aparelho de propaganda e difusão de mercadorias e idéias se fecha quando um jornalismo que atua ao serviço se presta a ocupar esse lugar no aparelho do biopoder:

O que antigamente era designado como “noticiário científico” ou “médico” converteu-se num pátio de milagres. Diariamente são despejadas em cima dos leitores, telespectadores e ouvintes as mais disparatadas novidades fabricadas nos escritórios de marketing da indústria farmacêutica, nos departamentos de pesquisa de universidades (sempre carentes de recursos) e mesmo nas publicações científicas generalistas (doidas para conseguir anunciantes regulares).

Como essa fábrica de ilusões está montada no exterior, mais precisamente em Nova York - mãe e madrastra de todos os modismos -, sua produção ganha automaticamente a chancela de verossimilhança e verdade (DINIZ, 1998).

Mais adiante Diniz (1998) afirma que:

Não se deve esquecer que a história da medicina confunde-se com a história da quimera da imortalidade. Até o Renascimento, médicos eram também astrólogos e, às vezes, também astrônomos [...] Nos últimos cem anos, a desconcentração do saber, o racionalismo e a especialização produziram um certo rigor nos procedimentos de divulgação médica. Até o fim dos anos 70, conseguiu-se manter sob controle a curiosidade midiática. Pesquisas demoradas e amplas eram chanceladas em congressos, seus resultados veiculados em publicações de circulação restrita e, quando chegavam ao estágio da popularização, cercadas de cuidados e reservas. [...]

Num curto lapso de tempo a vitamina C foi apresentada como mágica e como vilã. Sua companheira, a vitamina E, teve dias de glória, foi derrubada e agora está em processo de reabilitação. De uma cartola de truques um grupo de pesquisadores tira a conclusão que as lésbicas têm deficiências auditivas e, de outra, que os carecas não são tão viris como se pensava. O *Almanaque do Biotônico Fontoura* virou paradigma jornalístico. Isso sem falar nas sucessivas promessas de que a Aids pode ser controlada, a cura do câncer de mama e da próstata está próxima, o infarto é evitável e a velhice adiável.

A atual fórmula de sucesso jornalístico não se vende em farmácias, mas passa necessariamente por elas. Nos telejornais de horário nobre os pobres repórteres novaiorquinos, como preço do privilégio de morar no umbigo do mundo, são obrigados a produzir uma comoção médica ou científica por dia. [...]

No Brasil ainda não se estudou o que aconteceria com o atual surto de dengue se a mídia, ao invés de celebrar tantas miragens científicas, ocupasse metade do tempo e do espaço com cruzadas jornalísticas para erradicar o peçonhento mosquito. Mobilização contra a dengue faz-se por meio de publicidade paga pelos órgãos oficiais. Saúde pública só vira notícia quando endemia ameaça virar epidemia.

O tempo de permanência das verdades “científicas” dura tanto quanto a concorrência entre as diferentes publicações e a necessidade de produzir notícias que mantenham a população numa situação de insaciabilidade de informação perante o desconcerto e a paralisia provocada pelo medo ao erro.

Paradoxalmente esta mesma idéia é resgatada pela autora da matéria da Revista Veja quando, tentando resgatar o valor do livro de recente aparição, faz a seguinte consideração:

Não faz tanto tempo assim, os manuais para pais de bebês tinham uma rigidez que lembrava as das regras do exercito: “Dê de mamar de três em três horas”, “Se a criança não quer ficar no berço, feche a porta e deixe a chorar”, “Evite ficar com o bebê muito tempo no colo para não mimá-lo demais”. Era um tal faça isso, não faça aquilo, isso pode, aquilo não, que muitos pais se sentiam impotentes para cumprir tantas normas. Para não falar da ansiedade criada com prazos aparentemente inexplicáveis. [...]

Os avanços nos conhecimentos sobre a fisiologia e a psicologia infantil e os progressos nos exames de imagem permitiram desvendar boa parte do funcionamento do organismo dos pequenos. E as notícias trazidas pela ciência do bebê são animadoras. “Na verdade, cuidar deles é bem mais simples do que imaginava”, diz o pediatra Marcelo Reibscheld, médico do Hospital e Maternidade São Luiz, em São Paulo. Atualmente as orientações para a primeiríssima infância baseiam-se, em sua maioria, em sinais emitidos pelos principais interessados (DIAS LOPES, 2009, p. 139).

A cientificidade nas verdades contidas nas páginas do Manual da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) se justifica como consequência de que hoje é possível:

[...] flagrar o cérebro dos bebês em atividade e acompanhar seu desenvolvimento, os rumos da pediatria mudaram drasticamente. Até o início da década de 80, as orientações dos pediatras eram feitas, sobretudo, por meio da observação pura e simples do comportamento infantil. As recomendações atuais são mais precisas porque baseadas em informações comprovadas

cientificamente (DIAS LOPES, 2009, p. 141).

Por um lado temos os pediatras que ao longo da história do higienismo no Brasil se apoiavam na ciência para a elaboração dos conselhos e indicações. Agora é a instituição como um todo que baseada também na ciência (uma ciência mais verdadeira?) define o certo e o errado, o que se deve e o que não se deve, construindo modelos de paternidade – maternidade conforme a um novo regime de verdade. Neste regime de verdade, tal como estamos percebendo, a psicanálise, as neurociências, a psicologia, etc. tal como é afirmado nesse parágrafo, é o cérebro o que deve ser observado. As outras observações, as daqueles pediatras de antes da década de 80, essas puras e simples, não podem ser comprovadas “cientificamente”.

Voltando para o problema do brincar e, a partir desta realidade: o que a pediatria contemporânea produziu em relação ao brincar e suas conseqüências no desenvolvimento e conduta das crianças?

Vou centrar a análise no livro anteriormente citado: “Filhos, da gravidez aos 2 Anos de idade: um guia completo da Sociedade Brasileira de Pediatria para os pais. Volume 1” (2009).

O livro começa com uma carta da SBP para os pais, na qual se apresenta como tendo um forte compromisso social reconhecido nacionalmente e preocupada com “a adequada orientação dos pais a respeito dos cuidados necessários ao crescimento e desenvolvimento saudáveis de suas crianças. [...] Até uma orientação sobre as brincadeiras ideais para proporcionar a adequada estimulação da criança está presente neste guia” (SBP, 2009, p. XII-XIII). Em 1939, no livro *Cartinha das mães*, da Rocha, escrevia:

Criar bebês robustos, evitar erros que aos poucos se avolumam, que se cruzam e entrelaçam, não é fácil. Fugir a estes perigos é arte que só conhece um profissional treinado na especialidade. Escolhido o medico de seu filho, executem com pertinência suas ordens; não se moldem ás objeções de vizinhas bem intencionadas. (DA ROCHA, p. 12-13)

Setenta anos separam um e outro manual. Embora os conteúdos e explicações tenham mudado radicalmente o que se mantém é o princípio que quem possui o saber é no caso o pediatra.

Também ressalta que para alcançar os objetivos e a finalidade do livro é dedicada uma atenção especial à parte emocional: “do convívio entre pais e filhos e à formação do vínculo materno paterno, fundamentos insubstituíveis da educação das crianças” (SBP, 2009).

O livro tem até um guia de como deve ser usado. Responde a uma diagramação que os responsáveis definem como :

dinâmico e interativo; linguagem objetiva e de fácil compreensão; ideal para consultas dia a dia; alertas das situações emergenciais; orientações sobre cuidados, alimentação, segurança, educação e brincadeiras; dicas pontuais e diretas; possui calendário das vacinas para cada idade e ilustrado delicadamente pela premiada artista plástica Suppa (SBP, 2009, p. III).

Conta também com ícones que foram criados para destacar as informações entre os quais podemos citar:

- Atenção
- Brincadeiras que ele vai gostar
- O que você deve saber
- O que você deve fazer
- O que você não deve fazer
- O que observar
- Consulte o pediatra
- O que o papai pode fazer

Todos os recursos para realçar os tópicos sobre os quais os pais centrar a atenção são utilizados. Resulta significativo que o estilo dos ícones é de caráter diretivo. Para quem está ávido de informação e posicionado subjetivamente no lugar do não saber, essas diretrizes assumem uma forma quase imperativa: quem poderia nessa posição omitir ou desconsiderar os alertas do médico?

A interseção dos saberes médicos, psicológicos e psicanalíticos resulta evidente desde o começo do texto. Ao falar

da gravidez, o primeiro tópico refere-se ao vínculo, antes de entrar nas questões de ordem física, fisiológica e de acompanhamento obstétrico.

O primeiro dever fazer trata sobre a necessidade de interagir e conhecer o filho antes mesmo do nascimento: “conversando com ele, pensando nele, imaginando suas características e sentindo seus movimentos” (SBP, 2009, p. XXV) por serem atitudes positivas para poder construir um relacionamento saudável. Vale destacar aqui, já que esta obra está permeada pelo apelo à constituição do vínculo, que o significado do vocábulo “brincar” como temos destacado anteriormente é fazer vínculos. Mas, quais as propostas, os suplementos, que a SBP indica aos pais?

Há um capítulo especialmente dedicado às brincadeiras, brinquedos e lazer. Relembramos que o primeiro volume (único da série publicado até este momento) trata da gravidez até dois anos de idade. Os próximos temas anunciados são:

- Crianças dos 2 aos 10 anos;
- Adolescência;
- Alimentação e atividades físicas;
- Cuidados com a segurança;
- Doenças de A a Z.

No final do capítulo de referência, um aviso: “CONSULTE O PEDIATRA. A criança que não brinca e não interage seguramente está com algum problema, precisando de ajuda. Consulte o pediatra se observar esse comportamento em seu filho” (Sociedade Brasileira de Pediatria, 2009, p. 288). O não brincar torna-se um dos principais sinais de alerta em relação à saúde da criança. Esta idéia está no cerne da experiência psicanalítica, nas concepções que a psicanálise tem feito em relação ao brincar da criança e nas diferentes teorizações sobre a constituição subjetiva e o desenvolvimento infantil. A influência de autores como Winnicott (1975; 2002), Spitz (2004), é evidente ao longo do texto. Vínculo – brincar - apego é a tríade sobre a qual é edificada boa parte da higiene contemporânea.

As brincadeiras devem ser **próprias para cada idade**, respeitando sempre a faixa de desenvolvimento da criança. As crianças crescem e se desenvolvem brincando; por essa razão, sugerimos alguns estímulos e brincadeiras para a faixa etária de 1 mês a 2 anos (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2009, p. 275).

## **Dicas e Chamados de atenção**

Vejam os primeiramente algumas das dicas e dos chamados de atenção que em forma de ícones específicos pretendem reforçar algumas das idéias que os pais devem levar em conta.

Procure criar uma rotina para as atividades de seu bebê. Assim o banho, as refeições e o passeio devem acontecer todos os dias de preferência, nos mesmos horários. O bebê estranha novidades e a rotina o ajuda a aprender e se sentir mais seguro. Tente estipular alguns horários para ficar com seu filho. Isso ajudará você a ter tempo para as outras atividades. É fundamental que você se sinta bem emocionalmente para cuidar de seu bebê; para isso precisa se cuidar também (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2009, p. 280).

O tema das rotinas é recorrente no discurso da pediatria, embora a explicação e a argumentação sobre a importância de ambas seja muito diferente. Antes da pediatria ser influenciada diretamente pela psicologia e pela psicanálise, as rotinas tinham o sentido de induzir e introduzir a disciplina e a formação de hábitos. Aqui se trata da previsibilidade. Os ritmos marcam e constroem o tempo, aquele que segundo Agamben (2003) cria a história. Essa rítmica que se ritualiza. Também Rodolfo (1989; 2004) destaca a importância das rotinas como forma de ajudar a instauração da confiança a que faz referência Erickson (1970) para a instauração do que ele chama de confiança básica.

Mais adiante aparece a relação entre brincar e excitação. Esta relação com mais outro elemento, presente, mas nem tão explicitado, que é o prazer ligado ao ato de brincar é referido como causa ou provável causa de interferências nas rotinas: “Procure não fazer as brincadeiras com o bebê momentos antes dos horários de sono, pois ele pode ficar muito excitado e não conseguir dormir (Sociedade Brasileira de Pediatria, 2009, p. 283).

Outro chamado de atenção alerta sobre um dos termos que representa aquele ato íntimo da subjetividade, o “não”. Com pouco espaço entre uma e outra afirmação, os pais são

empoderados para dizer “não” e logo tomar todos os cuidados para não forçar situações, e dessa forma facilitar a assunção do “não” por parte da criança: “Quando necessário, não tenha receio de dizer “não” ao seu filho” (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2009, p. 283); mas, “Tenha cuidado para não forçar seu filho a obedecer. Faça as atividades de forma relaxada e agradável, procurando sorrir e mostrar alegria quando ele conseguir fazer o que foi solicitado” (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2009, p. 285).

Há uma preocupação com o respeito à singularidade e os tempos da criança. Mas como pensar essa singularidade se os pais devem seguir as indicações presentes no manual? Crianças diferentes para pais padronizados?

Caso seu filho não consiga realizar a brincadeira proposta, não desanime, repita-a em outra ocasião, quando ambos estiverem dispostos (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2009, p. 285).

Procure não comparar seu filho com irmãos ou outras crianças. Lembre-se: cada criança tem seu próprio jeito de ser e crescer de acordo com suas possibilidades (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2009, p. 287).

As atividades sugeridas baseiam-se no desenvolvimento neuropsicomotor normal. No entanto, cada criança possui seu ritmo de amadurecimento do sistema nervoso central, por isso é possível que esteja um pouco adiantada ou atrasada em relação a alguns marcos de desenvolvimento esperados sem que isso caracterize qualquer patologia (doença ou distúrbio).

O importante é que a criança seja regularmente avaliada por um **pediatra** para acompanhamento de seu desenvolvimento. (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2009, p. 275).

Outro ponto que o livro destaca é a presença / ausência especialmente dos pais, mas também dos cuidadores. Podemos novamente reconhecer a intensa influência da psicanálise neste ponto fundamentalmente no que se refere ao conceito forjado por

Freud a partir do jogo do “fort – da” (FREUD, 1920). Também o trabalho de Spitz (2004) onde relata o fenômeno da “angústia do oitavo mês”:

Com 8 a 9 meses, o bebê estranha pessoas que não lhe sejam familiares. Ele sente a ausência dos pais com muita angústia, como se não fossem mais voltar. Assim, brincar de jogar objetos e depois buscar pode ajudar a diminuir a angústia provocada pela ausência dos pais ou cuidadores (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2009, p. 283).

Se estiver muito ocupado, coloque seu filho perto de você, deitado no chão, sobre um cobertor, ou recostado num travesseiro. Procure chamá-lo e conversar com ele de vez em quando para que sinta sua presença (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2009, p. 281).

Procure ocupar o bebê, pois, quando ficar sozinho, poderá chorar para chamar a sua atenção (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2009, p. 285).

Existe um cuidado constante em relação ao vínculo, as ausências, as presença. Um intento de apelar ao laço para evitar o que Bauman descreve como a “liquidez” que se vive na contemporaneidade (BAUMAN, 2006), ou mais especificamente no conceito de “amor líquido” que convida pensar sobre a “fragilidade dos laços humanos” que ficam sujeitos a demandas e exigências sociais das quais os sujeitos têm limitadas possibilidades de preservar (BAUMAN, 2004).

A possibilidade de ser uma “mãe suficientemente boa” (WINNICOTT, 1982; 1990; 1980; 1993) é o apelo que os pediatras levantam continuamente para garantir uma criação saudável. É importante destacar que Loparic levanta sobre este ponto uma interessante reflexão que vai contra o que os próprios pediatras, no caso, mas que também outros profissionais da saúde, como temos levantado oportunamente. Apesar de usar Winnicott como modelo de sustentação do novo modelo higiênico, Loparic afirma que:

Sobre esse ponto Winnicott é taxativo: as mães

não devem deixar guiar por nenhum conjunto de regras científicas (enunciados veritativos) ou práticas (enunciados valorativos ou regras de agir). A linguagem objetivante do discurso científico e moral dos adultos não se aplica à intimidade entre a mãe e o bebê. As mães tampouco precisam desse tipo de conhecimento. Elas sabem o que fazer naturalmente, por um saber pré-racional e pré-verbal, típico das mulheres regredidas à "preocupação materna primária", um saber que funciona bem há centenas de milhares de anos e que não admite ser esclarecido, confirmado ou corrigido, pelo consenso entre os peritos (LOPARIC, 2003, p. 52).

Os peritos, o que têm a nos dizer sobre o que é considerado o brincar neste livro?

A SBP sugere como brincadeiras, brinquedos, atividades ou objetos tais como: colocar objetos pequenos nas mãos do bebê; ajudar a "chupar" as mãos; juntar as mãos para bater palminhas; falar com o bebê; levar o bebê para passear ou tomar sol; tocar o bebê; ajudar que ele se toque e sinta a maciez da carícia; fazer caretas para ele; brincar de conversar, de cantar e emitir sons; deixar o bebê de barriga para baixo para brincar; olhar no bebê nos olhos; mostrar um brinquedo e depois escondê-lo, brincar de esconde-esconde; dar mordedores; começar a contar ao bebê o que você está fazendo; colocar o bebê frente ao espelho e fazer brincadeiras de aparecer e desaparecer; fazer o bebê estender os braços para atira-se no colo dos adultos; levar o pé do bebê até a mão e/ou a boca; dar uma caixa de papelão para o bebê brincar de entrar e sair; ajudá-lo a brincar de chupar os próprios pés, levando-os até a boca; chamar o bebê pelo nome, para que ele comece a reconhecê-lo; durante a refeição, deixar que o bebê coma alguns alimentos com a mão (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2009):

Na hora da refeição, deixe a criança pegar pequenos alimentos com os dedos, por exemplo, uvas, pedaços de banana, maçã, etc. permita que ela tente comer sozinha com a colher e tomar sucos e leite em caneca plástica, segurando-a com suas próprias mãos. Mesmo que derrame um pouco, não se importe se ela

se sujar. Dessa forma, Ela vai treinando a se alimentar sozinha e poderá se interessar mais pelos alimentos, o que deixará a hora da refeição mais agradável e divertida. Se já estiver mais independente, deixe-a comer também com outras crianças (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2009, p. 286).

Outras formas em que é pensado o brincar são: fazer uma cadeira com os braços e balançar o bebê para os lados; brincar com uma caixa grande de brinquedos e deixá-lo entrar, virá-la e colocar os brinquedos dentro; brincar de imitar sons e movimentos, cantar e conversar com o bebê; beijar o bebê e oferecer o seu rosto para ele beijar também; deixar o bebê engatinhar pela casa toda; ensiná-lo a fazer os movimentos de “tchau”, “sim”, “não” e “vem”; deixar brincar com a água do banho, colocar brinquedos na água e fazer ondas; dar brinquedos com cordinhas; dar brinquedos de pegar, jogar e empurrar; deixar a criança que ande descalça na grama; etc (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2009, p. 275-289). Isto é só um apanhado de muitos outros brincares, de muitas outras atividades que outrem eram consideradas ou incluídas na categoria de exercícios de estimulação. Tudo isso agora passa ser chamado e forma parte do capítulo “brincar”.

É considerado brincar todos os tipos de trocas, verbais e não verbais, a manipulação de objetos, as experiências especulares, a possibilidade de experienciar e sentir o próprio corpo e o do outro. No capítulo “Polifonias do brincar” trabalhei esta dimensão ampliada do brincar tal como aparece na contemporaneidade. Até os “banhos de sol”, prática estendida desde os tempos remotos, tem um destaque e um lugar no conceito de brincar.

Não por ser este livro destinado exclusivamente às crianças de 0 a 2 anos é que esquecemos de incluir outras formas de brincar neste trabalho. Mas como o objetivo não é fazer de forma alguma uma análise das brincadeiras ou dos brinquedos utilizados pelas crianças maiores, seja na contemporaneidade ou em tempos passados, estes exemplos, que como todos, não deixam de ser recortes de recortes, considero suficientes para a sustentação das hipóteses de trabalho com as que venho articulando esta história do presente.

Uma das questões que é preciso destacar é a de poder diferenciar quando se fala sobre o brincar o tipo de discurso ou de estilo narrativo que é utilizado. Serve para poder reconhecer se esse brincar é um “brincando” conforme o *playing winnicottiano* (1982) ou é pura formalidade que acaba reduzida a um jogo. A respeito disto Orlandi afirma que:

O discurso lúdico é aquele em que seu objeto se mantém presente enquanto tal (enquanto objeto, enquanto coisa) e os interlocutores se expõem a essa presença, resultando disso o que chamaríamos de polissemia aberta (o exagero é o *non sense*). O discurso polêmico mantém a presença do seu objeto, sendo que os participantes não se expõem, mas ao contrário procuram dominar seu referente, dando-lhe uma direção, indicando perspectivas particularizantes pelas quais se o olha e se o diz, o que resulta na polissemia controlada (o exagero é a injúria). O discurso autoritário o referente está ausente, oculta pelo dizer, não há realmente interlocutores, mas um agente exclusivo, o que resulta na polissemia contida (o exagero é a ordem no sentido em que se diz “isso é uma ordem”, em que o sujeito passa a instrumento de comando) (ORLANDI, 1996, p.15).

Vejamos como ler a partir do parágrafo anterior algumas das indicações dos pediatras aos pais:

Muitas vezes, os pais só criticam as más atitudes e a criança passa a chamar a atenção. Lembre-se de, mais ainda, **agradar** seu filho sempre que ele o ajudar ou apresentar outro bom comportamento, pois, estará valorizando essas atitudes e incentivando-o a repeti-las (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2009, p. 288).

No intento de levar uma palavra que oriente os pais, o discurso é no dizer de Orlandi (1996) “autoritário”, longe da polissemia que deixa em aberto os sentidos e as significações.

Um capítulo especial está dedicado ao crescimento e desenvolvimento. Este último é definido como aquele que:

“traduz a maturidade do sistema nervoso central e não há uma medida precisa para cada função” (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2009, p. 241), ou seja, uma forma de desenvolver habilidades. A terminologia utilizada, desenvolvimento de habilidades, vínculos, jogos de presença ausência, mostra uma disparidade de critérios em razão dos referenciais teóricos que sustentam cada um desses termos que resulta difícil não pensar numa espécie de babelização conceitual. Como veremos mais adiante, isto não é novidade. A mistura de idéias baseadas na psicologia comportamental e desenvolvimento de habilidades, as formas de constituição subjetiva tal como a psicanálise propugna, as diferentes teorias do vínculo e do apego, mais os aportes das neurociências, acaba criando um ser fragmentado cuja representação se assemelha a uma espécie de *Frankenstein*.

Desta forma os conselhos e indicações feitas para os pais obedecerem, passam desde atitudes autoritárias, primeiramente pelos médicos que fazendo uso do seu poder inoculam nos pais, até conselhos carregados de “humanidade” agora que a defesa dos direitos das crianças e da sua subjetividade e singularidade tornaram-se política de Estado.

### **O dever fazer**

Seja pela via do “dever fazer” ou do “não dever fazer”, o livro transita continuamente pelo caráter imperativo, embora muitas vezes sutil, quando se dirige aos pais, às vezes ao pai em particular, em outras incorporando uma intenção dialógica, simplesmente: você.

Você pai, vocês pais, deve, devem... O termo “dever” tem em português sentidos inequívocos. Ou passa pela obrigação de, ou pela restituição de uma dívida (AURÉLIO, 2004). Ambos sentidos se explicam a partir da trama biopolítica que, tanto pais quanto pediatras (aqui no caso), uns se assujeitam aos outros e ambos as razões do Estado.

O diagnóstico da situação atual em termos do tipo particular de vínculos que se dão entre as pessoas e das conseqüências da “falta” de pai e/ou de mãe para explicar novas formas de sofrimento psíquico, levaram a que o discurso “psico-médico-higienista” desenvolvesse outros dispositivos diferentes em conteúdo de outrora. O que este modelo não questiona é a insistência em influenciar de qualquer forma sobre os cuidadores

das crianças.

Crítica-se aos pais pelo fato de estarem “ausentes”, de não por limites suficientes, de não exercer a função tal como é recomendada pelos novos saberes e conhecimentos. Pela sua parte, os pais cada vez mais dependem dos outros para serem iniciados desde a gravidez (embora este processo comece muito antes da criança ter existência material) nos ritos de formação.

O desejo de paternidade – maternidade e a partir dele, a experiência da espontaneidade fica sujeito à necessidade de construir artificialmente pela via do dever atitudes essenciais para evitar futuros problemas na saúde da criança como o nascimento de recém-nascidos de baixo peso, crianças hiperativas, distúrbios alimentares e doenças psíquicas. Para isto, segundo os responsáveis pela edição do livro, é imprescindível para promover o bem-estar da gestante para promover o crescimento e desenvolvimento da criança a nascer. Por isso um chamado de atenção para o homem:

A gestação **não pode** ser encarada como um momento especial para a mulher. O **homem deve compartilhar** os sentimentos de alegria, tristeza, preocupação, medo, sonhos, fantasias e angústia; embora com características e intensidade diferentes da mãe. O papel do pai na gestação tem sido cada vez mais valorizado. Os maus-tratos à gestante ou o seu abandono por parte do companheiro podem afetar profundamente o feto em desenvolvimento (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2009, p. XXV). (Grifo dos autores).

Tal como nos albores do higienismo o homem dentro de casa é a garantia de futura salubridade no âmbito familiar. A geração de sentimento de culpa nos pais como forma de evitar o desamparo da criança por nascer.

Um tópico especial merece “o quarto do bebê”. Amplamente tratado desde os primórdios da pediatria moderna não podia faltar no livro que estamos utilizando como referência.

Os brinquedos com cores mais vivas são bem-vindos, mas é melhor não só colocar em número excessivo. Eles não devem conter superfície áspera e tampouco peças pequenas facilmente destacáveis. [...] os bichos de pelúcia

acumulam pó, razão pela qual se recomenda que haja poucos no ambiente (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2009, p. LII).

Retomando a idéia das infâncias, das que coexistem em uma mesma trama social, mas que estão cercadas discursivamente por diferentes táticas, chama a atenção que, embora este livro represente o pensamento da pediatria brasileira, o discurso e o tipo de conselhos ou orientações estão carregados de exemplos que somente tem a ver com as crianças, ou melhor, com famílias de classe média e classe alta. Quando se referem ao ambiente físico ideal do quarto do bebê, especificam que deve ser:

ensolarado, arejado, e sem umidade. Durante o dia, aproveita-se a luz natural, mas à noite é necessária uma luz indireta e fraca, de preferência com intensidade regulável, como a de um abajur ou de um *dimmer*. Quanto aos ruídos ambientais, é importante que o local destinado ao sono do bebê seja tranqüilo, embora não se recomende evitar o barulho habitual da casa; as conversas em tom de voz normal, os sons do telefone e da campainha auxiliam o recém-nascido a distinguir o dia da noite (p. LII)

Resulta necessário nos perguntarmos qual é a pediatria que representa a SBP, ou no caso, qual a infância, qual a criança representada em essa obra? Quem é essa criança imaginizada e retratada no livro? resultado de um trabalho inovador e de convergência dos pediatras dos vinte e sete departamentos científicos da SBP, segundo afirma o presidente da SBP Dioclécio Campos Júnios (SBP, 2009, p. XIII). Qual é o território nacional ao que fazem referencia, qual a sociedade brasileira sobre a que foi projetado o livro para promover a saúde da infância e da adolescência? Podemos imaginar, por exemplo, a tênue luz necessária para o bom descanso em algum lugar do sertão nordestino, ou em algum barraco na floresta. Mas pensar as famílias faveladas esgotando os estoques de *dimmers* para cuidar o sono do bebê no meio da guerra entre traficantes e polícia, resulta no mínimo patético.

Sem esquecer que o “quartinho” também precisa paredes pintadas com tinta acrílica, de preferência em tons pastéis para dar mais tranquilidade ao bebê, embora seja permitida a utilização de papéis de parede. O espaço deve permitir: “a circulação de pessoas, assim como para a entrada do carrinho. Dessa forma, deve conter basicamente, um berço, um armário, uma poltrona para amamentação e uma cômoda pra trocar o bebê” (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2009, p. LII).

Temos por um lado o apelo à nacionalidade e o reforço da idéia da infância como futuro da pátria e filhos da nação de longa tradição nos dispositivos de medicalização da população. Por outro, a clara separação entre as infâncias. Uma tratada em termos de menoridade, tal como temos trabalhado em capítulos anteriores e a outra, esta onde se espelha a SBP.

Retomando o problema da construção de uma boa mãe, como se isto fosse possível de ser ensinado como se ensina a trocar fraldas ou preparar o mingau, aparece no texto, ou melhor, se omite no texto muitos sentimentos e sensações que fazem parte da vida psíquica dos sujeitos.

No capítulo dedicado ao vínculo pais-filhos, o vínculo é definido como:

o laço emocional que une a mãe com seu filho, ou seja, é o relacionamento afetivo entre a mãe e seu recém-nascido que se fortalece com o passar do tempo e persiste mesmo à distância. [...] o termo vínculo é geralmente usado para descrever o sentimento de afeto que une a mãe (também o pai) com seu filho. Já o termo apego é empregado para descrever uma forma especial de vínculo que o bebê desenvolve com sua mãe, no qual ele sente a necessidade da presença da mãe, que lhe dá segurança para explorar e conhecer o mundo ao seu redor (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2009, p. 47).

Definidos estes conceitos, o livro se lança de cheio, criando uma dicotomia que como resultado terá a reprodução de antigos e recorrentes mitos como o da boa-mão e da mãe-má. Os autores afirmam que: “Entre mãe e filho, desenvolve-se uma ligação afetiva recíproca, que dá prazer e promove o bem-estar emocional de ambos, manifestando-se por vários sentimentos

positivos como: amor, devoção, proteção e preocupação (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2009, p. 48).

Apresentado o conteúdo do livro cientificamente validado pelas comissões da SBP e, como já foi explicado anteriormente, inspirado em conhecimentos da psicologia e em particular da psicanálise, resulta significativa a omissão de outros tipos de sentimentos como a desilusão, o tédio, a falta de prazer, a irritabilidade e o ódio por parte dos pais em relação a essa criança. Não é o caso ampliar e aprofundar sobre este ponto. Muitas obras clássicas na psicologia e na psicanálise tratam e têm tratado sobre esta ambivalência pulsional e emocional (KLEIN, 1978; 1981; 1981); (FREUD, 1920); (LACAN, 1979; 1981); (WINNICOTT, 1982; 1990; 1980); (ABRAHAN, 1970). O que a SBP propõe é a medicalização de tais sentimentos tratando-os como sinais ou sintomas passíveis de serem tratados por profissionais da área da psicologia.

CONSULTE O PEDIATRA. Indicamos às mães que se sintam muito angustiadas ou ansiosas e cujos sentimentos estejam interferindo negativamente em sua rotina e na capacidade de sentirem-se boas mães/ nutrices que, independentemente de estarem amamentando ou da idade da criança, procurem a ajuda do pediatra que poderá indicar um profissional da área da psicologia (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2009, p. 49).

Como é possível perceber, não somente o sentimento de angústia e a sensação subjetiva de não ser uma boa mãe cai sob suspeita, senão também não é inocente que em momentos em que esta tese está sendo escrita, o Congresso Nacional esteja debatendo o que é conhecido como Lei do Ato Médico. A SBP reafirma, conforme o anteprojeto defendido pela classe médica, a via de chegada dos sujeitos aos outros profissionais da saúde pela intermediação do pediatra.

Tal o estado da situação atual. Um bebê que declama em nome de todos, aliviado, que alguém conseguiu entendê-lo e que prestando “mais um relevante serviço à sociedade brasileira” (Sociedade Brasileira de Pediatria, 2009, p. XII), ensinará, mostrará e formará sua mãe e seu pai nos segredos e mistérios da boa arte da maternidade e paternidade responsável,

indicando com veracidade e conhecimento os melhores brincades para um saudável e promissório futuro ausente de indesejáveis condutas anti-sociais.

## VII A ORQUESTRA E DE COMO DIRIGI-LA OU DAS ANTIGAS CANÇÕES E MELODIAS

### 7.1 AFINANDO OS INSTRUMENTOS

Tal como foi proposto em capítulos anteriores, passaremos analisar e problematizar o produto e as indicações de quem, metaforicamente, podemos chamar de diretores de orquestra. Isto é, fundamentalmente, os pediatras que no final do século XIX e durante o século XX, se encarregaram de indicar a forma de governar as crianças através dos pais e dos professores, conforme a organização do modelo higienista e os mecanismos de reprodução e imposição do modelo.

A partir de um conceito de brincar amplo e não restrito é que foi feita a escolha das considerações dos autores dos documentos que apresento a continuação.

### 7.2 ABERTURAS

Assim como existe um centro a ser descentrado, aqui há um começo que não é o começo. Um começo que, como tantos outros, leva a marca da arbitrariedade.

Disponho aqui dos prólogos, introduções, fundamentalmente, o que de alguma forma, os autores colocam como sendo a missão, a motivação, as intencionalidades explícitas, que de uma ou outra forma servem para contextualizar e compreender as receitas e recomendações sobre como criar e educar crianças.

Em 1868, D'Almedia e Lemos iniciavam seu livro "O Medico das crianças ou conselhos às mães sobre a hygiene e tratamento homeopatico das moléstias de seus filhos" resgatando o papel dos pais com relação à responsabilidade no cuidado dos filhos:

Quantos cuidados, quanta proteção não é pois necessaria à sua conservação! Foi para attingir este fim que a natureza gravou no coração do homem este sentimento profundo e tão

duradouro da paternidade; é principalmente porem ao amor materno, o mais ardente e o mais constante de todos, que Ella confiou a vida da criança; é a ternura materna que, em todas as posições sociaes, é confiado o cuidado de velar na conservação da criança; e preserva-la de todos os perigos (p. II).

Resulta significativa a inclusão do homem na tarefa de proteção e conservação. Já Costa Freire (1999) e Donzelot (1986) levantaram este ponto no processo de medicalização das famílias. O homem devia, conforme as medidas e recomendações higiênicas voltar para o lar, saindo das ruas e dos “vícios” que, mantendo-se, teriam incidência na saúde moral da criança. Situação que Badinter (1985) levanta em relação ao momento em que o pai se torna objeto de investigação e vigilância.

Esta tarefa para os autores está escrita nos instintos, na alma, nos valores que têm sua fonte na religião, guiando tanto aos médicos quanto aos pais. Aparece aqui um personagem que reiteradamente é utilizado para encarnar o mal, o descaso. Como representação da ignorância (perante o saber científico e positivo do médico, do psicólogo, do pedagogo) surgem as figuras da comadre, da vizinha, da família, todas em luta com os saberes verdadeiros.

Seu maravilhoso instinto esclarece muitas vezes o medico; observadoras mais fieis das prescripções feitas a seus filhos, do que das que lhes são relativas, como que guardão um respeito religioso, que lhes impede de transgredil-as. [...]

O abandono e negligencia dos medicos fez que esta parte importante da medicina ficasse por muito tempo sujeita aos prejuizos de certas matronas e comadres (D'ALMEIDA E LEMOS, 1868, p. III).

Esta idéia de um instinto natural presente no cuidado materno se contrapõe com outros saberes, como quando Badinter (1985) afirma:

Ao se percorrer a história das atitudes

maternas, nasce a convicção de que o instinto materno é um mito. Não encontramos nenhuma conduta universal e necessária da mãe. Ao contrário, constatamos a extrema variabilidade de seus sentimentos, segundo sua cultura, ambições ou frustrações. Como, então, não chegar à conclusão, mesmo que ela pareça cruel, de que o amor materno é apenas um sentimento e, como tal, essencialmente contingente? Esse sentimento pode existir ou não existir; ser e desaparecer. Mostrar-se forte ou frágil. Preferir um filho ou entregar-se a todos. Tudo depende da mãe, de sua história e da História. Não, não há uma lei universal nessa matéria, que escapa ao determinismo natural. O amor materno não é inerente às mulheres. É “adicional”. (p. 367)

Cem anos separam uma e outra afirmação, uma e outra verdade. Para os fins genealógicos, e independentemente das razões que nos levem a nos sentirmos mais próximos de uma ou outra posição, não podemos, ao menos que parafraseando a própria Badinter dizer que vivemos também o mito do mito do amor materno.

Fernandes Figueira (1919) chama seu livro de “texto doutrinário do índice pratico” (p. 7). Nele apresenta situações vividas na sua prática clínica, para, a partir delas, responder a perguntas, dúvidas ou medos recorrentes. Esta idéia de produzir doutrina, quer dizer um conjunto de idéias que servem de base para organizar um sistema científico, vai aparecendo cada vez com mais força e cada vez com mais clareza nos diferentes documentos analisados. Produzir doutrina é produzir os saberes necessários para que formem parte de um dispositivo de controle e disciplinarização dos sujeitos.

Almeida e Mursa (1927) definem seu livro como “uma contribuição modesta para a solução do problema da ignorância, em hygiene da primeira infância” (p. VII). E isto devido a que:

Dizer que as mães, em geral, mau grado a sua instintiva ternura e o cultivo da civilização, ignoram a arte de criar os filhos, não é nenhum exagero, e sim apenas o repisar de afirmação universal. Ligeiro inquerito sobre as regras e preceitos que orientam usualmente a

melindrosa tarefa maternal, provoca o espanto do indagador” (p.V)

Mais adiante se perguntam se são as mães as culpadas, ou se delito dos que podendo, não fazem nada por instruí-las. Os autores reivindicam e fazem um apelo ao Estado por ser o responsável em última instância por esquecer

de divulgar, entre as mães actuaes ou futuras, os principios que fariam florescer criaturas sadias e robustas, que enriqueceriam a nação com energias de toda a espécie, augmentando-lhe a efficiencia physiquica e moral e poupando-lhe mais de metade do sacrificio prematuro de vidas.

[...] São Paulo, nesse particular, deu um passo feliz: instituiu o ensino de hygiene infantil para as suas normalistas. São a cada anno, algumas centenas de moças que se iniciam nos segredos preciosos da arte de criar os filhos. [...]

Este livro é uma cooperação modesta para a solução do problema da ignorância, em hygiene da primeira infância [...]

Um livro apenas de regras praticas, sem consignar nunca os “porquês”, mesmo quando estes estão ao alcance da cultura leiga, não deixaria transparecer, como queremos, que cada preceito estabelecido nasce de um principio scientifico, e não do capricho ou da fantasia de quem o consagrou (ALMEIDA E MURSA, 1927, p. VI-VIII).

O “uso” das escolas ou, em particular, das normalistas como agentes de saúde e de transmissão dos saberes médicos, já foi levantado por Donzelot (1986) e Freire (1999). Quando este caminho foi considerado insuficiente outras formas de intervenção foram criadas para que este elo ente saber erudito e ignorância da população fosse resolvido. Os agentes de saúde, enfermeiros, assistentes sociais, para citar alguns, são um claro exemplo das políticas de intervenção e inserção na intimidade familiar, para dessa forma poder operar sobre essa “ignorância” que deve ser combatida. Ignorância que como vamos ver a partir

da análise dos dizeres atuais e antigos são resgatadas formas de participação materna e paterna censuradas neste período da história das formas de criação.

No ano de 1935 são reunidos no livro “A criança. Noções de medicina e hygiene” uma série de artigos escritos e publicados por Otavio Gonzaga, Inspetor Chefe do serviço de hygiene e assistencia à infância e Presidente da Comissão de Assistência Social do Estado de São Paulo. Os artigos de referência (Gonzaga, 1935) inicialmente eram entregas semanais que o jornal “O Estado de S. Paulo” incluía nas suas edições.

Resulta interessante aqui resgatar uma parceria que se mantém até nossos dias entre os saberes eruditos (em contraposição à ignorância que é atribuída à população) e os meios de comunicação. Segundo Gonzaga, animou-se a dar forma de livro a esses artigos por causa da experiência no exercício da profissão e dos “cursos realizados na Escola de Saúde Pública da Universidade de Harvard, em comissão do Serviço Sanitário junto á Fundação Rockfeller” (p. V). Vão aparecendo os diferentes espelhos nos quais, a medicina em geral e a pediatria em particular, se foram reconhecendo: as escolas: francesa e alemã, no começo, a americana depois.

Esta última, em particular, desenvolve a partir de começos do século XX o que é conhecido como “Complexo Médico-industrial”, precisamente a partir da ingerência e do financiamento da Fundação Rockfeller.

Na Johns Hopkins University:

Originou-se um modelo de ensino de medicina centrado na unicausalidade, biologicista, hospitalocêntrico, fragmentado, detentor da verdade científica, positivista. Dessa universidade foi chamado um professor, Abraham Flexner, para fazer uma investigação sobre as faculdades de medicina dos Estados Unidos da América (EUA). Em 1910, foi publicado um relatório, chamado de "Relatório Flexner" que em síntese, sugeria o não financiamento de faculdades de medicina que contemplasse outros modelos de entendimento do processo saúde-doença [...] (DA ROS, 2006, p. 48).

Este modelo necessita de uma população medicalizada

capaz de gerar demanda de intervenções e aceitar o governo da medicina e dos subprodutos como forma de manter a indústria da saúde em alta e em processo de crescimento. Os manuais de puericultura e higiene, cheios de conselhos, indicações e observações sobre o cuidado da criança, embora chegassem direta ou indiretamente às famílias, não eram suficientemente abrangentes para atingir à população. Foi necessária a associação com a mídia para popularizar os “conhecimentos” certos e verdadeiros aos quais as famílias deveriam se submeter para dessa forma disciplinadamente e homoganeamente criar seus filhos conforme padrões e estilos determinados pelas escolas de pediatria, de psicologia e de pedagogia.

O jornalismo, segundo Denis:

Longe de ser uma bússola norteadora em direção do conhecimento, funciona como um propagador de ignorâncias. E ansiedades.

O que antigamente era designado como "noticiário científico" ou "médico" converteu-se num pátio de milagres. Diariamente são despejadas em cima dos leitores, telespectadores e ouvintes as mais disparatadas novidades fabricadas nos escritórios de marketing da indústria farmacêutica, nos departamentos de pesquisa de universidades (sempre carentes de recursos) e mesmo nas publicações científicas generalistas (doidas para conseguir anunciantes regulares) (DENIS, 1998).

Conformando deste modo o que Lotufo<sup>42</sup> (2003) chama de “complexo médico-industrial-midiático” e que descreve da seguinte maneira:

Se, anteriormente, o complexo médico-industrial se valia de formadores de opinião para divulgar seus produtos, hoje, induz o consumo com reportagens e entrevistas em rádios, jornais e televisões a cabo todos os dias, enfatizando a necessidade de se prevenir contra tudo e de se tratar de tudo. A redação de

---

<sup>42</sup> Lotufo era, no momento da publicação do editorial, Superintendente do Hospital Universitário (HU) e professor associado da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). Editor da revista Diagnóstico & Tratamento.

Diagnóstico & Tratamento recebe dezenas de "sugestões de pauta" das inúmeras empresas de assessoria de imprensa, a maioria delas com informações inadequadas e errôneas sobre equipamentos, medicamentos e conselhos médicos. Alguns colegas enviam press releases que pedem que sejam graciosamente publicados em nossa revista. Também freqüentemente observamos que os portais eletrônicos da área de saúde são utilizados pela imprensa diária para encher as páginas com notas muitas vezes desconexas e sem sentido, algumas com traduções esdrúxulas como cocoa (chocolate) por coco (coconut) (LOTUFO, 2003).

Foucault aborda o tema da ilustração e da relação entre o escritor e o leitor no Seminário “El gobierno de si y de los otros” (2009). Define o público como uma realidade instituída pela própria existência das instituições como ser:

las sociedades eruditas, las academias, las revistas, y o que circula dentro de ese marco. Uno de los intereses del texto y, en todo caso, la razón por la cual he querido hacer incapié en su aparición en ese tipo de revistas y el hecho de que formaba parte de esa clase de publicaciones, es que en el núcleo mismo de su análisis, Kant pone la noción de público al que se dirige al publicación (FOUCAULT, 2009, p. 25).

Piza<sup>43</sup> (1937), dirigindo-se às mães no início do seu livro “O livro das mãezinhas”, lhes diz:

Mãezinha

Este livrinho é destinado a ti.

Ele deverá ser o teu conselheiro, sempre que desejares saber alguma coisa sobre a alimentação do teu filho.

Deverás seguir com toda atenção os conselhos aqui indicados, pois são eles o resultado de observações, feitas pelos mais notáveis

<sup>43</sup> Livro que foi reeditado pelo Departamento de Saúde do Estado de São Paulo: Seção de Propaganda e Educação Sanitária, 1940.

especialistas de crianças do mundo inteiro. [...] Quando adocece uma criança, é freqüente as amigas, as vizinhas e os parentes, recomendarem êste ou aquele mingau, que já deu bons resultados em casos "iguais. [...]

Pensa bem! O futuro de teu filho está em tuas mãos. De ti depende vir êle a ser robusto e sadio, ou fraco e doente.

Escolhe entre os conselhos das amigas que, embora com boa intenção, te ensinam o que não sabem, porque não estudaram, e as recomendações dos especialistas que passam a vida tratando das crianças do hospital para o laboratório, e toma o caminho que a tua inteligência te indicar.

Mas pensa bem antes! Teu filho será amanhã o premio dos teus esforços, ou o castigo de tua desorientação; tudo dependerá do modo pelo qual o criares (p. 9-10).

Este livro, cujo título já é demais sugestivo do lugar infantilizado onde é colocada a mulher – mãe apela ao dever e a responsabilidade de seguir fielmente os conselhos de quem sabe. Como prêmio ou como castigo, a criança é o resultado da obediência da mulher ao médico. Mas para que este circuito de obediência seja suficientemente eficaz é necessário que a criança se torne pela sua vez também obediente e disciplinarizada, e, para isso, a mãe deverá seguir as indicações tal como aparecem mais adiante na obra citada em relação ao banho:

É preciso educá-la, acostamá-la ao banho diário, alimentá-la bem e fartamente, ensinar-lhe os hábitos de higiene, e sobretudo, obrigá-la ao horário.

Aqui muitas vezes esbarra-se em um obstáculo quase intransponível. São os velhos hábitos de desordem, de anarquia, as lendas e abusões, que vêm pela tradição oral há muitos anos, passando de geração a geração, contra o que se tem de lutar com paciência e Constancia, até dominar (PIZA, 1937, p. 27).

Desordem, anarquia, lendas são o inimigo. O rito (do

banho, dos horários, da higiene), as formas às quais o sujeito tem de se assujeitar para garantir saúde. Dominação e paciência para alcançá-la, o objetivo do dispositivo. O que era brincadeira, tal como apresentamos no capítulo anterior, o banho, é aqui objeto de intervenção e instrumento para internalizar a ordem e a obediência.

Embora esteja apresentando estes materiais numa seqüência diacrônica tal como foram aparecendo e sendo publicados, podemos perceber que eles mantêm no geral uma mesma linha discursiva.

Barros<sup>44</sup> (1940), começa seu livro dizendo que é uma obra de divulgação. Nela pretende aproximar os conhecimentos básicos da moderna puericultura com a intenção de favorecer a criança por meio do ensino das noções e cuidados essenciais para seu desenvolvimento. À medida que vão surgindo as falas, cada vez com mais força insiste o apelo à “modernidade” como garantia de que os dizeres, as marcas no papel, revelam uma verdade que não somente questiona os saberes anteriores, senão que também, pretende se instituir numa verdade a futuro. Também a idéia de que o seguimento a risca de conselhos e indicações são suficientes para garantir o tão desejado e almejado crescimento saudável do próprio filho e dessa criança da qual a nação vai necessitar no futuro. Finaliza a apresentação dizendo que:

como pediatra e amante das crianças de meu País, pelo coração e pela profissão, espero concorrer no sentido delas serem tratadas como devem, com os cuidados necessários para que possam crescer fortes de físico e belas de espírito (BARROS, 1940, p. s/n).

Pela sua parte, Lages (1941), pretende com seu livro ser útil às mulheres brasileiras antes e depois do casamento:

Lendo como interessadas ou estudando os vários assuntos em programas escolares; pretendi que os responsáveis pelo nosso destino, ao lê-lo, meditassem com interesse nas minhas afirmativas e nas possibilidades

---

<sup>44</sup> No momento da publicação do livro, atuava como professor de Puericultura de Curso de Auxiliares de Alimentação, da Superintendência do Ensino Profissional do Instituto Profissional Feminino em São Paulo.

aventadas no conteúdo desta obra; mais ainda, e pretendi ser útil aos estudiosos de um modo geral, aos médicos, cidadãos ou do interior que, deste ou daquele modo, têm às vezes necessidade de repassar um assunto tão importante ou se iniciar numa senda tão valiosa qual a que dirige e representa o alicerce da nossa nacionalidade, isto é, o problema da criança (LAGES, W, p. I).

Gesteira (1945) publica a segunda edição do livro “Puericultura (Higiene alimentar e social da criança) no qual pretende diferenciar-se dos livros anteriores de higiene infantil ao introduzir com veemência o problema da puericultura social. Da série de textos que fazem parte do *corpus* documental desta tese, o livro de Gesteira (1945) é o primeiro em dar à política e a formação dos médicos e outros profissionais, um lugar na luta contra os “graves problemas da criança no Brasil” (GESTEIRA, 1945, p. 9). Define o propósito do livro

oferecer aos estudantes de medicina, médicos não especialistas e a pessoas outras desejosas de aprender alguma coisa dos assuntos de que nêle se trata, um repositório onde, com relativo desenvolvimento, encontrem as noções essenciais de higiene alimentar do lactente e os princípios e diretrizes da puericultura social [...] (GESTEIRA, 1945, p. 9).

É em “Higiene da primeira infância” de Alcântara (1945) que podemos reconhecer, sempre dentro dos materiais documentais com os quais contamos, pela primeira vez a aceitação da diferença. Não é um dado menor levando em conta a regularidade discursiva hegemônica e radicalmente normativa dos textos anteriores a 1940. Alcântara quebra a idéia de que as crianças podem ser divididas em normais e não normais; aceitando ao mesmo tempo a possibilidade de que existam outras formas de criação, diferentes das contidas no seu próprio livro: “Entretanto, as normas aqui contidas coincidem em sua maioria com as normas mais freqüentes em nosso meio pediátrico. Mas não me recuso a aplaudir normas diversas de criação, desde que dêem resultados satisfatórios” (ALCANTARA,

1945, p. 1).

Russo (1946) reúne uma série de quarenta e duas palestras proferidas na Rádio São Paulo e na Rádio Difusora São Paulo. Podemos entrever aqui como a mídia vai fazendo parte da propagação das idéias higiênicas com o poder de entrar na intimidade dos lares com uma penetração e amplitude dificilmente imaginadas, mas, seguramente sonhadas pelos precursores das políticas medicalizadoras. Neste livro, que Russo dedica ao seu professor Alcantara, os editores afirmam que *querer cuidar* não é a mesma coisa que *saber cuidar*, e que, este saber, responde a princípios e normas bem estabelecidos pela medicina e pela pedagogia. Aplicados de forma correta ajudam a evitar males e aborrecimentos para, desta forma, vir fazer muito pela infância brasileira e o fortalecimento da raça (RUSSO, 1946).

No ano de 1957 o Departamento Nacional da Criança do Ministério da Saúde publica o “Livro das Mães” com o qual pretende explicar o que deve ser feito e de como cuidar para que as crianças se desenvolvam sadias de corpo e as gestantes tenham uma gravidez normal. Introduz a dimensão da saúde mental e equilíbrio emocional como condição indispensável “para se obter sucesso na vida” (p. 1). Fica estabelecida uma relação entre a bondade, a honestidade e a capacidade de compreender e a saúde mental. Segundo os autores “a normalidade do corpo e a saúde física dão a oportunidade à obtenção da higiene mental e de ajustamento emocional” (p.1). Normalidade, obediência e equilíbrio, mais uma vez no cerne da constituição de uma subjetividade chamada a responder os valores de cada momento histórico em função dos interesses biopolíticos:

É para ajudar os pais a incutirem nos filhos estas qualidades que inserimos neste livro os 6 capítulos iniciais, pois a infância é o melhor período da vida para a formação do caráter, para a aquisição de hábitos, de modos de pensar e agir (BRASIL, 1957, p. 1).

Definem o conhecimento da psicologia infantil como uma das grandes conquistas da ciência moderna. Vimos em Russo (1946), como se estabeleciam as relações entre pedagogia e medicina. Agora o que já era incipiente e restrito à opinião de

alguns autores nos meios acadêmicos torna-se política de Estado. A psicologia é incorporada ao saber higiênico.

Hoje, entretanto, sabemos que a criança é muito diferente do adulto, tanto física quanto mentalmente. Que as idéias que ela tem da vida e do mundo, que seu modo de raciocinar, que seus interesses e prazeres variam com as diversas idades.

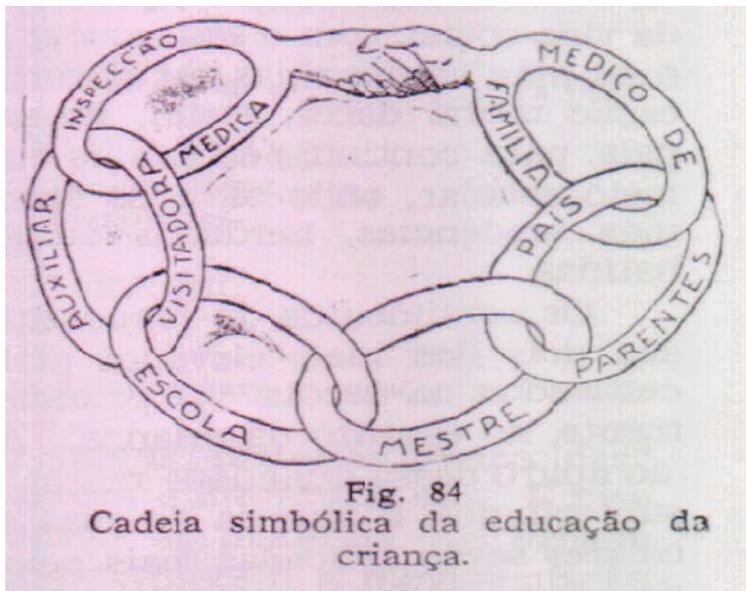
Portanto, para lidar com as crianças, para criá-las e educá-las, precisamos primeiro compreendê-las, conhecer um pouco de sua psicologia (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 1957, p. 5).

A parceria medicina – psicologia – pedagogia que foi aparecendo e vimos ir se construindo nesta seqüência histórica é representada por Oliveira<sup>45</sup> (1967) num livro que foi escrito para as cadeiras de Higiene e Educação Sanitária e a de Higiene e Puericultura dos cursos de Pedagogia nos Institutos de Educação do Brasil. Este livro inspirou-se “especialmente, no magnífico livro ‘Puericultura’, de Martagão Gesteira, meu velho e saudoso professor da Faculdade de Medicina da Bahia” (p.17). Às continuidades discursivas que vão insistentemente reaparecendo em cada um dos textos, se somam fraturas e descontinuidades. O que chama a atenção são os temas ou tópicos, sobre os quais é necessário intervir, eles são praticamente os mesmos ao longo dos anos. Mudam as interpretações em relação aos efeitos sobre o desenvolvimento das crianças e, com isso, a aceitação, rejeição ou recomendações sobre esses pontos.

Mas vejamos

---

<sup>45</sup> Waldemar de Oliveira: Catedrático de Higiene da Faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco. Docente assistente de higiene da Faculdade de Medicina da Universidade do Recife. Catedrático de Higiene da Escola Normal Pinto Junior. Catedrático de Higiene e Pedometria da extinta escola de Aperfeiçoamento Pedagógica de Pernambuco. Catedrático de Botânica da Faculdade de Filosofia de Recife (Oliveira, 1967)



Fonte: OLIVEIRA, 1967, p. 222.

Com esta figura Oliveira (1967) pretende explicar a importância e os responsáveis do que ele chama de educação moral das crianças. Esta educação moral supõe um escolar disciplinado e obediente, já que: “será, de futuro, homem respeitador das leis e dos deveres” (p.222); a difusão da moderação, valorizando a discricção, a sobriedade e a modéstia; o cultivo dos sentimentos patrióticos e a educação religiosa.

Isto é possível na medida em que o médico da família juntamente com pais e parentes, mestres, escola, inspeção médica e visitadora se estreitem nesse grande abraço, nessa “cadeia” na qual é possível imaginar onde é o lugar da criança, onde ela fica. Possivelmente cuidada e protegida por todos eles mais presa e assujeitada nessa cadeia médico-educacional.

Ao respeito Oliveira afirma que: “a organização dos “círculos de pais e mestres” muito pode fazer pela construção do patrimônio moral dos escolares. A unidade de vistas entre pais e professores, assim como médicos, só poderá resultar benéfica para a criança” (OLIVEIRA, 1967, p. 222).

### 7.3 PRIMEIRO MOVIMENTO

Conforme foram perfilando-se as características do que designamos de brincar a partir das diversas e polissêmicas vozes que vão se somando no decorrer de estas páginas, estamos em condições, mesmo que precárias, para nos adentrarmos na caracterização dos brincares por parte dos autores dos documentos disponíveis para este estudo genealógico.

Uma das primeiras atividades lúdicas esta relacionada com o conhecimento, reconhecimento e constituição do corpo. Dentre elas o toque, o lambuzar-se, o movimentar-se resultam imprescindíveis para o desenvolvimento psicomotor e emocional da criança. A manipulação dos órgãos genitais são parte desta construção. Ora, acirradamente rejeitada, a masturbação ocupou um lugar de destaque nos textos e conselhos para os pais.

A preocupação que D'Almedia e Lemos (1868) trazem por considerarem perigosa para as novas gerações está associada à sexualidade e em particular ao prazer. A masturbação é considerada a causa de muitas das doenças e distúrbios psicológicos ou psiquiátricos e, por isso, se fez necessário construir medidas higiênicas para combater essa prática. A disciplinarização dos "hábitos" tal como vão aparecendo nos textos é o prelúdio do que aos poucos também será feito com formas mais explicitas de brincar.

Na epocha da segunda dentição e principalmente nas proximidades da puberdade, certos maos habitos, que contrahem muitas vezes os meninos, devem despertar a attenção e vigilancia paterna. Quase sempre a causa destes mãos habitos é puramente physica e espontanea; ligeras inflammações, quase sempre dhartrosas, podem desenvolver-se sobre as partes genitae de um e outro sexo, e determinar um prurido que convida o toque machinal e involuntario dos meninos, e desenvolve depois sensações que degenerão em habito; outras vezes isto resulta de propensão espontanea, ou transmittida, que é muito perigosa, porque altera o moral, compromete a vida dos meninos fracos e accelera a morte dos que se achão accomettidos de affecções tuberculosas. Nada

deve ser desprezado pelos pais para obviar às consequências terríveis do onanismo, todos os meios médicos, cirúrgicos e mecânicos, devem ser postos em uso, bem como os conselhos Moraes e religiosos (D'ALMEDIA e LEMOS, 1868, p. VIII-IX)

Que o saber hegemônico na época ainda não tinha aceitado ou construído a idéia de que explorar o corpo, que extrair sensações prazerosas formasse parte do desenvolvimento normal das crianças e que disso, os sujeitos possam fazer um brincar, não significa que estejamos impedidos de ressaltar a idéia de que para o controle sobre o prazer não se devem poupar medidas ou dispositivos que os pais possam ter ao seu alcance<sup>46</sup>.

<sup>46</sup> Em 1920 o onanismo é definido pela Enciclopedia Universal Ilustrada Europeo-Americana, baseada nos textos de Krafft-Ebing: *Psychopathis sexualis* (Stuttgart, 1901), e de Kraepelin, Lehrouch d. *Psychiatrie* (Berlín, 1909) como:

*“Nombre aplicado a todas las formas anómalas de producción del orgasmo venéreo o sea aparte de las relaciones sexuales fisiológicas. Se he dividido el onanismo en conyugal y solitario, siendo sólo el primero el que etimológicamente tiene, una denominación correcta. El onanismo conyugal, en realidad, no corresponde a una forma aberrante de satisfacción sexual. Se trata solamente de una interrupción del acto genésico, no de una perversión del mismo. Sin embargo, los motivos que inducen al fraude conyugal pueden ocasionar accesoriamente aberraciones de otro orden, Entonces se trata ya de verdaderas desviaciones que entran en el cuadro de la patología sexual. El onanismo solitario es una forma siempre anómala, aunque en realidad no merezca en todas los casos aquel nombre. Hay casos, en efecto, en que la práctica del onanismo es mutua entre dos personas. El verdadero onanismo solitario aparece con la segunda infancia ó en la adolescencia. Sus primeras señales se han referido a veces en la primera infancia, pero entonces existen ya estigmas de degeneración mental. La práctica más frecuente del onanismo es la masturbación, que pueda revestir diversas modalidades. Generalmente el onanismo deja de serlo cuando llega la época de relaciones sexuales fisiológicas. Sin embargo, en ciertos casos el onanismo continúa aun después de aquéllas. No faltan nunca entonces síntomas de nerviosismo, de degeneración mental o de verdaderas psicosis o psiconeurosis. Cuando el onanismo aparece en la vejez es indicio de graves enfermedades cerebrales o mentales (reblandecimiento, demencia senil). Las causas del onanismo son muy variadas, dependiendo en el conyugal del deseo de substraerse a las consecuencias de las relaciones sexuales, y en el solitario de la falta de los medios adecuados de satisfacción del deseo genésico. En la infancia se loan culpado come origen del onanismo, ciertas prácticas viciosas de nodrizas y niñeras para acallar el llanto de los niños. En la segunda infancia el ejemplo de otros niños de la misma edad o de mayores pervertidos puede obrar en igual sentido. En la adolescencia sostienen el onanismo las lecturas inmorales, los espectáculos lúbricos, las conversaciones y tratos obscenos, y cuanto pueda despertar la sugestión sexual. Algunas causas de orden mecánico y local se han señalado*

## Outros autores retomam o tema da masturbação por meio do Ministério da Saúde (1957)

Algumas crianças adquirem muito cedo o mau hábito de pegar e esfregar freqüentemente os órgãos genitais. Porque o bebê se interessa por todas as partes de seu corpo e gosta de mexer com elas. Êste hábito precisa ser evitado e combatido com habilidade. Os atritos freqüentes dos órgãos genitais, causados por roupas apertadas ou pelo costume de montar em cavalo de pau, às vezes são responsáveis por este hábito. [...]

A melhor maneira de combater este vício resume-se em evitar as causas acima apontadas e em manter sempre algum brinquedo nas mãos da criança, inclusive fazê-la dormir segurando alguma coisa, uma boneca, um carrinho (p. 44-45).

A escolha pelo livro do Ministério da Saúde resulta da suposta incorporação de saberes ligados à psicologia, tal como

---

*también en el onanismo. Tal ocurre con el eczema, el intertrigo y los oxiuros del ano y genitales externos. Las causas citadas obran lo propio en la mujer que en el varón y conducen a iguales resultados. Estos son los síntomas diversos de la llamada neurastenia sexual por su origen y manifestaciones. Hay amiotenia general, insomnio, cefalea, pérdida de atención y memoria, hipocondría y tendencias melancólicas y suicidas. En la adolescencia el onanismo obra como causa predisponente de neurosis cardiaca y de tuberculosis. Como síntomas genitales deben mencionaran la espermatorea diurna o nocturna y la frigidez venérea, que se acompañan a veces de síntomas urinarios (prostatorea, incontinencia de orina). El diagnóstico del onanismo se basará en las circunstancias individuales y sociales del sujeto unida al cuadro clínico de la neurastenia sexual. En el varón, generalmente, no faltarán las confesiones, lo cual no debe esperarse en la mujer, donde todo debe fiarse a los síntomas, ya subjetivos generales, ya objetivos. El pronóstico es variable según cada caso, revistiendo verdadera gravedad cuando sólo constituye un epifenómeno en el curso de psicosis o neuropsicosis (histerismo, demencia precoz, epilepsia, neurosis de angustia). El tratamiento deberá ser profiláctico y curativo. El primero evitará las causas que pueda crear la sugestión sexual con medios adecuados pedagógicos y médico (ejercicio, masaje, vida al aire libre). Cuando el onanismo está ya declarado, se impedirá su repetición vigilando al enfermo y si es conveniente aislándole y aun reclusándole.*

*Contra la neurastenia sexual que subsigue a la neurastenia, surtirán efectos la hidroterapia templada y fría, la electroterapia, la cura de altitud, la sobrealimentación y la estancia en cama. Como medicación puede ensayarse, ya la sedante como los bromuros y el alcanfor, ya la tónica como la valeriana y el hierro”.*

foi levantada esta questão em um capítulo anterior e em alguns parágrafos acima. Da leitura do conjunto desta obra surge claramente que não se trata de conhecimentos da psicologia infantil, leves ou distorcidos, que estão sustentados descrições e características do comportamento das crianças. O que sim são leves e distorcidas, são as interpretações que se fazem em relação a essas características e as indicações e conselhos decorrentes dessa interpretação.

Na época da publicação desse livro (1957) o conhecimento sobre a sexualidade infantil fazia parte do acervo do conjunto de saberes vinculados a infância. O próprio parágrafo escolhido faz referência a que as crianças se interessam e gostam de mexer com seus genitais. O que resulta chamativo neste caso, assim como temos levantado esta questão quando foi analisado o manual da Sociedade Brasileira de Pediatria (2009), é que errados ou não, quase cem anos antes, d'Almeida e Lemos (1868) pelo menos arriscavam uma explicação e tentavam sustentar suas afirmações. Aqui não se colocam, por exemplo, as consequências desse "vício". Trata-se de ignorar a dimensão do prazer, das sensações de prazer, o prazer do descobrimento e o prazer de brincar com o próprio corpo. A resposta é a de combate e eliminação e a renegação da sexualidade como sendo parte da realidade pulsional também da criança. Pelos menos curiosa é omissão de que a vontade de mexer nos genitais surge da sensação de prazer e não dos efeitos da roupa ou de certas brincadeiras e que simplesmente se resolve ocupando as mãos. O problema colocado nesses termos sugere que a masturbação esta relacionada com o fato da criança (no caso) não saber o que fazer com as suas mãos. Podemos imaginar que um documento "oficial" quando trata de um assunto como a sexualidade evite entrar em conflito com outros poderes e setores sociais sensíveis a esta temática.

Continuando com a relação corpo – brincar, esta vez relacionando o contato adulto – criança, para poder compreender como o estabelecimento do vínculo foi disciplinarizado e higienizado, passo a analisar algumas das orientações construídas pelo dispositivo psico-médico-pedagógico.

Uma preocupação dos autores dos diferentes manuais e livros é a do excesso de excitação a que eram submetidas as crianças por parte dos adultos. Causa das neuropatias, o brincar corpo a corpo, é considerado fonte de excitabilidade prejudicial

para o sensível sistema nervoso ou fragilidade psíquica da criança, sem esquecer as razões de ordem estritamente higiênica para evitar o intercâmbio e passagem de microorganismos do adulto para a criança. Todas as razões, embora contraditórias, levam a restringir esse vínculo. Embora o discurso tenha mudado, tal como foi trabalhado no capítulo em que apresentamos nosso problema atual, a construção de regimes de verdade e a necessidade de intervir na intimidade dessa relação se mantêm como estratégia de governo.

Muitos paes erram sem o saber. Brincar com as crianças de tenra idade, estimulal-as ao riso, excital-as por gritos, pode ser uma fonte de divertimento para os Paes e para os espectadores, mas é invariavelmente uma injuria para a criança. Tal prática deve ser absolutamente proibida durante o primeiro anno, em que a criança requer uma vida tranqüila, sem excitações e abalos (GONZAGA, 1935, p. 33).

Figueira (1919) afirmava: “viva relativamente isolada a criancinha. Não a beijem, não lhe toquem os collegiaes ou crianças outras” (p. 215), para indicar os caminhos para estimular a higiene das crianças nervosas. Para isso sugere que:

Quando se iniciam os sorrisos de compreensão, a cada momento os solicitam os Paes agitados. Chega um dia festivo, e anda o lactente a rolar de braço em braço em meio a orgia de luzes e sons. Vêm, em seguida as irregularidades do regime alimentar, as insomnias provocadas, os contágios perigosos. E assim, ao envez, de se evitarem, são apressadas em sua evolução os destinos fataes do heredo-phychopaticos (FIGUEIRA, 1919, p. 285).

Almeida Jr. e Mursa (1927) ofereciam aos pais:

O conselho talvez mais precioso é o de evitar o esforço a que muitos paes submettem a intelligencia dos filinhos desde que nasce. O costume, por exemplo, de cansar a atenção das crianças, com excitantes ruidosos como

chocalhos, ou com objectos de cores vivas e variadas, que as excitam; ou de provocá-las constantemente com caretas, cocegas e outras excitações, ou de adormecel-as mediante narração de historias; - tudo representa antecipada e prejudicial fadiga para um espírito ainda fragil (p. 141).

Sobre os brinquedos a opinião é que “são uma freqüente ocasião de excitação nervosa, de fadiga mental da criança, especialmente si com objectos complicados, de cores multiplas e vivas, ou guiados por um adulto” (p. 142); e que o melhor brinquedo para uma criança é outra criança da mesma idade.

Aparece com insistência o problema da excitabilidade, da excitação. Estes termos estão associados à idéia de avivar, ativar a ação, despertar mas também irritar ou enraivecer. Seja uns ou outros os sentidos o que fica em questão é o modelo da criança tranqüila, dócil e mansa. Temos, portanto, brinquedos ou brincadeiras que estimulam a excitabilidade da criança, que a tornam viva, ativa. Características estas que se opõem e oferecem resistência aos dispositivos de governo. Vão aparecendo aos poucos, e não nos interessa em quais sentidos, nem o tipo de brincadeira sugerido para bem ou para mal, como segundo os particulares interesses de cada época, ou momento histórico, não estão ausentes as referências ao brincar como forma de governo das crianças.

Alcantara (1945) descreve o ambiente produtor de neuropatia como aquele onde reina a indisciplina em primeiro lugar e depois,

Pela atitude mental dos adultos que, egoisticamente, consideram as crianças como divertimento para eles mesmos. É realmente adorável assistir aos risos e às momicas da criança; para isso lidam com ela como se fosse brinquedo: fazem-lhe cócegas, embalam-na no colo pelo prazer de carregá-la, acostumando-a a um regimen insustentável, (pois ela vai com o crescimento se tornando cada vez mais pesada e mais viciada) ou só sustentável à custa dos mais penosos sacrifícios (ALCANTARA, 1945, p. 285).

O temor pela excitação e a procura de todas as formas de evitá-la levou-o a propor oito regras capazes de prevenir a neuropatia. A solução proposta é ser fiel a seguinte equação: “quanto mais nervosa a criança, menos se deve lidar com ela; quanto mais apática e sossegada, tanto mais se deve lidar com ela” (p. 296), mas como segundo o autor este último tipo de criança só se encontra nos asilos, como conseqüência da falta de estímulos, nos lares, afirma Alcantara, o que se comprova sempre são os excessos.

Como saber se nossas intervenções são excessivas? É preciso antes de mais nada saber quais as indispensáveis. Em primeiro lugar e em resumo, devemos intervir sempre que se tratar da saúde corporal da criança: alimentação, vestuário, banho, limpeza, sono, etc.; [...] em segundo lugar, intervir para distraí-la, desde que não fique sossegada sozinha; neste caso, intervir com atitudes que não a excitam demasiadamente, usando de preferência brinquedos com que ela possa distrair-se sozinha (chocalho, bonecos, etc. para a criança que ainda não se locomove, carrinhos, bolas, etc., para a que já anda). Aqui ocorre uma das ocasiões mais freqüentes de erros educativos: brincar com a criança, em vez de fornecer-lhe elementos para que brinque sozinha; outro erro freqüente é divertir-se a gente com a cena da criança que brinca e, para nosso próprio regalo, fornecer-lhe novos brinquedos e novas sugestões para brincar, a fim de variar o próprio espetáculo a que estamos assistindo (p. 297).

Divertir-se com a criança é denominado por Alcantara de “criminoso propósito” (1945, p. 300), tanto como contar histórias de assombrações, cucas, ladrões, fazer brinquedos excitantes como cócegas, tirá-las para cima, faze-la rodar. Agora se acrescenta ao problema da excitação – prazer o da imaginação.

Russo (1945) dedica seu livro, “Cuide de seu filho. Palestras aos Pais, com relação aos cuidados necessários às crianças até os seis anos de idade”, ao seu professor Pedro de Alcantara. Nele dá continuidade às idéias do seu mestre: um brincar que tem uma função perturbadora no desenvolvimento e

causa da aparição de futuras doenças.

É incrível como se desdobram os pais, os avôs, as tias solteiras, as amigas, as pajens, as visitas, enfim os adultos todos que entram em contato com a criança, inventando brincadeiras e demonstrações de carinhos vários, todos ótimos para perturbar o desenvolvimento do sistema nervoso e tornar a criança um neuropata. Os adultos inventam todos os tipos de excitação e estimulação necessários e indispensáveis para tornar uma criança nervosa (RUSSO, 1946, p. 193).

Mais adiante faz algumas considerações a partir do trabalho da psicanalista Alice Balint afirmando que:

A criança forma e tem um mundo diferente do mundo do adulto, e este, mesmo sem querer, sabe que é diferente. Nós dizemos, ironicamente, de alguém que falhou diante de uma empresa por falta de experiência necessária, que agiu como uma criança ou que praticou uma infantilidade. Para a criança os objetos tem vida e ela os chama por nomes próprios. [...] mas o adulto não respeita o mundo da criança, penetra nele estouvadamente, cerceando-lhe as ilusões e exigindo dela as mesmas ações que as dele (RUSSO, 1946, 203).

Aparece aqui uma ruptura na linha discursiva que abre o espaço para a ilusão e imaginação como característica do mundo infantil e defendendo a necessidade de não intervenção sobre ela. Ao mesmo tempo da continuidade ao pensamento de Alcantara sem questioná-lo. A influência da psicanálise começa a quebrar alguns regimes de verdade para dar lugar a outros. A ilusão – imaginação no pós-guerra começa a formar parte de novas, mas nem por isso mais verdadeiras ou saudáveis formas de criação, de novos conteúdos para os mesmos dispositivos. Cada época cria seus monstros e inimigos. O novo e o diferente são vistos com desconfiança e nova fonte de agravos e/ou periculosidade à saúde infantil. Neste caso quem vem ocupar esse lugar segundo Russo é o cinema (logo serão a televisão, os

brinquedos a pilha, os vídeo-game, *internet*, etc.).

Sempre, claro, apoiado (como sempre foi em investigações e pesquisas científicas) conclui que o cinema é fonte de modelos que as crianças acabam imitando e influenciando sua conduta:

O espírito e a vontade, que levam as crianças a imitar os atos dos adultos, são perfeitamente notáveis quando se observa o modo de agir de crianças assíduas freqüentadoras do cinema. Assim, quanto à criminalidade infantil, são descritos casos de assaltos a Mao armada por menores, que confessaram depois que procuravam reproduzir as cenas assistidas no cinema (RUSSO, 1946, p. 245).

Controlando os objetos ou as situações plausíveis de serem potencialmente prejudiciais para o desenvolvimento da criança:

Os pais, verdadeiramente interessados no desenvolvimento de uma personalidade viril e de caráter nos seus filhos, não podem esquecer que o cinema, tal como vem sendo feito nos nossos dias, pode dar origens a perturbações e desvios no desenvolvimento emocional, mental e moral das crianças, que serão causas de fobias e de imperfeita adaptação ao ambiente, da idade adulta (RUSSO, 1946, p. 247).

Vimos como o corpo foi sendo um dos alvos sobre os quais se exerceram os mais dissímiles intentos de controle e de restrição de sensações prazerosas e/ou excitantes, para dessa forma, operar preventivamente sobre a higiene mental.

A higiene mental deverá começar aos primeiros anos de vida, quando cabe corrigir, desde logo, na criança, a manha, certas formas de falta de apetite, o nervosismo, em geral, muitos casos de sono leve, a birra, a desobediência, o medo, etc (OLIVEIRA, 1967, p. 225).

Vemos que algumas das descrições que Oliveira faz das características a serem corrigidas se assemelham a uma das “epidemias” atuais: o “Transtorno Opositor Desafiador” (TOD).

Onde o TDAH<sup>47</sup> era o TOD deve advir, poderíamos dizer utilizando uma formula freudiana.

As relações entre o TOD, o TDAH e a higiene mental contemporânea abrem interessantes campos e perguntas para pesquisas ulteriores. Tanto no que se refere à medicalização de boa parte do comportamento da criança, da relação com os adultos (em particular no âmbito da educação) e os “jalecos químicos” destinados a (e aqui resgato os dizeres sobre o problema da excitabilidade da criança) equilibrar as características próprias de ser criança, com os umbrais de tolerância e paciência do mundo adulto na contemporaneidade.

## 7.4 SEGUNDO MOVIMENTO

Depois de ver como o higienismo estabeleceu relações entre o brincar com o corpo, a excitação, o prazer e as neuropatias, e dessa forma estabelecer regimes e dietéticas em relação ao contato físico, vamos dar lugar a estudar as formas em que foram tratadas outras formas de brincar como ser o banho e os passeios: os banhos e passeios como forma de governo e de produção de subjetividades.

Um lugar importante na literatura específica que estamos analisando ocupam os “banhos de sol”. Isto se deve a que, independentemente do conhecimento dito “científico” um fato era que o contato da criança recém nascida com os raios solares, diminuía os efeitos da icterícia presente nos primeiros dias após o nascimento. Tal icterícia é descrita num livro chamado “Curso de puericultura neo-natal” (1960) cujos editores, Costa Marques, Araujo e Martins Ribeiro, agradecem aos que contribuíram para a confecção do livro de referência: “as Industrias Nestlé, Companhia de Lactínicos Mococa, Leitesol, Laboratório Sintético, Wander do Brasil, Johnson & Johnson, Laboratório Xavier, Ciba S/A” (COSTA MARQUES; ARAUJO; MARTINS RIBEIRO, 1960, p. 9).

A relação “complexo industrial – universidades – produção de saberes e transmissão desses saberes”, útil para a construção de demanda por produtos, se faz mais do que

---

<sup>47</sup> Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade.

explícita no interesse dessas empresas e corporações em “contribuir” com esse tipo de publicações. O que resulta chamativo aqui é que é o único dentre os textos que compõem a bagagem documental desta tese que omite o “banho de sol” como prática costumeira na higiene infantil.

O banho e o passeio podem resultar, conforme os sentidos e significações que lhes sejam atribuídos, simplesmente hábitos de asseio e recreação ou momentos de encontro e trocas íntimas entre adultos significativos e a criança. Pensado o corpo como superfície de inscrição de sensações e experiências, seja desde o ponto de vista psicanalítico como condição para a constituição do Eu (FREUD, 1920, RODULFO, 1980, WINNICOTT, 1982) ou de Foucault (1986) (como lugar de exercício do poder disciplinar e do biopoder) tal como é descrito pelo próprio Foucault no seguinte texto:

O corpo se tornou aquilo que está em jogo numa luta entre os filhos e os pais, entre a criança e as instâncias de controle. A revolta do corpo sexual é o contra-efeito desta ofensiva. Como é que o poder responde? Através de uma exploração econômica (e talvez ideológica) da erotização, desde os produtos para bronzear até os filmes pornográficos... Como resposta à revolta do corpo, encontramos um novo investimento que não tem mais a forma de controle-repressão, mas de controle-estimulação: ‘Fique nu... mas seja magro, bonito, bronzeado!’ A cada movimento de um dos adversários corresponde o movimento do outro. É preciso aceitar o indefinido da luta (FOUCAULT, 1996, p. 147).

Vejamos como parte desta luta se desenvolvia na caneta dos médicos e pediatras encarregados de estabelecer as regras e os movimentos para os pais exercerem as funções de governo aos quais são chamados a cumprir.

Nos primeiros dias, e mesmo nos primeiros meses, preferimos as loções diárias aos banhos, porque estes, pela grande força de absorção de que são dotados os meninos nesta época, podem expo-los a contrair o temperamento lymphatico.

As loções nesta época devem ser feitos com

agua morna, depois do sexto mez, como veremos quando tratarmos dos banhos na infância, devemos preferir os frios que, independentemente de sua ação tonica, tem ainda a vantagem de habituar o menino ao ar frio, e prevenir assim os accidentes que rezultão muitas vezes, de uma rápida mudança de temperatura.

Estas loções diárias não devem ser geraes ou simultâneas sobre as diversas partes do corpo, nem de longa duração (D'ALMEDIA E LEMOS, 1868, p.4-5)

Mais adiante recomendam que o banho se restrinja a uma vez por semana, sendo que, podem ser prolongados gradativamente em até 5, 10 ou 15 minutos e “tomados ao anoitecer. Quando quotidianos, os banhos devem ser pouco demorados, para não acostumar os meninos a ação deste meio, que pode ser algumas vezes de grande recurso no tratamento de suas moléstias” (D'ALMEDIA E LEMOS, 1868, p. 34).

Limitada a experiência de contato adulto – criança, e a possibilidade de vivenciar a sensação de flutuar e perceber e sentir (mais uma vez o prazer dosado) fica para o banho, além da função de asseio, a de instrumento de tratamento e técnica para excitar ou acalmar a criança.

Fernandes Figueira recomenda de uns cômodos aparelhos que “de um lado levantam pelas axillas as crianças e de outro se prendem à borda livre da banheira. Tambem uma faixa de atadura passada sob as axillas e mantida na mão esquerda do operador, consente à direita lavar a criança” (1919, pag. 164). Coincide com D'Almeida e Lemos (1868) no que respeita ao banho frio quando a criança completar os doze meses de vida. A preocupação com os efeitos sobre o sistema nervoso das crianças ocupa o centro das atenções:

E o banho de mar? Salvo indicação medica especial, não o permitiremos antes de um anno. Em crianças nervosas, embora nessa idade, cumpre começar pela agua de mar morna, em casa, durante quinze dias, e somente depois aconselhar a entrada nas ondas. [...]

As nevro e psychopathas não supportam muito bem o ar marítimo, quanto mais os banhos de agua salgada. Cumpre estudar os prós e os

contras em cada enfermo. Corrijamos esse como o açodamento de enfiar crianças debaixo de um chuveiro collocado em bôa altura par aos adultos, e que portanto cahe muito forte sobre os pequenos. É já de si excitante a agua fria assim projectada e principalmente um nosso clima... O banho de immersão rapida produz efeitos outros e não perjudica (FERNANDES FIGUEIRA, 1919, p. 165).

Em relação aos passeios este autor receia do contato que as crianças possam ter com outras e conseqüentemente o perigo de contágio se torna um risco a ser evitado. Por isso se pergunta por que as mulheres brasileiras esqueceram que “não podiam obter quase os mesmo benefícios esses meninos se regularmente estivessem nos seus terraços e nos seus jardins em horas certas, mais isolados?” (1919, p. 167). Aparece aqui, e isto em referência ao valor do “banho de sol”, a necessidade da criança viver momentos ao ar livre. Mas esses momentos não têm o caráter lúdico e de passeio descontraído, já que o sol é considerado uma “ação higienizadora” (ALMEIDA; MURSA, 1927, p. 42).

Já em 1940 o banho passa ser um hábito diário (Gesteira, 1940). O cuidado com a higiene e desinfecção descrita pelo autor hoje seria merecedora de um diagnóstico de “Transtorno obsessivo compulsivo”. O ritual do banho, e aqui apelamos aos termos com os quais construímos oportunamente o par oposicional rito/mito, proposto por Gesteira (1940) se iniciava fervendo a água, acendendo álcool para esterilizar a banheira, desinfetar as mãos e braço até o cotovelo antes de mergulhar-lo na banheira para conferir temperatura da água, fora do preparo de todos os elementos necessários para o banho propriamente dito: cuba com água fervida quente, algodão esterilizado, toalha felpuda previamente aquecida (de preferência previamente cuidadosamente passada a ferro) talco e “a roupinha da criança, que se terá também o cuidado de aquecer previamente” (GESTEIRA, 1940, p. 38). Quanto à duração do banho, Gesteira considera que no máximo deve durar entre três a quatro minutos. Esse o tempo de encontro e de vínculo.

Retomando os discursos sobre os passeios e a vida ao ar

livre, Fortes<sup>48</sup> (1940) recomenda enfaticamente as saídas para:

à criança aproveitar a ação benéfica dos raios solares; êstes, pela abundancia de raios ultravioletas, facilitam o crescimento e desenvolvimento normais da criança, aumentam o metabolismo do cálcio, proporcionando maior fixação dele no organismo, prevenindo assim que se apresente o raquitismo – doença provocada por falta de sol ou vida em ambientes escuros e húmidos. A principal ação dos raios solares consiste em conferir ao organismo infantil maior resistência contra as infecções.

O efeito benéfico do sol foi sempre louvado por todos os povos da antiguidade. Na Roma antiga não faltava nas habitações um lugar reservado par aos banhos de sol – o solário. Praticava-se a helioterapia afim de combater grande número de moléstias. O fanatismo religioso da Idade Media, no afã de tratar da alma e castigar o corpo, contribuiu par ao abandono durante séculos, da prática dum dos grandes métodos de conservação da saúde. No fim do século pasado a helioterapia recuperou seu lugar de destaque, tendo a propaganda médica despertado a atenção do povo para as propriedades curativas dos raios solares, que se tornaram, em nossos dias, processo terapêutico dos mais difundidos (FORTES, 1940, p. 148-149).

A relação corpo – regimes de verdade, seja na forma de práticas discursivas religiosas, científicas ou de outro tipo, servem e se constroem em função das necessidades biopolíticas, tal como aparece retratado no dizer de Fortes, acima citado. Mas não se trata de fanatismos. Trata-se de dispositivos de controle, disciplinarização e sujeição de subjetividades que tem o corpo como instrumento e alvo de intervenção.

Já em 1935, Gonzaga, dedicava um capítulo do seu livro para estimular as mães à exposição ao sol de seus filhos:

---

<sup>48</sup> Hugo Fortes, pediatra da Caixa de Aposentadoria da Ligth & Power. Assistente voluntário da Clínica Pediátrica Médica da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil.

Banhos de sol:

Não possuímos ainda um aparelho capaz de registrar a energia luminosa absorvida pelo organismo no decurso de uma cura de sol, mas a observação clínica demonstra fartamente que, sob o influxo da luz solar, surgem reações salutares até então adormecidas: volta do apetite, tonificação do organismo, animação alegria. (GONZAGA, 1935, p. 562)

É preciso convencer as mães das vantagens da vida ao ar livre para as crianças, desde a idade tenra, pratica que ainda traz os benefícios de acostumar o organismo às variações de temperatura. É necessário, outrossim, deixar o sol penetrar amplamente nas habitações, criar recreios insolados, escolas ao ar livre e enviar as crianças da cidade para o campo, montanha ou a beira mar. (GONZAGA, 1935, p. 563)

A dimensão do prazer, recreação, divertimento e possibilidades de aproveitamento desses momentos para o estabelecimento de vínculos está ausente ou omitida em função da extrema preocupação com os efeitos sobre o corpo. Mas esses efeitos em definitivo estão relacionados com o tipo de corpo que pretende ser modelado. As fórmulas: tome banho / não tome banho; banho frio / banho quente; tome sol / não tome sol, só para colocar estas ações como exemplo das mitologias criadas, dizem da forma de preparar o corpo para uma se adaptar para o melhor condicionamento em função do que será exigido futuramente em termos de capacidade produtiva e de condicionamento para os diferentes tipos de organizações nos quais deverá atuar.

A riqueza dos documentos que fazem parte desta pesquisa, a materialidade que em termos conceituais oferecem para a análise, nos convidam para continuar passeando pelas janelas que cada parágrafo abre. Inúmeras perguntas para cada das janelas que possibilitariam percorrer outros caminhos investigativos. Resulta difícil não se reconhecer em algum desses mitos, seja na função de criado ou de criador, de ser cuidado ou de cuidar. Fazem parte da história de cada um de nós, somos essa história, também aquilo que conseguimos fazer

com ela. Governo e governamentalização.

## 7.5 TERCEIRO MOVIMENTO

Conforme venho sustentando ao longo desta tese o brincar que nos interessa é aquele que está relacionado com o caráter instituinte do sujeito. Aquele a partir do qual um sujeito consegue construir os próprios dispositivos resistênciais perante o instituído. Toda a dinâmica da governamentalização do brincar faz parte do jogo de forças entre os regimes de verdade aos quais um sujeito se pretende que se assujeite e as práticas de cuidado de si que operam em sentido contrário. Surge a trama agonística onde se desenvolve e se representa esta luta.

Oliveira (1967) dedica uma série de capítulos a higiene escolar. Em particular reivindica a disposição das carteiras (embora a justificativa seja a distribuição da luz) de forma tal que reproduz fielmente o modelo do Panóptico de Bentham. O divertimento fará

Parte integrante do regime escolar. Os recreios se entremearão às aulas, durante dez minutos, sem falar do recreio maior, nas escolas primárias, para a merenda.

Os jogos durante os recreios serão permitidos desde que estejam de acôrdo com a estação, proibindo-se aquêles que tragam movimentação com produção excessiva de fadiga. Diversões outras serão organizadas para festas e solenidades escolares: recitativos, cantos, comédias, que estimulam os pendores intelectuais e habituam a criança à presença de estranhos. Bem conduzidas, tais diversões redundam em incentivo ao estudo.

A privação dos recreios é prática condenável. Deve ser abolida de vez de nossos educandários, porque recreio não é luxo, nem favor de professores. (OLIVEIRA, 1967, p. 213)

O recreio e a diversão a serviço da produção. Recreio não é luxo, é tempo de descanso necessário para aprimorar a máquina produtiva.

Um dos pontos mais “sublimes” e que, de certa forma, se perfila como o representante do modelo de controle, medicalização e de governo das crianças, encontramos no livro de Lages (1957) “Como proteger seu filho. Problemas de maior frequência na assistência a criança”.

Lages recomenda no caso do choro de inflamação de ouvido administrar aspirina ou pyramidon e “sedar o sistema nervoso central com  $\frac{1}{4}$  a 1 comprimido de Luminaleta.” Como podemos apreciar, a prática tão estendida atualmente de indicar, por exemplo Ritalina, para tranqüilizar as crianças é uma prática que emergiu a partir do desenvolvimento de medicamentos que necessitam de consumidores para escoar a produção e compensar os investimentos realizados. Situação que leva a anestesiá-la a experiência de sentir-se vivo.

Lages resume em quatro atitudes como sendo as necessárias para orientar a educação das crianças: paciência, disciplina, hábito e exemplo:

A palmada às vezes (raramente alias) chega ser um meio terapêutico. Em certas crianças cuja implantação de hábitos errôneos vem a gerar síndromes neuróticas agudas [...], a palmada bem dada, quebra o arco diastáltico e oferece curas espetaculares. [...]

É então que, elaborado um programa, entramos com a disciplina, na realidade a taboia mestra da educação infantil.

Disciplina na alimentação, no sono, no banho, na atitude em relação ao choro sem motivo do bebê, no passeio ao ar livre, nos brinquedos, na satisfação das necessidades, enfim, em tudo que diga respeito à vida da criança, sem traçar regra geral, mas procurando individualizar os casos, estudando as tendências e aproveitando-as para a fixação das personalidades (LAGES, 1957, p. 65).

Um posicionamento oficial sobre os maus hábitos e da forma de evitá-los ou corrigi-los é o “Livro das mães” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 1957). Vejamos alguns destes maus hábitos:

Chupar o dedo:

Embora alguns dos recursos usualmente postos

em prática pelas mães possam curar êste mau hábito, como botar pimenta nos dedos da criança, envolvê-los em dedos de luva ou em panos, o melhor é dar ocupação às mãos da criança, isto é, dar-lhe brinquedos, jogos, etc (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 1957, p. 46).

#### Levar objetos à boca:

Esse habito, presente em tôdas as crianças pequenas, é o resultado do desejo que elas tem de conhecer o mundo, de travar relações com as coisas através de um dos cinco sentidos, o gôsto. Deve ser combatido com jeito, pois as crianças não sabem que se trata de um mau hábito [...] (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 1957, p. 46).

#### Excitar a criança

Alguns pais têm o habito de brincar com os filhos pequenos jogando-os para o alto, fazendo-lhes cócegas para vê-los rir sem parar. Essas brincadeiras excitam o sistema nervoso das crianças pequenas, tornando-as agitadas e sem sono.

Pela mesma razão não se deve brincar com estas crianças de noite, antes delas irem dormir.

As festas públicas e particulares (aniversários, batizados) também deixam as crianças nervosas e sem sono, por causa do vozeiro geral, do vai-e-vem do pessoal, das correrias de outras crianças.

Outras fontes de excitações nervosas que devem ser evitadas: livros, revistas infantis e fitas de cinema impressionantes, onde há crimes, crueldade e sofrimentos; histórias de fantasmas, de almas do outro mundo e de ladrões ouvidas em casa (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 1957, p. 48-49).

A forma proposta para corrigir os maus hábitos se resume, segundo o Ministério da Saúde, na época, da seguinte sentença: "De um modo geral o melhor castigo para a criança é a privação

de seus prazeres prediletos: brincar com os companheiros, vestir roupa nova, ir ao cinema” (1957, p. 47).

O brincar leva a marca do controle e do castigo. Leva também a marca da cura e do valor terapêutico, corretamente administrado e dosado. O dar/não dar, permitir/não permitir o prazer associado ao brincar como forma de governo.

Da Rocha (1955) desestimula o uso de “animaizinhos peludos” porque “não são vantajosos para educar os sentidos e prender a atenção” (p. 161). Opinião que entra em franca contradição com o descrito por Winnicott (1982) a partir do conceito de objeto e fenômeno transicional, fundamental para o desenvolvimento da autonomia da criança. Há uma necessidade de encontrar o valor utilitário, seja para brincar, seja para o brinquedo ou para a seqüência divertimento – prazer. É umas das constantes discursivas que permeiam as indicações construídas pelo dispositivo de governo.

O mal potencial presente no ato de brincar e nas brincadeiras é descrito por Russo (1946) da seguinte forma:

Entre a infinidade de brincadeiras nocivas existentes, poderemos citar os mimos, os agrados, as cócegas, o levar a criança ao colo e embalá-la, o apagar e acender a luz, os gritos, o falar infantil e tolo, o jogar a criança pra cima e apanhá-la nos braços, enfim uma porção de práticas diversas e prejudiciais para a criança que não pode suportar esse regime de excitações constantes sem apresentar distúrbios nervosos (p.193).

Onze anos separam o manual do Ministério da Saúde (1957) e o livro de Russo (1946). Neste último podemos reconhecer marcas com as que foram elaborado e caracterizado o conceito de “maus hábitos”. Russo propõe a oferta e o uso de brinquedos para a criança abandonar o hábito de chupar o dedo, tal como também é sugerido pelo Ministério da Saúde (1957).

A preocupação com o que hoje chamamos de saúde mental e que nos documentos aparece na forma de medidas tendentes a prevenir ou reparar neuropatias ou nervosismo, repetitivamente fazem referência ao problema da excitação.

Alcântara, quem fora professor de Russo, chama de “ambiente produtor de neuropatia” àquele que se caracteriza:

Primeiramente pela indisciplina: a vida da criança não é regida por um plano sábio e prudente, previamente estabelecido pelos Pais ou pelo puericultor, onde as normas de ação foram estabelecidas com antecedência; pelo contrario a criança é criada ao azar dos acontecimentos, cada um atendido conforme as inspirações do momento.

Depois, pela atitude mental dos adultos que, egoisticamente, consideram as crianças como divertimento para eles mesmos. É adorável assistir aos risos e às monices da criança; para isso, lidam com ela como se fosse brinquedo: fazem-lhe cócegas, embalam-na no colo pelo prazer de carregá-la, acostumando-a a um regime insustentável, (pois ela vai com o crescimento, se tornando cada vez mais pesada e viciada) ou só sustentável à custa dos mais penosos sacrifícios (ALCANTARA, 1945, p.285).

A dimensão da espontaneidade, do prazer, da criatividade no exercício da paternidade – maternidade é cerceada com o objetivo de elaborar um plano de previsibilidade, controle, regras e disciplina. Podemos reconhecer aqui a diferença entre brincar e jogar e ser pais. O que se trata de impor são modelos e estratégias de dominação em detrimento das técnicas de si, e isto, vale tanto para os pais quanto para as crianças alvo dessas formas de governo.

Uma voz dissonante (pelo menos parcialmente em relação ao prazer) é a de Moraes Barros Filho (1940) quem no capítulo dedicado a Educação Física da criança, afirma que “as qualidades benéficas do prazer são reveladas na criança, quando entregue aos jogos favoritos, na própria expansão de movimentos pela vivacidade e brilho dos olhos, pelo enrijecimento dos músculos, pelo bem-estar sentido, de um modo geral (p. 282-283). Mas esse prazer aparece permitido não pelo prazer mesmo senão em função da importância de que a criança crie o hábito da exercitação física.

Gonzaga (1935) dedica todo um capítulo para resgatar a importância dos jogos das crianças na formação não somente da personalidade – subjetividade do indivíduo, senão nas caracterís-

tics de um povo e de uma nação.

Muita razão teve Wellington ao afirmar que foi nos recreios das escolas públicas que a Inglaterra ganhou a batalha de Waterloo.

Em verdade é nos jogos que se firma, espiritual e physicamente a personalidade da criança e dahi a importância que elles representam sob o ponto de vista medico e educativo. Quando se divertem as crianças são livres e donas de si mesmas e nos seus jogos podemos descobrir inclinações e capacidades, que não suspeitávamos, e que se manifestarão mais tarde com toda a força de uma irresistível vocação. [...]

Na gamma dos jogos, de accôrdo com o crescimento, vao surgindo as qualidades que formarão a personalidade do adulto e que é preciso não desvirtuar, mas tel-as sempre presentes para ulterior aproveitamento. E assim nos será possível apreciar, por pouco que meditemos, a multidão de formas de imaginação, de temperamento, de organização sensorial e sensitiva das crianças (p. 613).

Claramente aparece aqui a dimensão biopolítica e a necessidade de controlar o brincar e os jogos como forma de desenvolver capacidades e competências (diriam os atuais psicólogos descendentes da psicologia experimental) para que fique a disposição das necessidades da nação. O brincar e os jogos como valor de uso. Também como portador de perigos e riscos:

E preciso, outrossim, evitar demasiada emoção nos jogos das crianças. Basta ver como ella desfigura os traços physionomicos, torna o rosto afoueado, as mãos frias, o pulso acelerado, batendo forte o coração. São as emoções choques.

Alem das emoções choques existem as emoções sentimentos. São aquellas que, pasado o tempo do brinquedo, se prolongam no espírito das crianças sob a forma de perturbação da emotividade, que lhes tira o

appetite, o somno, numa permanente preocupação pela hora do divertimento. A emoção traz facilmente a estafa, maxime entre os neuropathas, que são, por natureza vibráteis (GONZAGA, 1935, p. 618).

Tema que já tinha sido tratado pro Almeida e Mursa (1927) ao qualificar os brinquedos como fonte de excitação nervosa e de fadiga mental, especialmente aqueles de cores vivas e multicores.

E quanto as características físicas dos brinquedos, Fernandes Figueira levanta o problema do confronto entre diferentes interesses, os higiênicos e os da indústria:

Na França, na Alemanha, na Austria, e provavelmente em outros países de civilização, cogitou o poder público dessa nuga denominada <brinquedos para crianças>. Velha a industria nessas nações, notadamente a de Nuremberg, empenharam-se os legisladores em coadunar os interesses mercantis e o da saúde ou da existencia das crianças. As providencias não contam, sem duvida, séculos, mas têm soffrido modificações resultantes do embate do capital de encontro aos dictames sanitários (FERNANDES FIGUEIRA, 1919, p. 86).

Esta preocupação com os materiais com que são confeccionados os brinquedos, o tamanho, a tinta, supõe não somente essa dimensão de cuidado e de prevenção de accidentes, senão também a elaboração de normas e o estabelecimento de modelos e modas sobre que brinquedos fabricar e quais não. O imperativo da lógica capitalista, do consumo a qualquer preço foi se impondo de forma tal que foi a própria indústria de brinquedos a que institucionalizou a data do “Dia da criança” no Brasil.

Quando muitos países celebram o “Dia das Crianças” no 20 de novembro, por ser o dia que a ONU comemora a aprovação da Declaração Universal dos Direitos da Criança, no Brasil, se bem existia Decreto nº 4867, de 5 de novembro de 1924, que instituía o dia 12 de outubro como data comemorativa.

Entretanto, a data não se tornou uma unanimidade imediata. Somente em 1955, a data começou a ser celebrada a partir de uma campanha de marketing elaborada por uma indústria de brinquedos chamada Estrela. Primeiramente, Eber Alfred Goldberg, diretor comercial da empresa, lançou a chamada “Semana do Bebê Robusto”. O sucesso da campanha logo atraiu a atenção de outros empresários ligados à indústria de brinquedos. Com isso, lançaram uma campanha publicitária promovendo a “Semana da Criança” com o objetivo de alavancar as vendas. Os bons resultados fizeram com que esse mesmo grupo de empresários revitalizassem a comemoração do “12 de outubro” criado pelo deputado Galdino. Dessa forma, o Dia das Crianças passou a incorporar o calendário de datas comemorativas do país (SOUZA, 2010). (O grifo é meu)

Esta é a história que circula atualmente mas, o Decreto n° 2.024, de 17 de fevereiro de 1940, cria o Departamento Nacional da Criança, como órgão autônomo. O Capítulo VI de dito Decreto trata da comemoração do Dia da Criança:

Art. 17.º - Será comemorado, em todo o país, a 25 de março de cada ano o Dia da Criança. Constituirá objetivo principal dessa comemoração avivar na opinião pública a consciência da necessidade de ser dada a mais vigilante e extrema proteção à maternidade, à infância e à adolescência (BRASIL, 1940).

Este decreto é levantado por Gesteira (1945) quando trata da legislação de amparo à maternidade e à infância. A distância entre as intenções do decreto de referência e de como acabou sendo instituído o atual Dia das Crianças revela o avanço dos interesses comerciais (no caso Indústrias Estrela e Johnson & Johnson) por sobre as intenções e valores presentes nas diferentes legislações. Consumo que consome subjetividades, e, estas, uma vez consumidas, perdem capacidade de constituir-se a partir de si. Para isso se faz necessário desafinar os

instrumentos que tocam estas músicas. Desafinação que associamos com os atos profanatórios e de governamentalização tal como surgem dos diferentes conceitos sobre o brincar presentes na “Amarelinha” que desenhamos em capítulo anterior.

## VIII POSLÚDIO EM SI

Sendo este capítulo o começo do final ou um final que vai dar lugar a outro começo, situo-me no entre<sup>49</sup>. Ou melhor, resgatando o *playing* winnicottiano, nesse espaço potencial, transicional, entre começando e finalizando. Começos e finais que não são exclusivamente meus, mas que abrem a dimensão do vínculo, da experiência criativa, da potência do brincar entre quem chegou até aqui, com a paciente leitura, e eu com uma lenta e paciente escrita.

Escrever sobre o brincar supôs o desafio de escrever sobre o indizível, tal o caso de tentar explicar com palavras a música. Não que seja impossível ou difícil, mas há uma perda significativa no ato de traduzir, ou mais do que isso, metamorfosear, em uma operação de transmutação, a experiência criativa em palavra: “*Y no es posible dar más detalles, porque Odradek es muy movedido y no se deja atrapar [...] No se le hacen preguntas difíciles, desde luego, porque, como es tan pequeño, uno lo trata como si fuera un niño.*” (KAFKA, 2009).

Tal o caso do brincar, movediço, inatingível, escorregadio. Como temos exposto ao longo do trabalho, muitos os intentos de normatizar as diferentes formas de brincar foram se sucedendo no tempo. Fizemos-lhe perguntas ao brincar com o afã de tentar desvendar parte do mistério. Temos-lhe feito perguntas à infância por meio de questionamentos ao brincar. A criança longe de ser considerada pequena, ou na midiática caracterização de “baixinho”, não é um ser que pode ser considerado nessa condição de pequeno, porque não é pequena sua capacidade para brincar, sua capacidade para criar(se), sua potência para “inventar” novos mundos. Porque conhecendo o brincar é que conhecemos a criança, também ao adulto, em suma, uma forma de pensar a condição humana. A partir disto é que me autorizei a dialogar com a criança tentando respeitar aquela prescrição relacionada com a dignidade/indignidade de falar pelos outros.

Problematizar genealogicamente supôs tomar distâncias

<sup>49</sup> “Sobre todo, según el modelo benjaminiano de una “dialéctica en suspenso”, aquí es decisivo solamente el “entre”, el intervalo y casi el juego entre los dos términos, su constelación inmediata en una no-coincidencia” (AGAMBEN, 2002, p. 152).

das capturas imaginárias. Também distância da pregnância do presente e da atualidade. Porque por não tratar-se, a genealogia, de uma crítica ao passado senão uma problematização do presente, colocar-se “fora do tempo” é uma das condições para produzir acontecimentos, rupturas no conjunto dos dispositivos chamados a garantir instituídos em relação à infância e ao brincar.

Fiz um apelo à paciência e a lentidão como formas de pensar o tempo da reflexão e da produção. Resgatando a metáfora musical que transversalmente acompanha os diferentes momentos desta Tese, o andamento da apresentação foi variando conforme as necessidades narrativas, de forma tal que, as “casas<sup>50</sup>” que compõem esta Tese podem ser percorridas seqüencialmente, de forma aleatória ou de alguma outra lógica que o leitor pudesse escolher.

Problematizar não significa sair da “terra” para chegar ao “céu”, sonhando com um céu que é o lugar das respostas (lugar conquistado a condição de termos formulado corretamente, conforme um modelo sacro ao qual fomos ritualisticamente formados, as perguntas certas e apropriadas)<sup>51</sup>. Partimos inicialmente da idéia de um sujeito que se constitui entre as técnicas de dominação e tecnologias de si, agonisticamente condenado a viver “entre” o caos e a ordem, em uma luta na qual nem se ganha nem se perde, simplesmente se combate: vitória para ambos os lados (?). Perguntávamos-nos o que podia ser feito e, a partir de qual operação se possível, com as marcas com as que são construídos os ritos de homogeneização; do modo como cada um consegue desenhar sua singularidade, seu próprio mito profanando o instituído.

Estamos em condições de reafirmar que o brincar é uma das operações com as quais um sujeito cria as condições de autogoverno conforme as práticas de cultura de si. Resulta difícil imaginar uma fórmula mais próxima a da *Parrhesia* que o próprio brincar. Porque não há fazer de conta que se brinca, ou se é verdadeiro, francamente verdadeiro no ato de brincar ou isso não é brincar. A idéia do brincar como um “fazer de conta”,

---

<sup>50</sup> O jogo da Amarelinha consiste em pular num pé só sobre “casas” riscadas no chão.

<sup>51</sup> Pelo contrário o céu, tal como é concebido neste trabalho, é lugar de ainda mais perguntas e questionamentos, formulados a partir da lógica da profanação, nem certas nem apropriadas, mas bem insolentes e diferentes.

disseminada em múltiplos espaços acadêmicos da psicologia, da educação, da saúde, etc., deve deixar lugar a uma idéia contrária. O brincar é o verdadeiro e o fazer “de conta” é o resultado das sujeições e adaptações aos dispositivos normalizadores e disciplinadores: poderíamos parafrasear Sabina dizendo que os sensatos de atar cortam as assas de quem brinca ou pretende brincar e com isso cercear as possibilidades de uma vida verdadeira e franca.

É precisamente no brincar onde o ser humano pode se mostrar mais verdadeiro consigo mesmo. Com outras palavras levantei a pergunta, como não sermos tão governados? A resposta é que o brincar, esse que definimos operando ao nível do mito, do acontecimento, da relação vincular com o outro é uma das formas de resistir a sermos governados pelos outros e de poder construir uma existência a partir de nós, um (des)sujeitamento. Também, e isto seguindo o texto do Seminário “El gobierno de si y de los otros” (FOUCAULT, 2009), poder estabelecer, que tipo de governo de si queremos como limite ao governo dos outros? (GROSS, 2009).

Um dos pontos que fica em aberto é o da relação do brincar com a “erótica”. Chamou nossa atenção, a preocupação por parte dos autores dos documentos com os quais trabalhamos, essa insistência em evitar “as excitações” e outras práticas capazes de produzir prazer em “excesso” (tal como brincar como próprio corpo ou ficar ao colo ou os movimentos de vai –e- vem). Foucault (2009) vai dizer que a *parrehsia* filosófica não conduz a uma retórica senão a uma erótica. É com esta ideia com a que acaba o curso “El gobierno de si y de los otros” e é esta idéia que usamos neste momento do trabalho para mostrar que esse saber sobre a erótica do brincar era um saber que de uma ou outra forma os higienistas (ou melhor, os higienizadores) sabiam e por saber se ocuparam de governar sobre essa questão, longe da idéia de “Jugar por jugar”<sup>52</sup> (SABINA, 1996).

<sup>52</sup> Sugiero que el más triste de los presos tenga derecho a sábanas de seda; bendita sea la boca que da besos y no traga monedas. Propongo corromper al puritano, espiar en la ducha a las vecinas, ir a quitarle al dios de los cristianos su corona de espinas.

Nada de margaritas a los cuerdos, hay que correr más que la policía para bailar el vals de los recuerdos llorando de alegría. La vida no es un block cuadrículado sino una golondrina en movimiento que no vuelve a los nidos del pasado porque no quiere el viento. Se aconseja dormir a pierna suelta lejos de tentaciones de diseño, que no pase de largo por tu puerta el hombre de tus sueños. La rana esconde un príncipe

A partir da definição de Benveniste (1947) de que o brincar não é mais do que uma operação de profanação, e que, no momento, intuíamos como central no desenvolvimento deste ensaio foram surgindo uma série de temáticas necessárias de serem abordadas. Fundamentalmente porque decidi ampliar o sentido e significado do que comumente é considerado brincar e porque a escrita sobre o brincar exigia transitar por alguns outros conceitos e por formas singulares para tratá-los. Foi assim que a escolha pelo discurso lúdico, tal a proposta de Orlandi (1996), mais do que uma escolha se perfilava como exigência para a coerência narrativa e discursiva na construção de este trabalho.

O jogar por jogar, o brincar por brincar, sem utilidade aparente ou explícita é o que representamos com o inferno, ligado ao prazer e a concupiscência, aos excessos.

Na primeira “casa” onde risquei os primeiros traços, revelei as marcas e rabisquei o que depois fui desenvolvendo nesta Tese. Tinha um desafio pela frente que era o de saber até que ponto poderia introduzir a dimensão da diferença e atravessar o limite entre o que é factível de ser pensado criticamente no lugar de legitimar os saberes constituídos. Qualquer tipo de resposta para esta questão não pode ser mais do que parcial. No decorrer do texto foram introduzidas ou sugeridas outras formas de pensar o brincar e a relação com a governamentalização. Fiz um percurso sobre outras problematizações nas quais trabalhei anteriormente e me debrucei para chegar as que foram as perguntas que inauguraram o desejo por esta Tese.

Lembrando o pensamento de Agamben, com qual comecei esta Tese, os prólogos a este “prólogo”, tem uma particularidade: todos os títulos evocam o trânsito de um lugar para um outro<sup>53</sup>. No caso desta Tese o que inaugura o tipo de temática e a forma de tratá-la se situa nesse “entre” ao qual fiz referência no começo

---

encantado, tu boca un agridulce de membrillo ¡qué ganas de un cursillo acelerado de besos de tornillo! Y jugar por jugar sin tener que morir o matar, y vivir al revés que bailar es soñar con los pies. Conviene entrar penúltimo en la meta de la vuelta a la infancia en patinete y fusilar al rey de los poetas con balas de juguete. Por qué no doctorarse en cremalleras como hace la hormiguita por tu espalda e hilvanar con jirones de banderas braguitas rojigualdas. Hacen falta cosquillas para serios, pensar despacio para andar deprisa, dar serenatas en los cementerio muriéndose de risa (SABINA, 1996).

<sup>53</sup> Tanto “Do silêncio ao brincar” (MEDRANO, 2004), quanto “Do brincar pestilento ao brinquedo esterilizado” (MEDRANO, 2005) ilustram esta idéia (O grifo é meu).

desse último capítulo. Um “entre” que sugere certa circularidade e requer retornar, como aquele “vai e vem” tão criticado e declarado perigoso e preocupante pelos higienizadores.

Um dos aspetos levantados em relação à relevância deste trabalho diz respeito à com a singularidade do tratamento do tema central (mas lembremos que também descentrado) que é o brincar. Singularidade que permite transitar “entre” diferentes discursos, dispositivos, regimes de verdade construídos em torno, já não somente em relação ao brincar, senão também onde estão implícitas formas de criação, a infância, a paternidade, os profissionais da saúde, o Estado, em suma, os diferentes atores objeto das biopolíticas. E isto para levantar o véu que, dissimulava outras verdades em relação a governamentalização do brincar que não foram focadas dentre as muitas pesquisas relacionadas com a temática do brincar. Posso dizer, agora que estão expostas boa parte das coisas para serem ditas, que a motivação principal que me levou a interessar-me por esta pesquisa em particular, tem a ver com a seguinte reflexão de Saramago:

Por qué nos hemos quedado ciegos, No lo sé, quizá un día lleguemos a saber la razón, Quieres que te diga lo que estoy pensando, Dime, Creo que no nos quedamos ciegos, creo que estamos ciegos, Ciegos que ven, Ciegos que, viendo, no ven (SARAMAGO, 1998, p. 243).

O que, no meu entender, vendo, não era visto? Iniciei este trabalho, tal como foi colocado no primeiro capítulo, perguntando-me sobre como tinha surgido a necessidade de governamentalizar o brincar, sobre as conseqüências desta governamentalização e sobre os regimes de verdade vigentes atualmente em relação ao brincar da criança.

Para isto procurei em Manuais e livros de higiene e puericultura publicados no Brasil entre 1868 e 2009, na Legislação Brasileira que de alguma forma está relacionada com a intenção ou necessidade de normatizar sobre a criança e o adolescente, e em autores que se ocuparam do problema da infância brincar desde diferentes perspectivas, as possíveis respostas a estas e outras perguntas que foram surgindo no decorrer da pesquisa.

Resgatei algumas ferramentas conceituais que iria necessitar para abrir o objetivo da Tese. Devo primeiramente, a existência de Odradek (meu objeto transicional?), a necessidade de aprender a respeitar e conviver com o mistério e a paciência:

Uno siente la tentación de creer que esta criatura tuvo, tiempo atrás, una figura más razonable y que ahora está rota Pero éste no parece ser el caso; al menos, no encuentro ningún indicio de ello; en ninguna parte se ven huellas de añadidos o de puntas de rotura que pudieran darnos una pista en ese sentido; aunque el conjunto es absurdo, parece completo en sí (KAFKA, 2009).

Uma paciência que me levou a uma segunda operação (poderia dizer que cada uma destas ferramentas foram me ajudando vencer meus próprios obstáculos epistemológicos, no dizer de Bachelard (2003): a de tomar contato com o prazer e a experiência da lentidão, ou seja, em definitivo de uma maneira particular de viver o tempo da reflexão e da escrita.

Foi proposta a continuação, um passeio para conhecer a “esses animais”, os intelectuais capazes de produzir, acontecimentos e profanações a partir de pensamentos e problematizações, para com eles, entender como funcionam os mecanismos de governo e governamentalização.

Começou ficar evidente que, a partir destes elementos, esta Tese não somente ia se perfilando como um escrito político senão que devia ser um ato político se pretendia coerência metodológica e teórica com os autores escolhidos para desenvolver a problematização.

A genealogia foucaultiana guiou metodologicamente as leituras dos arquivos e documentos, definidos oportunamente, que foram interpretados e como resultado dessas interpretações foi possível estabelecer quatro jogos de verdade (uns suplementando os outros) a serem problematizados.

O primeiro deles, e que corresponde ao **Capítulo IV Sinfonias das Infâncias**, revela a complexa relação adulto – criança - Estado. Nele faço um percurso pelas vicissitudes de ordem filosóficas, jurídicas e políticas que a condição de infantil coloca ao mundo adulto. As ambivalências em relação ao cuidado, já que por momentos, a criança passa da condição de

ser objeto a ser cuidado ao de seres de quem cuidar-se. Esta dupla condição do infantil responde ao porquê da necessidade de governar as crianças. Também das resistências das crianças que provocam a criação de mecanismos e tecnologias de cuidado de si (*parresia*) dentre as quais destacamos nesta Tese o brincar. Foram resgatadas diversas linhas discursivas que representam, no dizer dos autores e mentores dos documentos analisados, formas de pensar a infância e o tipo de criação que os pais deviam exercer para garantir a saúde da criança. Definida como não sendo nem anjo nem diabo, a criança se situa nesse “entre” o céu e o inferno. Isto permite resgatar o conceito de “significante da função significante” por não pertencerem, as crianças, nem aos significantes da diacronia nem aos da sincronia. Porque quando fazemos referência ao céu e ao inferno, do que se trata é de introduzir a suspensão da eternidade como perspectiva divina e/ou absoluta para poder pensar a partir do tempo humano. Esse tempo que para Agamben (2003) cria a história. No intento de dominar e governar sobre os corpos e as mentes das crianças foram construídos modelos higiênicos que pela via eugênica, jurídica, educacional, se encarregaram de destituir, de diversas formas, a autonomia e o direito da família para escolher o tipo e a intensidade do vínculo pai – mãe – filho. Foi assim que descrevemos a existência de um dispositivo psico-médico-pedagógico para dar conta dos saberes necessários a serem construídos em relação à criança e os métodos de criação-educação e como instrumento de governo. Os tipos de indicações feitas aos pais nos materiais mais antigos que temos analisado quase exclusivamente tratavam da higiene física, das técnicas de aleitamento e da higiene moral (tanto dos pais quanto das crianças). Aos poucos os conhecimentos vindos da psicologia (experimental primeiro, da psicanálise um pouco depois) foram sendo incorporados pelos pediatras para dar maior credibilidade aos tipos de vínculos, de brincades autorizados ou proibidos.

O segundo regime de verdade, desenvolvido no **Capítulo V Polifonias do brincar**, apresentei e discuti algumas das correntes que tratam sobre o brincar na atualidade. Não somente desde o ponto de vista psicológico, psicanalítico, senão também incluindo a dimensão filosófica e antropológica. Este capítulo permite falar as diferentes vozes levantadas sobre as características do brincar e também problematizar as relações e

diferenças entre jogar/brincar e rito/mito. Nesse ponto em particular, realizei uma análise que permite refazer uma leitura de um texto de Agamben (2003) onde não foram estabelecidas ditas diferenças. Outro ponto importante é o tratamento e posicionamento em relação ao “querer/dever” brincar. Nessa questão, resgatar o pensamento de Winnicott resultou altamente significativo para poder desenvolver as análises nos capítulos posteriores, fundamentalmente no que se refere à espontaneidade, criatividade e liberdade como características do brincar, e do lugar que tem como fundador da experiência cultural no campo do humano (e aqui sem fazer diferença nenhuma em relação ao brincar da criança e do adulto). Assim mesmo foi levantada a questão de como outros discursos vêm tentando excluir a inclusão do adulto à experiência lúdica, a não ser, como temos podido corroborar, que essa ludicidade tenha uma função e esteja sujeita à lógica da produtividade. Nossas hipóteses de trabalho se aproximam com idéias e concepções como as de Nietzsche (2001); Fink (1986); Derrida (2002a); Zavatta (2002); Loparic (2007) e Saviani (1998) sobre o jogo e o brincar.

Uma vez realizadas estas duas operações genealógicas sobre a infância e o brincar, estive em condição de entrar especificamente na discussão sobre a governamentalização das crianças.

Aos poucos, os tradicionais manuais de higiene foram sendo substituídos por outros meios de comunicação: revistas de circulação nacional destinadas a divulgar conselhos para os pais e, posteriormente, portais de *internet* com o mesmo objetivo. A relação e a transmissão da ciência para a população resultam ser midiáticas. O impacto dos conteúdos “científicos” sobre a população aumentou potencialmente não somente pelo poder de penetração senão também pelas novas formas de provocar o interesse e a dependência em relação a esses saberes e informações. A situação atual foi problematizada a partir da publicação em 2009 por parte da Sociedade Brasileira de Pediatria do primeiro volume de uma série de manuais destinados aos pais. Definido como o mais completo e atualizado livro sobre os cuidados e educação das crianças, contém o novo regime de verdade destinado ao governo das crianças (também dos seus pais e indiretamente para outros pediatras). Foi levanta a significativa situação de ser a Sociedade Brasileira de Pediatria

quem assume a autoria e a responsabilidade sobre a forma e os conteúdos. Não mais um que outro professor ou pediatra de conhecida trajetória, a instituição como um todo saiu a delimitar território num momento particular da história brasileira em que são discutidos os espaços de poder entre as diferentes profissões do âmbito da saúde. Não se tratou unicamente de um ato de divulgação, de um ato de características políticas, um acontecimento. Fundamentalmente no capítulo: **“Novas músicas, velhos instrumentos: a mesma canção”** é que esta tese pretende ser uma (das tantas necessárias) contra-resposta a mais um intento de homogeneizar e conduzir os interesses biopolíticos de governo sobre os processos de subjetivação.

Algumas perguntas que formulei em capítulos anteriores, relacionadas com: onde bater?; quem ou quem sacudir?; como lutar?; como devemos entender a tarefa política? São respondidas a partir da reflexão anterior.

Bater e sacudir nas publicações que são coniventes, promotoras ou ideologicamente responsáveis de conduzir e/ou criar os regimes de verdade. É assim que entendemos a tarefa política e o trabalho intelectual e a importância de produzir este tipo de investigações.

Retomo o problema de qual é a situação que estamos vivendo e a partir da qual começar a análise genealógica sobre o governo das crianças através do brincar.

O brincar, no livro “Filhos, da gravidez aos 2 Anos de idade: um guia completo da Sociedade Brasileira de Pediatria para os pais. Volume 1” (SBP, 2009), é o eixo transversal a partir do qual são elaborados os diferentes “dever ser”, “dever fazer”, “não dever”, “não fazer”. Definido e descrito o brincar de forma ampla (quase todo é brincar na concepção da SBP) será operando sobre o aconselhável e o não aconselhável que se pretende organizar e conduzir a vida e o desenvolvimento da criança. O que está em jogo é evitar que certas formas de subjetivação, que não são funcionais ao modelo biopolítico, não se desenvolvam como forma de prevenção de condutas que por serem anti-sociais acabarão inexoravelmente medicalizadas e com algum código em alguma das próximas edições do DSM (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*), CID (Classificação Internacional de Doenças) ou outra classificação da família de classificações da OMS (Organização Mundial da Saúde).

Ao me debruçar sobre os documentos do período 1868 – 1967, trabalhado em **“A orquestra e de como dirigí-la ou das antigas canções e melodias”**, para poder entender como emergiram e da onde procedem os regimes de verdade em relação ao brincar da criança e das condutas esperadas por parte dos adultos responsáveis pelo cuidado e proteção, uma das primeiras “linhas de força” que apareceram e que, com descontinuidades e rupturas prevaleceram no decorrer do tempo, foi a da relação da criança e do adulto com a excitação e o prazer. Todo cuidado é pouco, toda restrição é insuficiente na relação corpo a corpo, nas trocas de carícias ou dos tempos como o do banho que potencialmente poderia ser o cenário das trocas com que a criança vai construindo as superfícies que logo darão lugar à constituição da corporeidade. A masturbação foi erigida a ser fonte de grande parte dos distúrbios de comportamento, a experiência de balançar-se origem dos futuros vícios, a falta de disciplina: na alimentação, no sono, nos passeios, na vestimenta, no quarto, leva inexoravelmente ao caos e futuras desordens na saúde física e moral. O brincar regulamentado, convenientemente dosado e prescrito conforme as regras higiênicas, garante ou, pelo menos, preserva ao futuro adulto das tentações dos excessos.

O conceito de *pharmakon*, na dupla condição de remédio e veneno, permite compreender como foram construídas em relação ao brincar as duplicidades que aproximaram, conforme modelos e interesses diversos, o brincar ao Céu ou ao Inferno, como Bem Supremo ou como agente e propagador do Mal.

A sensação que me invade, próximo já de entrecerrar este texto, é que ao longo da narrativa fui prometendo próximas elucidações, futuros tratamentos de algumas idéias ou conceitos. Nada mais próximo do que o jogo proposto por Sherazade nas “Mil e uma noites”, com o afã de continuar mantendo vivo, neste caso, o brincar. Fica a tentação de brincar, de contar contos “lengalenga”, aqueles de nunca acabar. Enquanto isso, há ainda, muitas coisas para serem contadas, entretanto eu e as crianças continuamos profanando, continuamos brincando. Mas, já “no es posible dar más detalles, porque Odradek es muy movedido y no se deja atrapar” (KAFKA, 2009).

## REFERENCIAS

- ABRAHAN, K. **Teoria psicanalítica da libido**. Rio de Janeiro: Imago, 1970.
- ABRAHAM, T. **El último oficio de Nietzsche**. Buenos Aires: Del bolsillo, 2005.
- AGAMBEN, G. **Infancia e historia**. Ensayo sobre la destrucción de la experiencia. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Homo Sacer: O poder Soberano e a Vida Nua I**. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Profanaciones**. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Lo abierto**. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora, 2006.
- \_\_\_\_\_. **La potencia del pensamiento**. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora, 2007.
- ALCANTARA, P. **Higiene da primeira infância**. Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1945.
- ALMEIDA, J; MURSA, M. **Noções de puericultura para as mães e para as escolas**. São Paulo: Instituto D. Anna Rosa, 1927.
- ÀRIES, P. **História social da infância e da família**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.
- BACHELARD, GASTÓN. **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003.
- BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Editora Nova fronteira, 1985.
- BARBOSA MOREIRA, A. **O pensamento de Foucault e suas contribuições para a educação**. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v25n87/21471.pdf>> Acesso em: 11 maio 2007.
- BAUMAN, S. **Modernidad líquida**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Amor líquido**. Sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2004.
- BENVENISTE, E, **Le jeu comme structure**, em Deucalion – Cahiers de Philosophie 2 Paris: Éditions de la Revue Fontaine,

1947.

BETTELHEIM, B **The Informed Heart**. Autonomy in a Mass Age. Glencoe, Ill The Free Press, 1960. 309 pp.

BORGES, J Las ruínas circulares. In: BORGES, J.L. **Obras Completas 1923-1972**. BsAs: Emece Editores, 1974.

BRASIL. **Decreto nº 2.024, de 17 de fevereiro de 1940**. Fixa as bases da organização da proteção à maternidade, à infância e à adolescência em todo o país. Disponível em: <  
[http://www.ciespi.org.br/base\\_legis/baselegis\\_view.php?id=148](http://www.ciespi.org.br/base_legis/baselegis_view.php?id=148)>  
 Acesso em: 15 maio 2007.

\_\_\_\_\_. **Lei Federal nº 8069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em:  
 <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L8069.htm>>

\_\_\_\_\_. **Lei Federal nº 11104, de 21 de março de 2005**. Dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação. Disponível em:  
 <<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/96819/lei-11104-05>>

BUARQUE, F. Doze anos. In: \_\_\_\_\_. **Opera do Malandro**. São Paulo: Cara Nova Editora Musical Ltda, 1977.

\_\_\_\_\_. **Budapeste**. Rio de Janeiro: Companhia das letras, 2003.

BUARQUE DE HOLANDA, A. **Miniaurélio Eletrônico versão 5.12**. Curitiba: Positivo Informática Ltda, 2004.

CAPONI, S. Da herança à localização cerebral: sobre o determinismo biológico de condutas indesejadas. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 343-352, 2007.

CASTRO, E. **El vocabulário de Michel Foucault**. Um recorrido alfabético por sus temas, conceptos y autores. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 2004.

COFEN. **Resolução nº 295/2004, de 24 de outubro de 2004**. Dispõe sobre a utilização da técnica do Brinquedo/Brinquedo Terapêutico pelo Enfermeiro na assistência à criança hospitalizada. Disponível em:  
 <<http://www.portalcofen.gov.br/2007/materias.asp?ArticleID=7123&sectionID=34>>

CORAZZA, S. **História da infância sem fim**. Ijuí: Injuí, 2000.

- CORTAZAR, J. **Rayuela**. Madrid: Punto de Lectura, 2006.
- COSTA, J. F. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.
- COSTA MARQUES, J; ARAUJO, J; MARTINS RIBEIRO, A. **Curso de puericultura neo-natal**. São Paulo: Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, 1960.
- CRISTINA, M.; KUPFER, M. A escrita na clínica psicanalítica de crianças. In: COLÓQUIO DO LEPSI IP/FE-USP, 2001, San Pablo, São Paulo. **Anais...** [online]. 2002. Disponível em: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC0000000032001000300006&lng=en&nrm=iso](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032001000300006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 10 junho 2007.
- DA ROCHA, M. **Cartinha das mães**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S/A, 1939.
- DA ROS, M. Políticas públicas de saúde no Brasil. In: BAGRICHEVSKY, M; PALMA, A. et al. **A saúde em debate na educação física**. v. 2. Blumenau: Nova Letra, 2006.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 1. Trad. Aurélio Guerra e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: 1995. 96 p.
- DERRIDA, J. **Mal de arquivo**. Uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001a.
- \_\_\_\_\_. Entrevista a Jean-Louis Houdebine e Guy Scarpetta. In: \_\_\_\_\_. **Posições**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001b. 128 p.
- \_\_\_\_\_. Implicações. Entrevista a Henri Ronse. In: \_\_\_\_\_. **Posições**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001c. 128 pag.
- \_\_\_\_\_. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- \_\_\_\_\_. **A farmácia de Platão**. São Paulo: Iluminuras, 2005.
- DOLTO, François. **La causa de los adolescentes**. El verdadero lenguaje para dialogar con los jóvenes. Tradução R. Bassols. Barcelona: Seix-Barral, 1990.
- DONZELOT, J. **A policia das famílias**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.
- DIAS LOPES, A. Bebês. O novo manual de instruções. **Veja**, edição 2134, ano 42, nº 41, de 14 de outubro de 2009. São Paulo:

Abril, 2009.

DINIS, A **Pulitzer no pátio dos milagres**. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/jd200498a.htm>>. Acesso em: 23 outubro 2009.

EDWALD, F.; FONTANA, A. Advertência. In: FOUCAULT, M. **Seguridad, territorio población**. Curso en el Collège de France (1977-1978). Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2006.

ENCICLOPEDIA UNIVERSAL ILUSTRADA. Europeo-Americana. Bilbao:Espasa-Calpe, 1920.

ERICKSON, E. **Infancia y sociedad**. Buenos Aires: Ediciones Hormé, 1970.

ESPÓSITO, R. **Bios**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2006.

FERNANDES FIGUEIRA, A. **Consultas prácticas de higiene infantil**. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro e Maurillo, 1919.

FERREIRA, A. **Novo dicionário eletrônico Aurélio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994. CD-ROM.

FINK, Eugen, **Oasi della gioia**. Idee per una ontologia del gioco. Salerno: Edizioni 10/17, 1986.

FORTES, H. **Puericultura**. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora, 1940.

FOUCAULT, M., La función política del intelectual. Respuesta a uma cuestión (1968). In: \_\_\_\_\_. **Saber y verdad**. Madrid: Ediciones La Piqueta, s/d.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade**. v. II. Rio de Janeiro: Graal, 1984

\_\_\_\_\_. Ommes et singulatum: Hacia una crítica de la razón política. In: \_\_\_\_\_. **Tecnologías del yo y otros textos afines**. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1990a.

\_\_\_\_\_. **Tecnologías Del Yo y otros textos afines**. Tradução de Mercedes Allende Salazar. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica e I.C.E – U.A.B, 1990b.

\_\_\_\_\_. Michel Foucault entrevistado por Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow. In: RABINOW, P.; HUBERT, D. **Michael Foucault, una trajetória filosófica: Para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995a.

\_\_\_\_\_. O sujeito e o poder. In: RABINOW, P.; DREYFUS, H.

**Michel Foucault, uma trajetória filosófica:** para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995b.

\_\_\_\_\_. Los intelectuales y el poder Entrevista Michel Foucault – Gilles Deleuze. In: \_\_\_\_\_. **Microfísica del poder.** Madrid: Ediciones La Piqueta, 1992.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir.** Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2002<sup>a</sup>.

\_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber.** Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002b.

\_\_\_\_\_. **Em defesa da sociedade.** Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2002c.

\_\_\_\_\_. Foucault estuda a Razão de Estado. In: \_\_\_\_\_. **Ditos e Escritos IV Estratégia, Poder – Saber.** Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003a.

\_\_\_\_\_. Mesa redonda em 20 de Maio de 1978. In: \_\_\_\_\_. **Ditos e Escritos IV Estratégia, Poder – Saber.** Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003b.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade I.** A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal Editora, 2003c.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade III.** O cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal Editora, 2003d.

\_\_\_\_\_. **A hermenêutica do sujeito.** Rio de Janeiro: Martins Fonte Editora, 2004a.

\_\_\_\_\_. O cuidado com a verdade. In: \_\_\_\_\_. **Ditos e Escritos V Ética, sexualidade, Política.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b.

\_\_\_\_\_. O filósofo mascarado. In: \_\_\_\_\_. **Ditos e Escritos II Arqueologia das ciências e dos sistemas de pensamento.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005a.

\_\_\_\_\_. Retornar à história. In: \_\_\_\_\_. **Ditos e Escritos II Arqueologia das ciências e dos sistemas de pensamento.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005b

\_\_\_\_\_. A vida: a experiência e a ciência. In: \_\_\_\_\_. **Ditos e Escritos II Arqueologia das ciências e dos sistemas de**

**pensamento.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005c.

\_\_\_\_\_. Nietzsche, a genealogia, a história. In: \_\_\_\_\_. **Ditos e Escritos II Arqueologia das ciências e dos sistemas de pensamento.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005d.

\_\_\_\_\_. Poder e Saber. In: \_\_\_\_\_. **Ditos e Escritos II Arqueologia das ciências e dos sistemas de pensamento.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005e.

\_\_\_\_\_. O que são as luzes? In: \_\_\_\_\_. **Ditos e Escritos II Arqueologia das ciências e dos sistemas de pensamento.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005f.

\_\_\_\_\_. **Seguridad, territorio población. Curso en el Collège de France (1977-1978)** Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2006a.

\_\_\_\_\_. **Historia de la sexualidad 2.** El uso de los Placeres. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2006b.

\_\_\_\_\_. **El gobierno de si y de los otros. Curso en el Collège de France (1982-1983).** Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009.

FREUD, S. **A interpretação dos sonhos.** 1900. In: EDIÇÃO ELETRÔNICA BRASILEIRA DAS OBRAS COMPLETAS DE SIGMUND FREUD. Tradução Imago Editora. Rio de Janeiro: Imago, s/d.

\_\_\_\_\_. **Escritores criativos e devaneios.** 1908. In: EDIÇÃO ELETRÔNICA BRASILEIRA DAS OBRAS COMPLETAS DE SIGMUND FREUD. Tradução Imago Editora. Rio de Janeiro: Imago, s/d.

\_\_\_\_\_. **O sentido antitético das palavras primitivas.** 1910. In: EDIÇÃO ELETRÔNICA BRASILEIRA DAS OBRAS COMPLETAS DE SIGMUND FREUD. Tradução Imago Editora. Rio de Janeiro: Imago, s/d.

\_\_\_\_\_. **Alem do principio do prazer.** 1920. In: EDIÇÃO ELETRÔNICA BRASILEIRA DAS OBRAS COMPLETAS DE SIGMUND FREUD. Tradução Imago Editora. Rio de Janeiro: Imago, s/d.

\_\_\_\_\_. **O mal-estar na civilização.** 1930. In: EDIÇÃO ELETRÔNICA BRASILEIRA DAS OBRAS COMPLETAS DE SIGMUND FREUD. Tradução Imago Editora. Rio de Janeiro: Imago, s/d.

- GARCIA MENDEZ, E. **Infância e cidadania na América Latina**. Tradução de Ângela Maria Tijiwa. São Paulo: Hucitec, 1998.
- GESTEIRA, M. **Puericultura** (higiene alimentar e social da criança). Rio de Janeiro: Pan-Americana, 1945.
- GONZAGA, Octavio. **A criança**: noções de medicina e higiene. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.
- GROS, F. Situação do curso em Foucault. In: FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. Rio de Janeiro: Martins Fonte Editora, 2004.
- \_\_\_\_\_. Situación del curso. In: FOUCAULT, M. **El gobierno de si y de los otros**. Buenos Aires: Fondo d Cultura Economica, 2009.
- GODINO LIMA A, **A maternidade entre a natureza e a ciência**: um estudo histórico de manuais de puericultura: 1918-1968. 2006. Disponível em: <[http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/A/Ana\\_Laura\\_Godinho\\_Lima\\_26.pdf](http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/A/Ana_Laura_Godinho_Lima_26.pdf)> Acesso em: 26 setembro 2009.
- \_\_\_\_\_. Maternidade higiênica: natureza e ciência nos manuais de puericultura publicados no Brasil. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 47, p. 95-122, p. 95-122, 2007.
- HUIZINGA, J. **Homo Ludens**. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- KAFKA, F. **Precupaciones de un padre de família**. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bk000267.pdf>> Acesso em: 09 janeiro 2010.
- KENNEDY, D. Notas sobre a filosofia da infância e a política da subjetividade. In: KOHAN, W.; KENNEDY, D. (org.). **Filosofia e infância**: possibilidades de um encontro. Petrópolis: Vozes, 2000.
- KLEIN, M. **Psicanálise da criança**. São Paulo: Mestre Jou, 1981.
- \_\_\_\_\_. **Os progressos da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- \_\_\_\_\_. **Inveja e gratidão e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- KOHAN, W.; KENNEDY, D. (org.). **Filosofia e infância**: possibilidades de um encontro. Petrópolis: Vozes, 2000

KOHAN, W. Filosofia e infância. Pontos de encontro. In: KOHAN, W.; KENNEDY, D. (org.). **Filosofia e infância**: possibilidades de um encontro. Petrópolis: Vozes, 2000

KUNDERA, M. **La lentitud**. Buenos Aires: Tusquets Editores, 2001.

LACAN, J. El estadio del espejo. In: \_\_\_\_\_. **Escritos I**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 1980a.

\_\_\_\_\_. Función y campo de la palabra. 1953. In: \_\_\_\_\_. **Escritos I**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 1980b.

\_\_\_\_\_. J La instancia de la letra en el inconsciente o la razón desde Freud. 1957. In: \_\_\_\_\_. **Escritos I**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 1980c.

\_\_\_\_\_. **Seminario 1 Los Escritos Técnicos de Freud**. Tradução D. Rabinovich, Buenos Aires: Editorial Paidós, 1981.

\_\_\_\_\_. **A relação de objeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

\_\_\_\_\_. La Dirección de la Cura y los Principios de su Poder. In: \_\_\_\_\_. **Escritos**. 2 vols. México: Siglo Veintiuno Editores, 1981b.

LAGES, W. **Higiene da criança**. Noções elementares de puericultura. Bahia: Imprensa Oficial, 1941.

LARROSA, J. A. Operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. **Educação e realidade**, v. 29, n.1, jan./jun. 2004.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropología Estructural**. Buenos Aires: EUDEBA, 1977.

LOPARIC, Z. **Sobre a responsabilidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

\_\_\_\_\_. O ambiente de Winnicott e o mundo de Heidegger. In: XII Colóquio Winnicott, São Paulo, 2007. **Caderno de resumos...** São Paulo: PUC-SP, 2007.

LOTUFO, P. **Porque conter o "complexo médico-industrial-midiático"**. Disponível em:

<[http://www.apm.org.br/fechado/rdt\\_materia.aspx?idMateria=269](http://www.apm.org.br/fechado/rdt_materia.aspx?idMateria=269)> Acesso em: 18 outubro 2009.

MANNONI, M. **El niño, su enfermedad y los otros**. Buenos Aires: Paidós, 1982.a

- \_\_\_\_\_. **Un Lugar Para Vivir.** Tradução de Marga Latorre. Barcelona: Paidós Editora, 1982.b
- MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2000.
- MEDRANO, C. **Saúde pública, psicanálise e infância, do silêncio ao brincar:** historia do presente dos espaços para o brincar no campo da saúde. 2003. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.
- \_\_\_\_\_. Foucault e a Psicanálise, para uma Genealogia do Brincar. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FOUCAULT PERSPECTIVAS, Florianópolis, 2004. **Anais..** Florianópolis: Clicdata Multimídia Ltda, 2004
- \_\_\_\_\_. **Do brincar pestilento ao brinquedo esterilizado.** Uma análise foucaultiana. 2005. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Psicanálise, porque não?** In: I CONGRESSO CATARINENSE DE SAÚDE COLETIVA, 2006, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, 2006.
- MEDRANO, C; PADILHA, M; VAGHETTI, H, O brinquedo terapêutico: notas para uma re-interpretação. **Rev. Mal-Estar Subj.**, v.8, n.3, p, 705-728, set. 2008.
- MINISTERIO DA SAÚDE. Departamento Nacional da Criança. **Livro das mães.** Rio de Janeiro: Ministério da Saúde, 1957.
- MORAES BARROS FILHO, M. **O médico e a criança** (estudos de Puericultura e Eugenia). São Paulo: Revista dos Tribunais, 1940.
- NARODOWSKI, M. **Infancia y Poder.** La conformación de la pedagogía moderna. Buenos Aires: Aique Grupo Editor, 2007.
- NIETZSCHE, F. **Más allá del bien y del mal,** Buenos Aires: Fondo Editor de Cultura, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Além do bem e do mal.** Rio de Janeiro: Cia das Letras, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Assim falava Zaratustra.** São Paulo: eBooksBrasil, 2002
- ORLANDI, E. **A linguagem e seu funcionamento:** as formas do discurso. Campinas: Pontes, 1996.

OLIVEIRA, W. **Higiene e puericultura** (Para as cadeiras de Curso Pedagógico dos Institutos de Educação do Brasil). São Paulo: Editora do Brasil, 1967.

PAIS E FILHOS. **Pais e filhos**. Disponível em: <<http://revistapaisefilhos.terra.com.br/>> Acesso em: 23 outubro 2009.

PEIXOTO, J. Prefacio dispensável. In: CORTAZAR, J. **Rayuela**. O jogo do mundo. Lisboa: Cavalos de Ferro, 2008.

PIZA, W. **O livro das mãezinhas**. São Paulo: Universidade de São Paulo Faculdade de Medicina, 1937.

PONTALIS, J. Encontrar, acoger, reconhecer lo ausente. In: WINNICOTT, D. **Realidad y juego**. Buenos Aires: Gedisa, 1982.

PROUST, M. En busca del tiempo perdido. In: \_\_\_\_\_. **La prisionera**. Madrid: Alianza Editorial, 1989.

RABINOW, P.; HUBERT, D. **Michael Foucault, una trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

RODULFO, R. **El niño y el significante**. Buenos Aires: Paidós Editora, 1989.

\_\_\_\_\_. **O brincar e o significante**: um estudo psicanalítico sobre a constituição precoce. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

\_\_\_\_\_. **Estudios clínicos**. Del significante al pictograma a través de la práctica psicoanalítica. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1992.

\_\_\_\_\_. **Dibujos fuera del papel De la caricia a la lecto-escritura**. Buenos Aires: Paidós, 1999.

\_\_\_\_\_. **El psicoanálisis de nuevo**. Elementos para la reconstrucción del psicoanálisis tradicional. Buenos Aires: EUDEBA, 2004.

\_\_\_\_\_. **Futuro porvenir**. Ensayos sobre la actitud psicanalítica en la clínica de la niñez y adolescencia. Buenos Aires/México: Ediciones Novedades Educativas, 2008.

ROUSSEAU, J. **Emilio, o la Educación**. Tradução de José Marchena. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1969.

RUSSO, E. **Cuide de seu filho**. Palestras aos Pais, com relação aos cuidados necessários às crianças até os seis anos de idade.

São Paulo: Edições Melhoramentos, 1946.

SAVIANI, L **Ermeneutica del gioco**. Del gioco come símbolo alla decostruzione come gioco. Napoli: Edizioni Scietfiche Italiane, 1998.

SABINA, J. **Yo, mi, me, contigo**. Madrid: Ariola, 1996.

SARAMAGO, J. **Ensayo sobre la ceguera**. México: Alfaguara, 1998.

SCHEURICH, J.; MCKENZIE, K. Foucault's Methodologies. In: SCHEURICH, J.; MCKENZIE. **The SAGE Handbook of Qualitative Research**. California: Sage Publications, 2005.

SCRAMIM, S. **Literatura e infância**. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/nelic/article/view/5704/5169>> Acesso em: 21 novembro 2009.

SERRAT, J. Vagabundear. In: \_\_\_\_\_. **Mediterrâneo**. 1971. disco.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**: diretrizes para o trabalho didático-científico na universidade. 2a ed. São Paulo: Cortez & Moraes, 1976.

SILVA, H. **Paradigmas y niveles del juego**. Université de Paris III - Sorbonne Nouvelle. Disponível em: <<http://silva8a.googlepages.com/ParadigNJ.pdf>> Acesso em: 30 março 2007.

SILVEIRA LEMOS, F. A apropriação do brincar como instrumento de disciplina e controle das crianças. **Estudos e pesquisas em psicologia**, Rio de Janeiro, ano 7, n. 1, p. 78-88, 2007.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **Filhos, da gravidez aos 2 Anos de idade**: um guia completo da Sociedade Brasileira de Pediatria para os pais. v. 1. Barueri: Sociedade Brasileira de Pediatria – Manole Editora, 2009.

SOUZA, R. **A origem do Dia das Crianças**. Disponível em: <<http://www.brasilescola.com/dia-das-criancas/a-origem-dia-das-criancas.htm>>. Acesso em: 12 janeiro 2010.

SPITZ, R. **O primeiro ano de vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VEJA. São Paulo, edição 2134, ano, 42, n. 41, 2009.

VEIGA-NETO, A.; BUENO FISCHER, R. Foucault, um dialogo.

**Educação e Realidade**, v. 29, n..1, jan./jun. 2004.

VOLNOVICH, Juan Carlos. **El niño del siglo del niño**. Buenos Aires: Lumen Humanitas, 1999.

WINNICOTT, D. **El gesto espontaneo**. Cartas escogidas. Barcelona, Paidós Ibérica: 1990.

\_\_\_\_\_. **Realidad y Juego**. Buenos Aires: Gedisa, 1982.

\_\_\_\_\_. **Os bebes e suas mães**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

\_\_\_\_\_. **El hogar, nuestro punto de partida**. Buenos Aires: Paidós Psicoogia Profunda, 1993.

\_\_\_\_\_. **El niño y el mundo externo**. Buenos Aires: Ediciones Hormé,1980.

\_\_\_\_\_. **Deprivación y delinqüência**. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1990.

ZABATTA, B. **Il mondo del gioco e il gioco del mondo in Friedrich Nietzsche**. 2002. Disponível em: <<http://www.uniurb.it/Filosofia/isonomia/2002%20zavatta.pdf>> Acesso em 02 janeiro 2007.

ZAFFARONI, R. **Clases Peligrosas**. Disponível em: <<http://www.pagina12.com.ar/diario/psicologia/9-136721-2009-12-10.html>> Acesso em: 10 dezembro 2009.